

Dr. Richard Booker

CELEBRANDO  
JESUS  
NAS  
FESTAS  
BÍBLICAS



DESCUBRA O SIGNIFICADO DESSAS FESTAS PARA OS CRISTÃOS

bybooks

# CELEBRANDO JESUS NAS FESTAS BÍBLICAS

Descubra A Importância Dessas  
Festas Na Vida Cristã

Dr. Richard Booker

bvbooks

Todos os direitos em língua portuguesa reservados por:

© 2016, BV Films Editora Eireli

e-mail: faleconosco@bvbooks.com.br

Rua Visconde de Itaboraí, 311 – Centro – Niterói – RJ

CEP: 24.030-094 – Tel.: 21-2127-2600

www.bvbooks.com.br

*É expressamente proibida a reprodução deste livro, no seu todo ou em parte, por quaisquer meios, sem o devido consentimento por escrito.*

All rights are reserved.

Originally published in the USA by Destiny Image. Shippensburg, PA – USA.

*Celebrating Jesus In the Biblical Feasts* by Dr. Richard Booker.

Copyright © 2009 – Dr. Richard Booker – USA

Editor Responsável: Claudio Rodrigues

Diagramação: Sebastião Souza e Jullian Ferreira

Tradução: Cristiane M. M. de Oliveira

Revisão de Texto: Amanda Salvador Porto

Érica Santiago (Termos Judaicos)

Ana Julia Ferro

Revisão de Provas: Ana Julia Ferro

*As passagens bíblicas utilizadas nesta obra foram, majoritariamente, da Nova Versão Internacional (NVI), salvo indicação específica. Todos os direitos reservados.*

Papel: Offset 60g 1c (Black) ISBN: 978-85-8158-106-4

1ª edição – Junho/2016

Impressão: RR Donnelley

Gênero: Costumes Bíblicos | Vida Cristã

# SUMÁRIO

*Prefácio*

*Introdução*

Capítulo 1 O Calendário Bíblico Judaico

Capítulo 2 Páscoa

Capítulo 3 Pães Ázimos

Capítulo 4 Primeiros Frutos

Capítulo 5 Pentecostes

Capítulo 6 Trombetas

Capítulo 7 Expição

Capítulo 8 Tabernáculos

Capítulo 9 Purim

Capítulo 10 Chanuká

Capítulo 11 Os Cristãos Celebrando Jesus nas Festas Judaicas

## PREFÁCIO

Nos escritos hebraicos, Deus apresentou, por meio das Escrituras, as características do Messias para que o povo judeu O reconhecesse quando Ele se manifestasse. Jesus de Nazaré se afirmou como tal e provou isso ao cumprir em Si mesmo as Escrituras e representações que apontavam para o Messias. Contudo, embora muitos judeus acreditassem Nele, a poderosa liderança judaica em Jerusalém, o sistema, rejeitou-O para si e para a nação de Israel.

Ironicamente, os gentios acolheram Jesus. Como escreveu o apóstolo João: “Veio para o que era seu, mas os seus não o receberam. Contudo, aos que o receberam, aos que creram em seu nome, deu-lhes o direito de se tornarem filhos de Deus” (Jo. 1:11-12).

Esses seguidores de Jesus vivenciaram um novo nascimento espiritual e se tornaram parte de um grupo de pessoas que vieram a ser chamadas de cristãos. Esses fiéis gentios não substituíram o povo judeu no plano de Deus de redenção. Em vez disso, foram colocados junto a eles e se tornaram parte da comunidade de Israel, tendo Abraão como seu pai espiritual.

## A GRANDE DIVISÃO

À medida que a Igreja Cristã (os convertidos) se tornou mais “gentílica”, os judeus e os cristãos começaram a seguir em direções opostas. Não demorou muito para a Igreja (a religião cristã organizada) ser inundada por incrédulos que abraçaram a fé cristã, mas nunca receberam a Jesus de maneira pessoal como seu Senhor e Salvador. Seus corações nunca mudaram. Essas pessoas trouxeram seu ódio pelos judeus consigo ao abraçarem essa nova fé cristã.

Por volta da mesma época, alguns dos primeiros pais da igreja (gentios não ligados às suas raízes hebraico-bíblicas) desenvolveram uma teologia defeituosa na qual criou-se uma mentalidade antissemita na igreja.

Mais adiante, isso separou o mundo cristão do mundo judaico. Essas primeiras declarações antissemitas estabeleceram as bases para o trágico futuro das relações judaico-cristãs as quais veriam a Igreja perder de vista suas raízes judaicas e iniciar uma perseguição aos judeus através dos séculos.

## DEUS ESTÁ FAZENDO ALGO NOVO

Mas, nesses últimos dias, Deus está fazendo algo maravilhoso. Ele está derrubando as muralhas do ódio e da incompreensão que dividiram judeus e cristãos. Está chamando o povo judeu para que retornem à sua antiga terra natal e ao seu Deus da aliança. Ele os está preparando para a vinda do Messias. Ao mesmo tempo, Deus está colocando nos corações dos cristãos um amor santo pelo povo judeu e os está despertando para as raízes bíblicas hebraico-judaicas de sua fé cristã.

Muitos cristãos estão percebendo que a origem de sua fé vem de Jerusalém, e não de Atenas, Roma, Genebra, Wittenberg, Aldersgate, Azusa Street, Springfield, Nashville, Tulsa, *etc.* Como resultado disso, cristãos ao redor do mundo estão se aproximando dos judeus em suas comunidades, entoando canções das escrituras hebraicas, redescobrimdo suas raízes judaicas e celebrando o Shabat e as Festas do Senhor como cumpridas em Cristo. Está claro que é o tempo determinado por Deus para reconciliar judeus e cristãos na preparação para a vinda do Messias.

## CELEBRANDO A JESUS NAS FESTAS

Devido ao período profético em que vivemos, milhões de cristãos ao redor do mundo estão percebendo que é apropriado, bom e agradável para o Senhor celebrar a Jesus nas Festas. Os cristãos têm recebido muitas bênçãos ao fazerem isso. Algumas delas são:

1. Melhor entendimento da Bíblia.
2. Descoberta das raízes judaicas do cristianismo.
3. Assimilação plena do plano de redenção de Deus.
4. Paixão renovada por Jesus.
5. Maior compreensão do período profético de Deus.
6. Ensinaamentos mais claros e poderosos por meio de recursos visuais.
7. Descoberta do calendário bíblico da igreja.
8. Amor pelo povo judeu e compreensão do papel de Israel na profecia bíblica e em situações atuais.
9. Crescimento espiritual e união entre os familiares.

Que cristão não desejaria essas bênçãos? Você pode concretizá-las em sua própria vida e como igreja ao celebrar as Festas do Senhor à medida que encontra seu cumprimento em Cristo. Isso não é algo que os cristãos devam fazer, mas é um meio de nos identificar com Jesus, nosso Messias judeu. É uma bênção, não um fardo. É um ato de amor, não legalismo.

Quando os cristãos celebram a Jesus nas Festas, eles não estão “colocando-se sob a lei” ou tentando ser judeus. Estão simplesmente expressando seu desejo de retornar às raízes bíblicas da fé. Esses desejos vêm do Espírito de Deus que os faz nascer no coração do cristão. Responder a esses desejos é totalmente uma questão da graça de Deus e de maneira nenhuma uma questão de legalismo. Cristãos que estão descobrindo as raízes hebraico-bíblicas e querem celebrá-las, não deveriam se gloriar na representação de Jesus, mas na Sua pessoa.

Paulo disse: “Pois tudo o que foi escrito no passado, foi escrito para nos ensinar...” (Rm. 15:4). Ao

celebrar a Jesus nas Festas, nós podemos aprender mais plenamente o que Ele fez por nós e como andar com Ele em nossa vida diária.

Eu posso afirmar isso com base em minhas próprias experiências.

Em 1974, o Senhor me despertou espiritualmente para compreender que a Bíblia hebraica, a qual nós cristãos chamamos de Antigo Testamento, era uma representação da pessoa de Jesus de Nazaré. Acredite ou não, o Senhor me mostrou isso no livro de Levítico. A Palavra de Deus saltou das páginas da Bíblia e explodiram espiritualmente em meu coração. Ele estava vivo e com todo seu poder e vida dentro de mim. Eu experimentei uma imediata, radical e duradoura mudança em minha vida e eu não tenho sido o mesmo desde então.

Com essa revelação queimando em meu coração, comecei a ver que a Bíblia era mais que uma coleção de histórias independentes. Havia um tema principal que contava uma história central através de suas páginas.

Essa história central era a de que Deus havia tomado a iniciativa de firmar uma aliança de sangue conosco por meio de Cristo. Deus me capacitou a ver essa história em cada livro da Bíblia. A Bíblia não era mais um velho livro empoeirado. Ela era a Palavra viva de um Deus vivo e estava presente em mim. Eu escrevi sobre isso em meu livro *O Milagre do Fio Escarlate*.

Quando o Senhor me mostrou Jesus em Levítico, Ele abriu meus olhos espirituais para ver como Jesus era retratado nas Festas bíblicas do Senhor. Essa revelação incrível tem sido uma das maiores bênçãos da minha vida. A descoberta de Jesus nas Festas me ajudou a entender a Bíblia e o plano de salvação de Deus a saber como caminhar com Ele; renovou minha paixão por Jesus e muitas outras bênçãos que mencionei.

O Senhor me envolveu de tal maneira com Sua presença que, a partir dessa revelação, senti a necessidade de compartilhá-la com outros. Então, deixei minha carreira naquela época e dediquei a minha vida para contar a todos o que o Senhor havia me mostrado.

Imediatamente comecei a ensinar sobre a aliança do sangue e as Festas do Senhor como representações de Cristo. Foi no início dos anos 80 que eu escrevi meu livro *Jesus in the Feasts of Israel*. Desde essa época, o livro teve várias edições e tocou as vidas de milhares de leitores. Agora que mais cristãos estão descobrindo essas verdades maravilhosas para suas vidas, pareceu uma boa ideia lançar uma versão atualizada deste livro com esse título atual. Por isso, sou grato a meus amigos na Destiny Image Publishers por partilhar dessa visão de trazer esse trabalho importante para uma nova geração de leitores.

À medida que você lê este livro, eu oro por vida nesta bênção poderosa de Números 6:24-26: “O Senhor te abençoe e te guarde; o Senhor faça resplandecer o seu rosto sobre ti e te conceda graça; o Senhor volte para ti o seu rosto e te dê paz”.

# INTRODUÇÃO

## A IMAGEM DE UMA PESSOA

Tenho certeza de que você já ouviu a expressão: “Uma imagem vale mais que mil palavras” O que nós entendemos com isso?

Simplesmente que podemos comunicar com clareza nossos pensamentos e conceitos usando recursos visuais do que apenas palavras.

Por exemplo, se você quiser ensinar o alfabeto a uma criança, você não começa fazendo uma palestra sobre a teoria da linguagem. A criança não seria capaz de entender o que você diz. Em vez disso, você dá a ela uma peça com uma letra do alfabeto. A peça é um recurso visual para ensinar a criança a reconhecer uma letra do alfabeto em especial.

À medida que a criança aprende, você lhe dá mais peças blocos com outras letras até que ela tenha uma para cada letra do alfabeto. Logo, a criança consegue organizar todas elas na sequência correta do alfabeto e compor palavras isoladas. É assim que uma criança aprende o abecedário. As peças são recursos visuais usados como lições práticas para ensinar o alfabeto à criança.

No mundo de hoje, os pais também usam computadores em substituição a esses materiais. O princípio, porém, é o mesmo – só que agora isso acontece no computador. A criança aprende a escolher imagem da letra no computador. O programa comunica à criança se ele ou ela deu a resposta certa.

## OS RECURSOS VISUAIS DE DEUS

Na Bíblia, Deus frequentemente usa recursos visuais como lições práticas para nos ensinar as verdades espirituais que Ele quer que compreendamos. Ele usou o recurso visual de forma semelhante ao uso das peças para ensinar o alfabeto aos nossos filhos. Deus fez isso porque em nossa condição decaída, pecaminosa, é difícil para nós compreendermos as verdades espirituais. Percebemos as coisas através de nossos sentidos físicos com mais clareza do que pelos espirituais.

Com isso, quando Deus começa a ensinar sobre a aliança ao Seu povo, os judeus, Ele o faz por meios visuais ou por imagens com as quais eles conseguiriam compreender usando seus sentidos físicos. Deus apresentou essas imagens na bíblia hebraica em forma de diversas leis religiosas e rituais os quais os judeus deveriam guardar (Eu usarei o termo *Bíblia Hebraica* em vez de *Antigo Testamento* neste livro). À medida em que os judeus praticavam essas leis e rituais, aprendiam, através de seus sentidos físicos, verdades espirituais referentes ao seu relacionamento com Deus.

Durante 1.500 anos, os judeus aprenderam sobre o único e verdadeiro Deus por meio desses

recursos visuais. Suas leis e rituais religiosos se centralizavam na figura do Messias e lhes ensinavam a conhecer Deus e andar com Ele diariamente... Elas também apontavam para o Messias.

Mas, assim como os blocos infantis não são o alfabeto, as letras escritas que formavam as leis não se completavam. Elas eram importantes, mas eram apenas palavras. Mas, assim como os blocos infantis não são o alfabeto, as letras escritas que formavam as leis não se completavam. Elas eram importantes, mas eram apenas palavras.

## O RECURSO VISUAL MAIS AVANÇADO

Após séculos observando várias dessas imagens, chegou o tempo dos judeus entrarem na realidade espiritual desses recursos visuais. A transição do físico para o espiritual lhes foi proporcionada por meio de Jesus de Nazaré, o Messias judeu e Salvador do mundo. Enquanto os escritos hebraicos concedia a visualização das palavras, o Novo Testamento concedeu a pessoa. Ou seja, as palavras na Bíblia Hebraica apontavam para a pessoa no Novo Testamento.

Essa conexão exemplo-pessoa foi o que Jesus quis se referir em Mateus 5:17-18 quando Ele disse: “Não pensem que vim abolir a Lei ou os Profetas; não vim abolir, mas cumprir. Digo-lhes a verdade: Enquanto existirem céus e terra, de forma alguma desaparecerá da Lei a menor letra ou o menor traço, até que tudo se cumpra”.

Devido ao fato da interpretação ocidental comum de *cumprir* significar fazer algo em “completo”, os cristãos acreditavam que Jesus queria dizer que tudo relacionado a Ele não seria mais necessário. Isso não era o que Jesus queria dizer e por esta razão, temos que entender Suas palavras no contexto de Sua cultura e costumes judaicos.

Para mestres da Bíblia Hebraica e rabinos da época de Cristo, a palavra a qual é traduzida para nosso idioma como *cumprir* significava a interpretação verdadeira ou correta da Escritura, enquanto a palavra *abolir* significava dar uma interpretação falsa ou incorreta. Essas palavras eram usadas com um sentido técnico pelos líderes religiosos judeus quando estes discutiam acerca do significado correto das Escrituras. [\[Nota 1\]](#)

Nos tempos do Novo Testamento, mestres da Bíblia hebraica e rabinos, assim como cristãos professores da Bíblia e pastores nos dias de hoje, frequentemente estudavam a Bíblia juntos. Quando discutiam uma certa passagem, cada um dava sua opinião acerca do que achavam que ela significava.

Alguém começava a dizer: “Eu acredito que essa passagem significa isto ou aquilo”. Inevitavelmente, alguém do grupo de estudo discordaria.

Então, a pessoa dizia: “Não, isso não está correto. Você não está interpretando corretamente essa passagem. Você está abolindo ou destruindo a Escritura. Então, outra pessoa falava: “Não, ele está cumprindo a Escritura. Ele está atribuindo um significado verdadeiro à passagem”.

Quando Jesus usou as palavras *cumprir* e *abolir*, Ele estava utilizando termos que eram usados por

líderes religiosos de Seu tempo. Eles entenderam exatamente o que queria dizer. Jesus estava dizendo-lhes que Ele não veio para abolir ou destruir (desviá-los com um ensinamento falso) as Escrituras hebraicas. Pelo contrário Ele as cumpriu se transformando em carne, sendo a personificação humana do significado real das Escrituras e da realidade espiritual.

Um *jot* é um caractere chamado de *yod* e é o menor do alfabeto hebraico. O *daguesh* é um pequeno ponto usado para distinguir certas letras do hebraico. Ao fazer tal referência, Jesus está mostrando como Ele honrou e cumpriu até mesmo o mínimo que foi descrito sobre Ele nas escrituras hebraicas.

Infelizmente, nós cristãos que vivemos no mundo ocidental somos aqueles que, inconscientemente, destruimos (entendemos erroneamente) as obras de Deus, ao interpretarmos as palavras de Jesus com uma visão ocidental, em vez de compreendê-Lo como um mestre da Palavra de Seus dias. O resultado disso tem sido uma grande perda dessas características em relação a nós como à pessoa. Mas, atualmente, estamos no período mais intenso da história espiritual, é o momento em que Deus está despertando os cristãos ao redor do mundo para a importância do entendimento das Escrituras em seu contexto cultural e das ações espirituais de nosso Senhor.

Quero compartilhar uma história marcante a qual se relaciona com a importância de compreendermos Jesus em seu contexto judaico. Essa é uma história real sobre um jovem judeu chamado Issur Danielovitch.

Issur era filho de um judeu russo. Teve uma pobre e dura infância em Nova York, onde frequentemente era atormentado com o *bullying* feito pelo “cristão” da vizinhança. Já adulto, longe de sua crença judaica, encontrou sucesso, fama e riqueza além do que poderia sonhar. Deus definitivamente não fazia parte de sua vida.

Em 13 de fevereiro de 1991, Issur teve um acidente de helicóptero no qual duas pessoas morreram, porém ele sobreviveu milagrosamente.

Enquanto ele meditava sobre a razão de ter sobrevivido, ele iniciou sua busca pessoal pelo significado da vida, por seu próprio relacionamento com Deus e por sua identidade como judeu.

Como parte dessa busca, Issur leu o Novo Testamento, o qual é um livro proibido para os judeus. Ele explica: “Então, como o meu caminho de volta começou? Eis aqui o choque: – com Jesus. Logo, eu descobri que Ele era judeu! Puxa! Depois, descobri que Jesus não era apenas judeu, mas um rabino que pregava sermões baseados na Torá. Os cristãos sabem disso? Algumas coisas que Jesus dizia faziam mais sentido no contexto do judaísmo do que do cristianismo. De todas as coisas que eu li sobre Ele, uma das que mais me influenciaram foi o discurso de Jesus relatado pelo autor do Evangelho de Mateus”.[\[Nota 2\]](#) Em seguida, Issur cita Mateus 5:17-19.

O nome verdadeiro de Issur Danielovitch é Kirk Douglas. Sim, Kirk Douglas, um dos mais famosos astros do cinema na história de Hollywood, encontrou sua identidade judaica quando percebeu que Jesus era um rabino judeu que ensinava a Torá. Só quando Kirk reconheceu Jesus como Messias, se voltou de fato às suas raízes judaicas e encontrou uma nova espiritualidade e

propósito para a vida.

Quando nós, enquanto cristãos, descobrirmos Jesus em seu contexto judaico, também encontraremos uma nova espiritualidade por meio das escrituras da Torá se referindo a Ele como o Messias. Esses relatos são provas reais da pessoa e da obra redentora de Cristo.

O nome de Jesus em hebraico é *Yeshua*. *Cristo* vem da palavra grega *christos* e significa o mesmo que a palavra hebraica para Messias, a qual é *mashiach*. [\[Nota 3\]](#) Para nos ajudar a mantê-lo em seu contexto judaico e devidamente ligado às Suas palavras, eu coloquei *Yeshua o Messias* entre colchetes quando a Bíblia em nossa língua usa o nome *Jesus Cristo*.

Os seres humanos precisam de exemplos para auxiliar no entendimento do mundo à sua volta. Os exemplos reais de recursos visuais que Deus concedeu ao povo judeu eram sem formas espirituais que apontavam para o Messias Jesus. Cristo era a prova real da existência de Deus.

Ele foi a revelação perfeita do significado espiritual das escrituras. Jesus disse a alguns de Seus seguidores: "...Quem me vê, vê o Pai" (Jo. 14:9).

Agora que tivemos Sua presença pessoal, não há necessidade de procurar Deus através de rituais religiosos. De fato, Deus nunca usou alguém para ser objeto de afeição, pois o propósito era mostrar alguém como exemplo ao povo. Foi isso que o apóstolo Paulo quis dizer quando declarou: "Porque o fim [objetivo] da Lei é Cristo [Messias], para a justificação de todo o que crê" (Rm. 10:4). As palavras traduzidas para o nosso idioma como "o fim" não significam desnecessário ou inútil, mas sim "o objetivo". Portanto, todos os exemplos se voltam para o alvo: Jesus.

Isso não significa, no entanto, que os exemplos não sejam mais valiosos para nós. Ainda são importantes para nos ajudar a compreender como conhecer a Deus e caminhar com Ele por meio de um relacionamento pessoal com Jesus. Simplificando, nós podemos conhecer alguém melhor quando vemos suas ações. Voltar-se apenas para os exemplos, e não para uma pessoa em especial, é religião, quando acontece o contrário, é relacionamento. O nosso relacionamento é com a pessoa, mas suas ações nos ajudam a conhecê-la melhor.

Eu sou casado há mais de 40 anos com a mesma mulher maravilhosa. Tenho fotos dela por toda a casa, e quando ela entra em um cômodo da casa, não abaixo sua foto como se não precisasse mais dela, porque minha esposa está ali. Eu olho para sua foto quando ela não está comigo, porque a amo e quero ver seu rosto.

De forma parecida, apenas porque Jesus entrou em nosso coração, isso não significa que não precisamos dos exemplos que nos foram dados por Ele. Precisamos deles, não para salvação, mas como lembranças reais de quem Ele é e do que Ele fez por nós. Os exemplos nos ajudam a focar em Sua presença pessoal e fornecem informações poderosas de nosso Senhor, a quem ainda não vimos face a face.

Os cristãos certamente conseguem se identificar com as representações espirituais. Por exemplo, o

batismo na água e a Santa Ceia são duas manifestações visuais poderosas que nos remetem para a pessoa e para a obra de Jesus. Expressamos exteriormente nosso relacionamento com Ele por meio desses rituais. As formas ritualísticas não nos salvam, mas são importantes para nos manter focados em nosso relacionamento com o Senhor enquanto nos lembram do que Ele fez por nós. Nós nunca poderíamos pensar em abolir as exemplificações ou achar que não precisamos mais delas.

## AS FESTAS DO SENHOR

Alguns dos recursos visuais mais nítidos que Deus nos fornece na Bíblia são os dias sagrados. Durante séculos, os cristãos ouviram que essas imagens bíblicas eram as “Festas Judaicas” que Jesus cumpriu (aboliu). Acabamos de aprender que essa é uma interpretação equivocada do que Jesus quis dizer. Como veremos, a Bíblia refere-se a esses dias sagrados religiosos como as “Festas do Senhor”, e não como as “Festas dos Judeus”.

Os cristãos em sua maioria ficam verdadeiramente surpresos e admirados quando aprendem que Deus fez referência, em especial, a Seus dias santos no primeiro capítulo do livro de Gênesis. No quarto dia da criação, lemos: “Disse Deus: Haja luminares no firmamento do céu para separar o dia da noite. Sirvam eles de sinais para marcar estações, dias e anos” (Gn. 1:14).

A palavra hebraica traduzida para nossa língua como “estações” é *moed*, que significa um período, estação ou locais fixos e designados aonde Deus se encontraria com Seu povo. Refere-se especificamente aos dias santos designados por Deus. Esses dias são festivais sagrados ou dias festivos feitos para Ele, em que o povo tem um encontro sagrado com o Deus Vivo.

*Moed* é a mesma palavra usada para se fazer referência às Festas do Senhor no livro de Levítico. Deus estabeleceu essas celebrações especiais quando tirou os hebreus do Egito. Deus, então falou a Moisés, “Diga o seguinte aos israelitas: Estas são as minhas festas, as festas fixas do Senhor, que vocês proclamarão como reuniões sagradas... Estas são as festas fixas do Senhor, as reuniões sagradas que vocês proclamarão no tempo devido” (Lv. 3:2,4).

Quando ouvimos a palavra festa pensamos em uma refeição elaborada ou um banquete. Temos a tendência de associar a palavra com comida.

Após ensinar e escrever sobre esse assunto por mais de trinta anos, eu ainda fico chocado quando cristãos me contam que pensavam que esses dias santos tinham algo a ver com judeus e comida.

Note que Deus disse que essas são Suas Festas. Na Bíblia, o nome de Deus na aliança é YHWH (Yahweh). Essas são as Festas de YHWH

— Elas eram convocações ou assembleias santas especiais estabelecidas por Deus quando o povo judeu se reunia para se encontrarem com Deus de um modo especial. Podemos considerá-las como reuniões religiosas.

A palavra hebraica para uma “santa convocação” ou “assembleia sagrada” é *mikrah*. Essa palavra

significa “ensaio geral”. Os judeus costumavam fazer nos festivais uma encenação, ou ensaio geral, com o propósito de revelar o Messias e aprender acerca do plano profético e redentor de Deus. Em outras palavras, durante 1.500 anos, os judeus encenaram em forma de teatro a redenção como uma representação da pessoa do Messias Jesus.

Deus apontou três períodos de festas com sete festas individuais e programou-as no calendário hebraico de tal maneira que os judeus, para guardá-las, tinham que ir a Jerusalém três vezes por ano (veja Êxodo 23:14-17 e Deuteronômio 16:16).

Esses três períodos de festa ficaram conhecidos como Páscoa (Pessach), Pentecostes (Shavuot) e Tabernáculos (Succot). Eles mostravam e representavam os três grandes encontros com Deus na vida do povo de Sua aliança. Esses encontros tinham como propósito conceder a paz, o poder e o descanso divinais em suas vidas. Assim, consideradas em conjunto, essas festas representam sete passos na caminhada cristã com Deus.

A Festa da Páscoa era a primeira desse período comemorativo e o objetivo era ensinar aos hebreus como encontrar a paz de Deus. No entanto, essa comemoração incluía as Festas da Páscoa, dos Pães Ázimos e das Primícias. A segunda festa, nesse período, era a de Pentecostes, a única em que os hebreus eram ensinados a receber o poder de Deus.

O terceiro e último período de festas era chamado de Tabernáculos e o propósito dessa celebração era ensinar ao povo a entrar no descanso de Deus que incluía as Festas das Trombetas, da Expição e dos Tabernáculos.

As Festas do Senhor eram recursos visuais muito importantes para o povo judeu. Cada uma dessas sete festas se referem ao Messias, que mostrava cada aspecto único e particular de Sua vida e ministério. Sendo assim, de uma maneira geral, elas formam um quadro completo da pessoa e da obra do Messias e esses são os passos que devemos dar para andar na paz, no poder e no descanso de Deus. Os cristãos entendem em seus corações, que Jesus é o Messias por meio do Espírito de Deus.

As grandes festividades não foram apenas celebradas por Ele como também cada grande acontecimento em Sua vida também ocorreu em um dia festivo. Puxa! Então já que Jesus celebrava esses festivais e era a realidade espiritual de todos eles, você não acha importante aprendermos a relação dessas celebrações com Ele e o que elas significam para nós? E visto que essas são as Festas do Senhor, não seria bom para todo o povo da aliança celebrar Jesus através dessas grandes representações? Portanto já que todos nós precisamos da paz, do poder e do descanso de Deus, não seria benéfico para os cristãos entender como essas imagens podem nos ajudar a internalizar a obra redentora de Cristo em nossas vidas?

## POR QUE ESCREVI ESTE LIVRO

Ao considerar que todos nós estamos à procura da paz, o mundo atual não é diferente do mundo da Bíblia. As nações estão desesperadas por não conseguirem encontrar um meio para evitar um holocausto nuclear e Israel tentando em vão viver em paz com seus vizinhos. As pessoas procuram a

paz dentro de si, com Deus e em seus relacionamentos. Mas nós nunca teremos paz até que submetamos nossas vidas ao Deus de Abraão, Isaque e Jacó. Por isso, a Festa da Páscoa ensina-nos a ter paz com Deus por meio de um relacionamento pessoal com Jesus, nosso Cordeiro Pascal.

Todos que possuem essa proximidade com Jesus têm paz com Deus.

Mas, infelizmente, nem todos os seguidores de Cristo têm a paz de Deus, pois muitos cristãos são vencidos pelo medo, pela preocupação e pela ansiedade. Logo, é por meio da Festa da Páscoa, que engloba o período dos Pães Ázimos e das Primícias, que não só aprendemos a ter paz com Deus, mas também a paz de Deus.

Assim, não precisamos só da paz de Deus como também de Seu poder. A Bíblia e a experiência humana nos dizem que a humanidade está irremediavelmente escravizada por hábitos auto-destrutivos. Entretanto, não importa quantas promessas de Ano Novo façamos, porque parece que não somos capazes de levá-las adiante. Por esse motivo, o pecado nos domina e somente Deus pode nos libertar!

No Salmo 62:11, diz-se que “o poder pertence a Ele”. Deus tornou Seu poder disponível a nós por meio do Messias Jesus. Contudo, nem todo cristão está andando em Seu poder porque muitos ainda estão dominados pelo pecado, pelo medo da morte e por satanás. A Festa de Pentecostes ensina-nos a receber o poder de Deus e a tomar posse dele em nossa vida diária.

Dessa forma, não somente precisamos da paz e do poder de Deus; como também necessitamos de Seu descanso. Nossa efêmera jornada nesta Terra é um momento fugaz, no qual constantemente guerreamos contra os ataques do mundo dirigidos a nossas almas. As situações, de fato, nem sempre terminam do jeito que esperamos pois a vida é cheia de decepções, mágoas, fardos e provações. Mesmo assim, muitos cristãos cansam de servir a Deus e de lidar com as provações e lutas da vida.

porque estão simplesmente exaustos. Portanto, a Festa dos Tabernáculos ensina-nos a encontrar o descanso de Deus para nossas almas nesta vida.

O desafio mais arduo e difícil que podemos enfrentar como seres humanos imperfeitos vivendo em um mundo imperfeito é a busca pela paz, pelo poder e pelo descanso da nossas almas. Contudo, Deus providenciou os meios para vivermos vitoriosamente em meio às coisas boas e ruins das experiências da vida. Eu escrevi este livro para ajudá-lo a aprender a encontrar o Deus Vivo de tal maneira que você caminhará na paz, no poder e no seu descanso divinalis.

## VEJA O QUE VEM A SEGUIR

No capítulo 1, iniciaremos com um quadro geral do calendário bíblico judaico. Talvez, você se pergunte: “O que o calendário judaico tem a ver com a paz, o poder e o descanso de Deus para minha alma?” A resposta é simples, pois Ele colocou Suas festas, Seus *moed*, no calendário judaico para serem celebradas ao mesmo tempo e na mesma ordem.

A razão pela qual Deus fez isso foi porque Jesus o Messias deveria cumpri-las (personificar seu verdadeiro propósito e significado espirituais) em Sua própria vida e ministério nas datas exatas em que os judeus as vinham celebrando durante 1.500 anos. Então, Jesus cumpriu os dois primeiros períodos festivos (a Páscoa e o Pentecostes) em Sua primeira vinda, mas cumprirá a terceira festa (Tabernáculos) em Sua segunda vinda. Isso significa que há muitos significados proféticos no calendário judaico, e que o tempo e a sequência dessas festas revelam o plano profético geral de Deus.

Como cristão, é muito importante entender o calendário judaico com a finalidade de aprender a aplicar as verdades espirituais retratadas nas festas de sua vida pessoal. Como foi afirmado, elas são representações de Jesus que nos ensinam a conhecê-Lo e caminhar com Ele.

A partir dos capítulos a seguir, estudaremos cada festa em detalhe e voltaremos aos escritos hebraicos, em que se pode ver exatamente o que Deus disse aos judeus para fazerem e como cada festa deveria ser celebrada. Logo após, examinaremos o Novo Testamento e descobriremos como Jesus cumpriu a festa. Após fazer essa conexão, aprenderemos a aplicar o que Jesus conquistou em favor de nossa vida e, finalmente, veremos como Deus tem restaurado as realidades espirituais dessas festas através da história da Igreja.

Além disso, há uma revisão para estudo pessoal no final de cada capítulo para ajudá-lo a destacar e reforçar o que aprendeu, no qual você pode completar essa análise em particular ou em grupo.

O salmo 89:15 diz: “Como é feliz o povo que aprendeu a aclamar-te, Senhor, e que anda na luz da tua presença!” A palavra “aclamar” refere-se ao som da trombeta para conclamar o povo a entender e participar das realidades espirituais das festas.

Pai Celestial, abençoe aquele que lê este livro, pela divina intercessão, influência para ouvir o júbilo da Sua paz, de Seu poder e de Seu descanso. Amém!

### Revisão Para Estudo Pessoal

1. Por que Deus usou recursos visuais na Bíblia hebraica?
2. O que Jesus disse sobre Seu relacionamento com a Bíblia hebraica e a Torá?
3. Explique o significado das seguintes palavras hebraicas: A. *Moed* B. *Mikrah*
4. Quais são as Festas do Senhor?
5. Nomeie os três períodos festivos.
6. Nomeie as sete festas na ordem em que devem ser guardadas.

Nota 1 - Ver [www.thepresence.net/index.asp?pagename=fulfilled](http://www.thepresence.net/index.asp?pagename=fulfilled) 2. Kirk Douglas, *Climbing the Mountain* (Nova York, NY: Simon & Schuster, 2000), 118-124. [\[Voltar\]](#)

Nota 2 - Kirk Douglas, *Climbing the Mountain* (Nova York, NY: Simon e Schuster, 2000), 118-124. [\[Voltar\]](#)

Nota 3 - Ibid. [\[Voltar\]](#)

## O CALENDÁRIO BÍBLICO JUDAICO

O calendário padrão usado mundialmente hoje é conhecido como calendário Gregoriano e recebeu tal nome por causa do Papa Gregório XIII, quem o idealizou em 1582. Por operar baseado no princípio da Terra girando em torno do Sol chama-se, então, calendário do Sol ou “solar”. Dessa forma, as diferentes estações das quais desfrutamos resultam do mesmo princípio.

Como sabemos, os dias nesse calendário começam à meia-noite e duram 24 horas. Isso leva, aproximadamente,  $365 \frac{1}{4}$  dias para a terra fazer um círculo completo ao redor do sol. Sendo assim, é dessa maneira que determinamos a duração do ano no calendário Gregoriano. No entanto, deve-se fazer um ajuste para um quarto extra de um dia para adicionarmos mais um dia a cada quatro anos, o tornando bissexto com 366 dias.

O calendário bíblico ou judaico é “lunar” ou da lua, por ser baseado em seu movimento ao redor da terra. Os dias nesse calendário começam no pôr-do-sol (aproximadamente às 18h) e também duram 24 horas, o que leva quase  $29\frac{1}{2}$  dias para a Lua fazer um círculo completo em volta da terra.

Porém, os doze meses lunares somam cerca de 354 dias em um ano lunar.

Assim, a diferença entre os calendários significa que o ano solar tem  $11\frac{1}{4}$  dias a mais que o lunar. Dessa forma, essa diferença exige que o povo judeu faça ajustes ao seu calendário, ou, então, após alguns anos, celebre seus dias festivos na época errada do ano.

Como notamos no capítulo anterior, Deus estabeleceu tempos e estações fixos para os judeus guardarem suas festas (veja Levítico 23:4). Por exemplo, Ele ordenou-lhes que celebrassem a Festa da Páscoa durante a primavera (veja Êxodo 12:1-11 e Ezequiel 45:21). Portanto, se os judeus não ajustassem seu calendário periodicamente, perderiam a primavera por mais  $11\frac{1}{4}$  dias a cada ano e, após cinco anos, celebrariam a Páscoa com  $56\frac{1}{4}$  dias de atraso.

Logo, para compensar essa diferença anual de  $11\frac{1}{4}$  dias, o calendário judaico também tem um ano bissexto. Em vez de adicionar um dia extra a cada quatro anos como no calendário Gregoriano, é adicionado um mês extra ao final de cada terceiro ano. E o mês tem  $29\frac{1}{2}$  dias, o qual compensa a maior parte da diferença entre os dois calendários. Assim, esse ajuste permite que o povo judeu celebre suas festas nas estações designadas por Deus.

Então, observaremos o calendário judaico a partir da cópia que está disponível no final deste capítulo, com o propósito de atingir uma compreensão básica de como ele é organizado. Será necessário fazer referência a ele para essa discussão.

## O CALENDÁRIO SAGRADO

Os Judeus tinham dois calendários civis concomitantes. Um era o calendário sagrado que Deus estabeleceu quando os tirou do Egito. Sendo assim, aprendemos em Êxodo 12:2 que Deus disse ao povo que sua libertação do Egito deveria ser o começo do calendário sagrado e que *Nissan* seria o primeiro mês do ano desse calendário. Esse mês era originalmente chamado de *Abib*, mas foi mudado para *Nissan* durante o cativeiro na Babilônia. Ao olhar o calendário lunar, é possível ver que *Nissan* corresponde aos meses de março e abril no calendário Gregoriano e por causa dos 11¼ dias de diferença entre os dois calendários, cada mês do lunar pode vir em um ou dois meses Gregoriano.

## O CALENDÁRIO CIVIL

O outro calendário anual era o civil baseado na estação agrícola dos judeus. Esse calendário começa com o mês de Tishrei, o qual corresponde aos meses de setembro e outubro que é o início da safra agrícola.

Assim, o calendário civil e a estação agrícola começam com as primeiras chuvas que suavizam o solo para a aragem que era feita em outubro e novembro. Em seguida, o plantio do trigo e da cevada novembro e dezembro, e as chuvas de inverno vinham em dezembro e janeiro para manter o solo úmido.

Depois acontecia o florescimento das amendoeiras em janeiro e fevereiro e, nos próximos dois meses, a colheita dos cítricos.

As chuvas de primavera ou as últimas chuvas caíam em março e abril, simultaneamente ao começo da colheita da cevada. Logo, a estação seca ia de abril/maio até setembro/outubro. A colheita de cevada durava os meses da primavera e era seguida pela de trigo em maio/junho. A colheita da uva vinha durante os meses de junho/julho, bem como os meses seguintes, que eram a época da colheita da azeitona. Assim, a estação terminava com a colheita dos frutos da palmeira e dos figos em agosto/setembro.

## OS PERÍODOS FESTIVOS

A Páscoa era a primeira festa celebrada e representava o primeiro dos três maiores encontros com Deus na vida de Seu povo da aliança. Por essa razão, o calendário sagrado começa com a Páscoa no mês de *Nissan* (março/abril) que era celebrada durante a colheita da cevada. Essas festas eram recursos visuais que mostravam ao povo judeu como conhecer a Deus e como andar com Ele. E como dissemos, elas eram retratos do Messias. As verdades espirituais simbolizadas pelas festas estão disponíveis para todos que encontram Deus por meio de um relacionamento pessoal com Jesus, o Messias.

Como cristãos, o primeiro encontro que temos com Deus, por meio de Cristo, nos traz o perdão dos pecados e a reconciliação com nosso Deus Criador. O resultado é que temos tanto a paz com Deus quanto a paz de Deus. Por essa razão, a Festa da Páscoa é a primeira celebrada no calendário sagrado judaico.

A Festa de Pentecostes era celebrada em seguida, pois representava o segundo maior encontro com Ele, que retratava o Seu poder. Todos nós precisamos do poder de Deus agindo em nossas vidas. Uma vez que obtemos paz com Deus por meio de nosso relacionamento pessoal com Cristo, conseguimos experimentar Seu poder. Por esse motivo, a Festa de Pentecostes era a segunda celebrada no calendário sagrado, juntamente com a época da colheita do trigo no mês de *Sivan* (maio/junho).

A Festa dos Tabernáculos era celebrada por último, no final da estação agrícola e no início da nova, durante o mês lunar do Tishrei (setembro/outubro). Deus estabeleceu essa posição no calendário sagrado, porque representava Seu terceiro e último encontro na vida de Seu povo.

Esse encontro final com Ele seria o lugar, na nossa caminhada com Deus, onde encontraríamos Seu descanso divino para nossa alma. Sendo assim, a paz de Deus vem primeiro, em seguida Seu poder e, por fim, Seu descanso.

Um estudo do calendário sagrado certamente não é importante em si, pois nosso conhecimento acerca dele é para entender o plano de Deus de redenção e de salvação para a humanidade pela pessoa e obra de Jesus.

Na medida que estudarmos as festas nos capítulos seguintes, veremos de maneira clara que Deus tem mesmo um plano para redimir todos aqueles que vierem a Ele por meio do Messias Jesus.

Calendário Judaico				
Sagrado	Civil	Nome dos Meses	Estação Agrícola	Festa
1	7	Nissan-Mar-Abr	Colheita da Cevada	Páscoa
2	8	Iyar-Abr-Mai	Colheita da Cevada	
3	9	Sivan-Mai-Jun	Colheita do Trigo	Pentecostes
4	10	Tamuz-Jun-Jul	Colheita da Uva	
5	11	Av-Jul-Ago	Colheita da Azeitona	
6	12	Elul-Ago-Set	Colheita dos Frutos e Figos	
7	1	Tishrei-Set-Out	Primeiras Chuvas	Tabernáculos
8	2	Cheshvan-Out-Nov	Aragem	
9	3	Kislev-Nov-Dez	Plantio do Trigo e da Cevada	
10	4	Tevet-Dez-Jan	Chuvas de Inverno	
11	5	Shevat-Jan-Fev	Florescimento das Amendoeiras	
12	6	Adar-Fev-Mar	Colheita dos Cítricos (Últimas chuvas)	
13	—	Adar Sheeni	Mês Intercalado	

Através de nosso estudo das festas, aprenderemos que o plano de Deus para realizar Sua redenção tem um início, um processo e uma conclusão definidos. Isso se relaciona não somente com a pessoa e a obra de Jesus nosso Senhor e Salvador, mas também, com nossas vidas enquanto cristãos. Sendo assim, elas são representações visuais que nos ensinam a andar com Deus e como Ele trabalha ao longo da história para redimir a humanidade conforme o que é revelado em seus períodos proféticos.

### REVISÃO PARA ESTUDO PESSOAL

1. Explique a diferença entre o calendário bíblico judaico e o calendário padrão usado pelo mundo.
2. Nomeie os dois anos civis simultâneos usados pelos judeus.
3. Liste os três períodos de festas na ordem em que são celebrados.

# PÁSCOA

Há dois quadros no final deste capítulo. O primeiro se intitula *As Festas do Senhor*, o qual destaca os principais aspectos de cada festa e ajudará você a entender mais claramente os ensinamentos deste livro. Assim, conforme discutirmos em detalhes as festas individuais em cada capítulo, será necessário fazer referência a esse mesmo quadro. O segundo intitula-se *Quando Jesus foi crucificado e ressuscitou?* o qual também será preciso fazer referência nos capítulos sobre a Páscoa, os Pães Ázimos e as Primícias. Eu explicarei esse quadro mais tarde neste capítulo.

Agora, vá até a página que mostra *As Festas do Senhor* note que há seis colunas, cada uma com seus respectivos títulos. As duas, colunas informam quando as festas são celebradas, assim como a colheita agrícola e os respectivos meses hebraicos aparecem com as datas específicas.

As quatro colunas seguintes mostram os quatro aspectos que discutiremos acerca de cada festa que são o foco principal deste livro. Na primeira coluna, discutiremos o aspecto histórico da festa. Faremos isso examinando as instruções que Deus atribuiu aos judeus para celebrarem a festa. Em seguida, examinaremos o Novo Testamento e veremos como Jesus cumpriu (personificou a realidade espiritual) o que a festa simbolizava.

Em seguida, aprenderemos como aplicar essa obra de Jesus à nossa própria vida. Essa é a ação pessoal que representa os sete passos para a maturidade cristã e o descanso de Deus. No final, destacaremos o aspecto sazonal da solenidade, o qual mostrará sua importância profética e como Deus tem restaurado as verdades espirituais da festa da Igreja. Vamos começar agora com a Festa da Páscoa (*Pessach* em hebraico).

## CONTEXTO HISTÓRICO

A Páscoa foi a primeira das festas que todos os judeus deveriam seguir em jornada até Jerusalém para terem um encontro especial com Deus e serem visitados por Ele. Observe no quadro que a festa era celebrada durante a colheita da cevada no mês de *Nissan*. As instruções para a celebração das festas são encontradas ao longo dos escritos hebraicos.

Em Levítico 23, faz-se um bom resumo de todas elas, como em Números 28-29 e Deuteronômio 16.

Vamos olhar agora para os aspectos históricos da Páscoa. Lemos em Levítico: “Estas são as festas fixas do Senhor, as reuniões sagradas que vocês proclamarão no tempo devido: a Páscoa do Senhor, que começa no entardecer do décimo quarto dia do primeiro mês” (Lv. 23:4-5).

A Páscoa deveria ser um memorial para a libertação dos hebreus do Egito. Essa libertação aconteceu durante o mês de *Nissan* e representou a primeira reunião com o povo da aliança (veja

Êxodo 12:1-14; 43-48).

Você se lembra que Deus escolheu Moisés como Seu instrumento para livrar os hebreus da escravidão? Operando por meio dele, Deus enviou dez pragas terríveis contra o Egito. Essa foi a maneira encontrada por Ele para convencer Faraó a deixar os hebreus saírem, mas conforme cada nova praga era enviada, mais o coração de Faraó se endurecia (veja Êxodo 3-10).

Deus deu a Faraó todas as chances de deixar os hebreus irem embora, porém não cedeu. Então, o Senhor declarou a décima e última praga, a morte do primogênito de cada família (veja Êxodo 11). Mas junto com esse decreto de morte, Deus deu instruções específicas acerca de como escapar dessa morte.

O registro completo desse grande evento, o qual resultou na libertação dos hebreus do Egito, está no livro de Êxodo. Se você tiver uma Bíblia, seria bom separar um momento e ler esse relato antes de continuar este capítulo. As passagens específicas estão em Êxodo 12:1-14; 43-48.

Vamos resumir o que Deus disse com o propósito de destacar certos pontos-chave de Suas instruções. Cada homem deveria selecionar um cordeiro sem mancha ou defeito para sua família, depois escolher esse animal no décimo dia do mês, e em seguida, observá-lo durante cinco dias para certificar-se de que não havia nada de errado com ele. Não seriam aceitas falhas (mancha ou defeito) nele.

No quinto dia, era necessário levar o cordeiro até a própria porta de casa e matá-lo. Enquanto se matava o animal, recolhia-se o sangue em uma bacia ao pé da porta. Depois, ele deveria espargir o sangue em ambos os lados do umbral e acima do umbral. Assim, toda a entrada da casa ficaria coberta com o sangue do cordeiro.

Isso foi feito na noite do décimo quarto dia (crepúsculo). Já mencionamos que o dia hebraico começa à noite, aproximadamente às seis horas. Assim, os hebreus matavam os cordeiros às três da tarde no décimo quarto dia para fazer a refeição por volta das seis.

Quando foi três horas, eles abateram o cordeiro e passaram o sangue nos umbrais. Logo depois, as famílias entraram em casa pela porta marcada com sangue, onde ficariam protegidas da praga da morte que estava por vir sobre a Terra.

Conforme as instruções, o cordeiro inteiro deveria ser assado e consumido. Nada poderia sobrar para o dia seguinte. Ao preparar a refeição, nenhum osso deveria ser quebrado e dizia-se que o cordeiro deveria ser transpassado por espetos e assado para que seu corpo ficasse aberto.

Embora a família entrasse na casa e não pudesse ver o sangue derramado, eles acreditavam pela fé que Deus os salvaria por causa desse sangue. A salvação vinha pela graça por meio da fé no sangue do cordeiro, o qual eles não conseguiam ver.

Enquanto comiam, Deus permitiu que o anjo da morte passasse pela terra. Ao passar de porta em porta, ele procurava entrar em cada casa. Se a entrada estivesse coberta pelo sangue, o anjo da morte

não conseguiria entrar, tendo que passar adiante. Se a entrada não estivesse coberta pelo sangue, o juízo viria sobre aquela família visto que o primogênito morreria.

Essa era a Páscoa do Senhor. Vemos que Ele usou o sangue para salvar Seu povo da morte. O sangue do cordeiro era a cobertura e proteção para o povo de Deus.

Eu mencionei no capítulo anterior que a palavra hebraica para Páscoa é *Pessach*. Essa palavra significa estar sob a proteção de uma divindade ao pisar em algo, atravessar, transpor, pular, nesse caso, a soleira da porta. [\[Nota 1\]](#)

O mais antigo altar primitivo da humanidade ao único Deus verdadeiro, assim como a falsos deuses, era a soleira ou a entrada da casa. O altar da soleira era o lugar onde as pessoas faziam seus sacrifícios a seus deuses. Era de costume pedir proteção à divindade e convidá-la para entrar na casa.

Quando as pessoas dedicavam sua casa a seu deus, elas preparavam um sacrifício na soleira. Era prática comum matar um animal na soleira da casa como um modo de dar as boas-vindas à divindade da família. Em seguida, atravessavam a soleira e entravam em casa.

O povo ao firmar uma aliança de sangue sagrada com seu deus, mantinham-se cautelosos ao pisar, atravessar, pular ou transpor o sangue, já que pisotear demonstrava desprezo e rejeição pela aliança. Para ser a protetora e provedora, convidava, então, a divindade para sua entrar em suas casas. Segundo suas crenças, ao dedicarem a casa a seu deus na soleira com sangue derramado, esse deus ficaria à entrada protegendo-os do mal.

O entendimento comum sobre a Páscoa que chegou até nós através dos séculos é que Deus, de algum modo, passava pelos lares onde o sangue era derramado, mas o entendimento bíblico é muito mais poderoso.

Quando o povo aspergia o sangue na soleira e na entrada, era uma forma de convidar Deus a passar ou atravessar a soleira e entrar em suas casas para protegê-los do anjo da morte. Deus, de certo modo, ficava na entrada protegendo-os da morte. A aliança de sangue era firmada com o povo à medida que Deus atravessava a soleira com o sangue aspergido, enquanto o destruidor entrava nas casas daqueles que não tinham o sangue. Essa Páscoa era, na verdade, uma Aliança de Travessia ou de Soleira.

Mais tarde, Deus instruiu que nenhum incircunciso poderia participar da refeição da Páscoa ou celebrar a festa (veja Êxodo 12:48). A importância disso era que a circuncisão era a evidência externa de que a pessoa estava em aliança com Deus. Ela mostrava que o indivíduo tinha aceitado o Deus dos hebreus como o verdadeiro Deus e tinha firmado uma aliança de sangue com Ele.

Assim, se um gentio viesse a aceitar o Deus dos hebreus segundo sua vontade, ele precisaria ser circuncidado. Seria considerado então como alguém nascido naquela terra. Isso significa que seria herdeiro das promessas que Deus fez a Abraão e poderia herdar as bênçãos que faziam parte da aliança de Deus com o povo judeu.

Mais tarde, quando o templo foi construído, em vez de matar os cordeiros na soleira, o povo trazia os cordeiros para Jerusalém e os matavam no templo. Era algo muito esperado pelo povo a cada ano. A nação judaica inteira se encontrava em Jerusalém de todas as partes do mundo antigo.

Os peregrinos vinham em caravanas, totalizando centenas de participantes, algumas vezes milhares. Os líderes das caravanas despertavam os viajantes a cada manhã falando bem alto: “Venham e subamos a Sião, à presença do Senhor, do nosso Deus” (Jr. 31:6).

Os peregrinos das festas enfrentavam muitos perigos durante sua jornada até Jerusalém. Ladrões esperavam para emboscá-los, pois sabiam do dinheiro que os peregrinos carregavam para o templo em Jerusalém. Sendo assim, os judeus viajavam em grupos grandes e armados.

Alguns viajavam por muitas semanas, enquanto os habitantes de Jerusalém ocupavam-se com os preparativos para a chegada das multidões de peregrinos.

Os preparativos em Jerusalém começavam cedo. Era muito importante restaurar as estradas, recorrer-se aos banhos ritualísticos e marcar com sangue as sepulturas para proteger os peregrinos contra a exposição à impureza ritual. Tudo era feito para garantir que os peregrinos chegassem a tempo. Seria terrível chegar até ali e “perder o grande evento”.

Com tantas pessoas vindo até Jerusalém, era preciso montar fornos por toda cidade, que demoravam meses para ficar prontos. Após o sacrifício ser oferecido, ele era recolhido por cada família e grupo, assado de uma maneira especial e depois comido à noite.

A celebração da Páscoa era um tempo de grande júbilo, louvor e adoração a Deus. À medida que o povo sacrificava no templo, os levitas levavam o povo a cantar os Salmos de Davi, principalmente dos Salmos 113 ao 118, e todos começavam cantando a primeira linha de cada Salmo.

Em seguida, os levitas entoavam a segunda linha de cada Salmo e o povo respondia dizendo “Aleluia” ou “Louvado seja o Senhor”.

Os cânticos eram acompanhados por instrumentos musicais, como trombetas, harpas, flautas, tamborins, címbalos, dentre outros. O ápice era quando os adoradores levantavam suas vozes a Deus e cantavam: “Este é o dia em que o Senhor agiu; alegremo-nos e exultemos neste dia” (Sl. 118:24).

[\[Nota 2\]](#)

Com o passar do tempo, tornou-se mais difícil para o povo das regiões afastadas levar o sacrifício a Jerusalém. Para solucionar esse problema, os levitas começaram a criar cordeiros para o sacrifício da Páscoa lá mesmo em Jerusalém e a vendê-los no templo. Dessa forma, os peregrinos podiam comprar um cordeiro já separado para o sacrifício.

Seria um cordeiro, sem mancha ou defeito, que nascera para morrer como um cordeiro pascal. O historiador judeu Josefo relatou que havia mais de 250.000 desses cordeiros pascais mortos em Jerusalém no primeiro século. [\[Nota 3\]](#)

## COMO JESUS CUMPRIU A FESTA

Durante 1.500 anos, o povo judeu vinha celebrando a Festa da Páscoa matando um cordeiro e oferecendo-o como sacrifício a Deus. Eles conheciam bem os cordeiros, mas o sangue do animal só podia cobrir seus pecados e não tirá-los. No entanto Deus enviou profetas para explicar ao povo que, futuramente, um “cordeiro humano” viria para resolver os problemas do pecado e da morte de uma vez por todas.

O profeta Isaías falou do sofrimento que esse cordeiro em forma humana enfrentaria. Ele fez uma descrição detalhada muito clara, registrada, em Isaías capítulo 53. Vale a pena ler o capítulo inteiro como parte desse estudo.

Quando chegou o tempo do cordeiro humano ser sacrificado, Deus atravessou o tempo, o espaço e tornou-se um de nós na pessoa de Jesus de Nazaré. Deus enviou um último profeta para ajudar o povo a reconhecê-Lo. Esse profeta foi João Batista, o precursor de Jesus. João apresentou Jesus com estas palavras: “Vejam! É o Cordeiro de Deus!” (Jo. 1:36).

João apresentou Jesus como o cordeiro em forma humana sobre o qual Isaías falou, que daria Sua vida pelos pecados do mundo. Jesus nasceu para esse fim (veja Atos 2:22-23). Devido aos seus sacrifícios religiosos, o povo judeu entendeu imediatamente o significado das afirmações de João em relação a Jesus.

Veremos no quadro das *Festas do Senhor* que Jesus cumpriu a Festa da Páscoa em Sua crucificação. Visto que essa era a razão de Seu nascimento, a vida inteira Dele estava predestinada a cumprir Seu propósito exatamente como Deus havia instruído os judeus a praticarem durante 1.500 anos. Como foi dito no capítulo introdutório, as pessoas se guiavam a partir dos exemplos.

Assim, à medida que o tempo da morte de Jesus se aproximava, Ele, determinado, organizava Seu itinerário e atividades pessoais em meio aos eventos associados com a seleção, teste e morte do Cordeiro Pascal.

Dessa forma, o povo judeu seria capaz de compreender quem Ele era e o que estava fazendo. Eles faziam peças representando a redenção através da figura da Páscoa. Jesus foi separado para o sacrifício, interrogado e crucificado no exato mês, dia e hora em que os judeus vinham tratando os cordeiros já há 1.500 anos para guardar a Festa da Páscoa.

Vamos, agora, pesquisar no Novo Testamento em que Deus estabeleceu a Festa da Páscoa no Egito, e instruiu os judeus a separarem seus cordeiros no décimo dia do mês de *Nissan*. No Novo Testamento, aprendemos que foi no décimo dia do mês de *Nissan* que Jesus entrou em Jerusalém para ser separado como cordeiro em forma humana.

Em João 12:1, lemos que Jesus foi até a cidade de Betânia, seis dias antes da Páscoa. João escreve: “Seis dias antes da Páscoa Jesus chegou a Betânia” (Jo. 12:1). Visto que a Páscoa era celebrada no décimo quarto dia, isso significava que Jesus havia ido a Betânia no nono dia.

João então dá mais informações para mostrar que Jesus entrou em Jerusalém no décimo dia. Ele diz: “No dia seguinte, a grande multidão que tinha vindo para a festa ouviu falar que Jesus estava chegando a Jerusalém. Pegaram ramos de palmeiras e saíram ao seu encontro, gritando: ‘Hosana! Bendito é o que vem em nome do Senhor!’” (Jo. 12:12-13).

João informa que foi no dia seguinte que Jesus entrou em Jerusalém e foi recebido pela multidão era o décimo.

Jesus entrou em Jerusalém para ser escolhido como Cordeiro de Deus exatamente na data em que o Senhor disse aos judeus para escolher seus cordeiros lá no Egito. Jesus estava cumprindo em Si mesmo a realidade máxima da Festa da Páscoa.

Como mencionamos anteriormente, o propósito da separação do cordeiro era observá-lo e garantir que não tivesse mancha nem defeito.

Esse cordeiro deveria ser oferecido a Deus e como Ele é perfeito, não deveria ser defeituoso. Assim sendo, os judeus observavam e colocavam à prova o cordeiro durante cinco dias para garantir que ele era impecável.

Semelhantemente, Jesus, o cordeiro humano, foi observado e posto à prova por cinco dias pelos líderes religiosos. Eles questionaram Sua autoridade (veja Mateus 21:23-37) e fizeram-Lhe perguntas capciosas esperando que Ele desse uma resposta errada a qual eles pudessem acusá-la contra Ele (veja Mateus 23). Enfim, eles fizeram tudo o que podiam para acusar Jesus e desacreditá-Lo, de modo que este não fosse um sacrifício aceitável.

Jesus, porém, respondeu-lhes perfeitamente que não achariam nada de errado contra Ele. Por fim, em desespero, levaram Jesus para o governador de Roma, cujo nome era Pilatos, esperando que pudesse encontrar algo de errado nele. Mas após interrogar e bater em Jesus, Pilatos disse: “Não acho nele motivo algum de acusação” (Jo. 19:4). Tudo isso aconteceu no período de cinco dias entre o décimo e o décimo quarto dia quando os judeus analisavam os cordeiros para o sacrifício. Assim, Jesus foi crucificado no décimo quarto dia não só foi no mesmo dia em que os cordeiros foram mortos, como também, na mesma hora.

Com tantos cordeiros, era necessário que os judeus os preparassem para o sacrifício às nove horas da manhã no décimo quarto dia. Em seguida, eles os matavam às três horas da tarde para a Páscoa ser concluída antes das seis horas, quando um novo dia iniciaria.

Na hora exata em que os judeus estavam preparando seus cordeiros para o sacrifício, Jesus foi pregado na cruz. Marcos escreveu: “Eram nove horas da manhã quando o crucificaram” (Mc. 15:25). A terceira hora correspondia às nove horas da manhã no horário judaico.

Em cumprimento da Festa da Páscoa e da profecia de Isaías, Jesus levou nossas dores e carregou nossas tristezas. Ele foi ferido por nossas transgressões e moído pelas nossas iniquidades. O Senhor Deus colocou sobre Ele a iniquidade de todos nós. Jesus foi oprimido e afligido. Contudo, Ele não abriu a Sua boca, como um cordeiro levado ao matadouro (veja Isaías 53:4-7).

Então, às três horas, enquanto o povo estava louvando a Deus e imolando os cordeiros, Jesus morreu. Marcos foi cuidadoso ao anotar o momento e escreveu que à hora nona (três horas do horário judaico) Jesus deu seu Seu último suspiro (veja Marcos 15:33-37).

Jesus deu todo o Seu ser para ser queimado e consumido no fogo do julgamento de Deus ao morrer por nossos pecados. O espeto em forma de barra no qual os cordeiros eram abertos remetiam Jesus pendurado na cruz.

Todos os outros detalhes acerca da morte dos cordeiros aconteceram com Jesus – o verdadeiro Cordeiro de Deus. Por exemplo, Seus ossos não foram quebrados. Lembre-se, Deus disse que nenhum osso do cordeiro pascal deveria ser quebrado (veja Êxodo 12:46; Números 9:12; Salmos 34:20).

Quando uma pessoa é crucificada, seu corpo enverga de modo que ela não consegue respirar, e isso faz com que ela empurre o corpo para cima com os calcanhares apenas para respirar profundamente. Para apressar a morte, um soldado romano quebrava suas pernas; assim, ela não conseguiria suspender o corpo para respirar.

João registra que os soldados quebraram as pernas de dois ladrões que foram crucificados perto de Jesus. Mas quando se aproximaram de Jesus, viram que Ele já estava morto e, por isso, não, quebraram Suas pernas (veja João 19:30-37). João viu isso e escreveu: “Estas coisas aconteceram para que se cumprisse a Escritura: ‘Nenhum dos seus ossos será quebrado’” (Jo. 19:36 NVI).

Deus deu instruções específicas aos judeus para consumirem todo o cordeiro. Nada deveria ser deixado para o dia seguinte (veja Êxodo 12:10). O mesmo aconteceu com Jesus. Os líderes religiosos judeus, sem perceber que estavam realizando o plano de Deus, apressadamente desceram o corpo de Cristo antes das seis horas.

João escreveu: “Era o Dia da Preparação e o dia seguinte seria um sábado especialmente sagrado. Como não queriam que os corpos permanecessem na cruz durante o sábado, os judeus pediram a Pilatos que mandasse quebrar as pernas dos crucificados e retirar os corpos” (Jo. 19:31).

Jesus, o Cordeiro do sacrifício não foi deixado na cruz até o dia seguinte, mas entregou-Se totalmente no décimo quarto dia como o último sacrifício Pascal.

O sangue do cordeiro pascal era um recurso visual e um ensaio geral direcionando os judeus para o futuro quando Jesus viria e estabeleceria a realidade espiritual que somente os cordeiros poderiam simbolizar. O sangue de Jesus salva-nos da morte e dá-nos a promessa da ressurreição.

Pedro escreveu: “Pois vocês sabem que não foi por meio de coisas perecíveis como prata ou ouro que vocês foram redimidos da sua maneira vazia de viver, transmitida por seus antepassados, mas pelo precioso sangue de Cristo, como de um cordeiro sem mancha e sem defeito, conhecido antes da criação do mundo, revelado nestes últimos tempos em favor de vocês. Por meio dele vocês creem em Deus, que o ressuscitou dentre os mortos e o glorificou, de modo que a fé e a esperança de vocês

estão em Deus” (1 Pe. 1:18:21).

O apóstolo Paulo fez essa conexão quando disse: “Pois Cristo, nosso Cordeiro pascal, foi sacrificado” (1 Co. 5:7).

## QUANDO JESUS FOI CRUCIFICADO E RESSUSCITOU?

Você já se perguntou como uma crucificação e uma ressurreição que aconteceram de sexta até domingo poderiam ser possíveis visto que a Bíblia diz que Jesus ficaria no túmulo três dias e três noites? Bem, não seria possível, mas como passamos a ter essa ideia? Esse ensinamento veio há muitos séculos atrás, pois os primeiros líderes cristãos eram gentios, que não entendiam as raízes bíblicas judaico-hebraicas da história.

Por exemplo, quando João diz que Jesus foi crucificado no Dia da Preparação e que o corpo de Jesus não deveria permanecer na cruz no Shabat (veja João 19:31), os estudiosos entenderam que João quis dizer o sábado de cada semana. Portanto, acreditavam que, Jesus talvez tenha sido crucificado na sexta. No entanto, a Escritura diz claramente que esse era um “Grande Shabat”, não o semanal. Aprendemos em Levítico 23 que havia um número de dias do “Grande Shabat” ligados às festas os quais não tinham ligação com o Shabat semanal.

Para auxiliar na compreensão, vejamos o quadro *Quando Jesus foi Crucificado e Ressuscitou?* (p. 69). Note que há duas linhas do tempo no quadro. A linha de cima mostra os dias como são calculados no calendário gentio de terça a domingo, começando à meia-noite desde 3 de abril até 7 de abril. A linha de baixo mostra a mesma informação com os dias do calendário hebraico, começando às seis horas da noite, aproximadamente o começo de um novo dia (período de 24 horas).

Uma das razões pelas quais essa linha do tempo pode ser confusa é porque o dia bíblico começa de fato à noite. Assim, lemos no livro de Gênesis que a noite e a manhã eram o primeiro dia (veja Gênesis 1:5).

Atualmente, o calendário judaico também começa à noite (00h00), mas nós geralmente achamos que o dia começa pela manhã quando o sol se levanta. Por exemplo, se você acorda às seis da manhã, o novo dia já terá começado há seis horas. Com isso em mente, vamos estudar o quadro com um entendimento bíblico dos acontecimentos.

A Bíblia diz que pela boca de duas ou três testemunhas uma coisa é confirmada (veja Deuteronômio 17:6; Mateus 18:16). Quero dar-lhe quatro provas para fundamentar a informação apresentada no quadro.

A primeira prova é a da Torá, porque Jesus disse que veio para cumpri-la (incorporar o propósito espiritual e real dela). Nós falamos sobre isso no primeiro capítulo, quando expliquei o que Jesus quis dizer quando falou: “Não pensem que vim abolir a Lei ou os Profetas; não vim abolir, mas cumprir” (Mt. 5:17). Para que Jesus fosse o Messias judeu, Ele precisaria ser levado à crucificação, ao sepulcro e ressuscitar à ressurreição durante os dias festivos. Como veremos nos dois quadros e nos próximos

dois capítulos, Jesus foi crucificado na Festa da Páscoa (décimo quarto dia), sepultado na Festa dos Pães Ázimos (décimo quinto dia) e ressuscitado no fim do Shabat e início da Festa das Primícias (décimo sétimo e décimo oitavo dias).

Em segundo lugar, o sinal de Jonas é uma outra prova, pois Jesus disse aos Seus discípulos que seria crucificado na Páscoa para cumprir o sinal de Jonas (veja Mateus 12:40; 26:2). Mateus diz: “Pois assim como Jonas esteve três dias e três noites no ventre de um grande peixe, assim o Filho do homem ficará três dias e três noites no coração da terra” (Mt. 12:40).

Jesus disse três dias e três noites, porque sempre que a Bíblia liga dias e noites com a palavra “e” isso significa o período completo de 24 horas. Então, três dias e três noites significam um período de tempo de 72 horas. A única maneira pela qual Jesus poderia ficar no túmulo pelos três dias e três noites necessários (um período de 72 horas) e cumprir o que diz a Torá seria se a Sua crucificação fosse na quarta-feira, ressurreição no fim do Shabat semanal e no início do primeiro dia da semana, a Festa das Primícias.

A cultura é a terceira prova. Nos tempos bíblicos, o povo acreditava que quando as pessoas morriam, o espírito ou alma pairava sobre o corpo durante três dias e três noites decidindo se queria partir para o outro mundo ou retornar ao corpo. Isso significa que no Novo Testamento uma pessoa (Jesus, por exemplo) não era considerada totalmente morta até a passagem das 72 horas. Partindo de uma interpretação cultural, Jesus tinha que estar no túmulo durante 72 horas completas. Isso explica o motivo da demora de Jesus a ir a Betânia quando ouviu que Lázaro estava morto.

João conta a história: “No entanto, quando ouviu falar que Lázaro estava doente, ficou mais dois dias onde estava. Ao chegar, Jesus verificou que Lázaro já estava no sepulcro havia quatro dias. ‘Tirem a pedra’, disse ele. Disse Marta, irmã do morto: ‘Senhor, ele já cheira mal, pois já faz quatro dias’” (Jo. 11:6, 17:39).

Sem entender o contexto cultural dessa história, nós ignoraríamos o objetivo da demora de dois dias de Jesus, de João informar que Lázaro já estava no túmulo há quatro dias e de Marta dizer que seu irmão estava morto. Jesus demorou para que todos soubessem que Lázaro estava realmente morto. Ele fez isso para preparar o povo para Sua própria morte, sepultamento e ressurreição, pois deveria ficar no túmulo durante três dias e três noites completos.

A astronomia é a quarta prova. Note que eu disse astronomia e não astrologia. Com a ajuda de computadores, conseguimos calcular o ano, o mês e o dia de eventos históricos, mas quando usamos o computador para considerar possíveis datas da crucificação de Jesus, somente uma data é compatível com as outras três provas. De acordo com a clássica obra de Edward M. Reingold, *Calendar Book, Papers, and Code*, a data é quarta, 3 de abril, ano 30 d.C Jesus foi crucificado nessa data e ressuscitou no fim do Shabat (sábado à noite) em 6 de abril, o décimo sétimo dia de *Nissan*.

Olhe no quadro e veja, a seguir, minha explicação sobre o calendário dos eventos.

Note na linha do tempo que a Festa da Páscoa era o Dia da Preparação que João mencionara. O

Dia da Preparação era a preparação para o primeiro dia da Festa dos Pães Ázimos, a qual era o Grande Shabat, um dia especial de descanso. A passagem que faz referência a isso é Levítico 23:6-7.

Na linha do tempo gentílica, isso aconteceu na quarta-feira, 3 de abril, o décimo quarto dia de *Nissan* na linha do tempo hebraica. Para facilitar, eu repito os comentários de João aqui: “Era o Dia da Preparação [quarta, décimo quarto dia, Páscoa] e o dia seguinte seria um sábado [quinta, o primeiro dia da Festa dos Pães Ázimos] especialmente sagrado. Como não queriam que os corpos permanecessem na cruz durante o sábado, os judeus pediram a Pilatos que mandasse quebrar as pernas dos crucificados e retirar os corpos” (Jo. 19:31). De acordo com as Escrituras, Jesus foi crucificado às 9 da manhã e morreu às 3 da tarde na Páscoa (veja Mateus 26-27; Marcos 15; Lucas 23; João 19).

Pelo fato de no dia seguinte ser um Grande Shabat, os judeus (isto é, o Sumo Sacerdote) exigiram que o corpo de Jesus fosse retirado da cruz antes do pôr do sol no décimo quarto dia, aproximadamente às seis da noite. Logo, às três da tarde, José de Arimateia conseguiu permissão de Pilatos para retirar o corpo de Jesus e colocá-Lo em uma sepultura próxima. Com a ajuda de Nicodemos, eles retiraram o corpo de Jesus da cruz apressadamente, envolveram-no em faixas de linho e ungiram-no com aproximadamente 45 quilos de especiarias. Depois, ao fim do dia, colocaram o corpo de Jesus em uma sepultura próxima. Mais uma vez, o dia seguinte, o qual era o primeiro dia da festa dos Pães Ázimos, começou no pôr do sol (veja João 19:38-42).

Visto que o Grande Shabat era um dia especial de descanso, o povo não podia fazer nenhum tipo de trabalho comum. Ficavam em suas casas na quinta-feira e descansavam na sexta e no sábado. Então, assim que o sábado findou, por volta de seis da noite, Maria Madalena foi ao túmulo.

João conta que ainda estava escuro quando Maria chegou lá: “No primeiro dia da semana, bem cedo, estando ainda escuro, Maria Madalena chegou ao sepulcro e viu que a pedra da entrada tinha sido removida” (Jo. 20:1).

Sabendo-se que Cristo já havia saído da sepultura quando Maria chegou, isso só pode significar que Ele havia ressuscitado ao pôr do sol, no final do Shabat semanal e início do primeiro dia da semana, o qual era a Festa das Primícias. Isso aconteceu no décimo sétimo e décimo oitavo dias.

Uma vez mais, observe no quadro que Jesus estava na sepultura na quarta-feira (primeira noite, de seis horas da noite até seis horas da manhã), na quinta (primeiro dia, de seis horas da manhã até seis horas da noite), na quinta (segunda noite, de seis horas da noite até seis horas da manhã), sexta (segundo dia, de seis horas da manhã até seis horas da noite), sexta (terceira noite, de seis horas da noite até seis horas da manhã) e sábado (terceiro dia, de seis horas da manhã até seis horas da noite). Esse é o cumprimento exato das provas da Torá, do sinal de Jonas dos três dias e das três noites, da cultura e da astronomia para o ano 30 d.C. Aleluia, Ele ressuscitou!

## QUEM MATOU JESUS?

Durante quase 2.000 anos, a Igreja perseguiu os judeus com base na ideia de que estes “mataram

Cristo”. Sempre que os gentios sofriam alguma ameaça costumavam culpar os judeus por seus sofrimentos. Por isso e se justificavam afirmando que estes mataram Deus. A isso chamamos deicídio. Essa acusação errônea surgiu porque a Igreja compreendeu mal o Novo Testamento assim como equivocou-se ao sentir ódio dos judeus.

Quando estudamos o Novo Testamento em seu contexto cultural, descobrimos que a história é outra.

Então, quem matou Jesus? Há uma resposta teológica e uma resposta humana. Teologicamente, há três partes envolvidas na morte de Jesus.

Deus iniciou a morte de Jesus para expiar nossos pecados. Na passagem de Isaías citada anteriormente, o profeta disse: “Certamente ele tomou sobre si as nossas enfermidades e sobre si levou as nossas doenças; contudo nós o consideramos castigado por Deus, por Deus atingido e afligido. Mas ele foi transpassado por causa das nossas transgressões, foi esmagado por causa de nossas iniquidades; o castigo que nos trouxe paz estava sobre ele, e pelas suas feridas fomos curados” (Is. 53:4-5).

Note que Isaías diz que Jesus foi considerado castigado por Deus. A segunda parte em Sua morte foi o próprio Jesus. Jesus de espontânea vontade deu Sua vida como expiação por nossos pecados. Isaías escreveu mais à frente: “Ele foi oprimido e afligido; e, contudo, não abriu a sua boca; como um cordeiro foi levado para o matadouro, e como uma ovelha que diante de seus tosquiadores fica calada, ele não abriu a sua boca” (Is. 53:7).

Jesus devia estar pensando nas palavras de Isaías quando disse: “Por isso é que meu Pai me ama, porque eu dou a minha vida para retomá-la.

Ninguém a tira de mim, mas eu a dou por minha espontânea vontade.

Tenho autoridade para dá-la e para retomá-la. Esta ordem recebi de meu Pai” (Jo. 10:17-18).

A terceira parte que contribuiu para a morte de Jesus é a humanidade. Nós matamos Jesus por causa de nossos pecados. Novamente, lemos em Isaías: “Todos nós, tal qual ovelhas, nos desviamos, cada um de nós se voltou para o seu próprio caminho; e o Senhor fez cair sobre ele a iniquidade de todos nós” (Is. 53:6).

A maioria dos cristãos compreendem a resposta teológica sobre quem matou Jesus. E a resposta humana que tem sido compreendida erroneamente. Há duas partes humanas envolvidas na morte de Jesus. As duas podem ser resumidas em duas palavras: “o sistema”. O sistema, o povo no poder, sempre mata os profetas e revolucionários de seus dias.

Jesus foi tanto um profeta quanto um revolucionário. Ele ameaçou a posição de poder, status e riqueza dessas pessoas. Portanto, elas precisavam se livrar dele.

O primeiro dos dois sistemas responsáveis pela morte de Jesus foi Roma. Por Roma, eu quero

dizer o governo de Roma, não o povo. O povo romano nunca tinha ouvido falar de Jesus e vivia na Itália, espalhado pelo Império Romano. Eles certamente não viviam em Israel onde Jesus viveu e morreu. Embora o governo romano em Israel tenha crucificado Jesus pelas mãos de Pilatos e de alguns soldados romanos, não podemos responsabilizar o povo romano pela morte dele. Os italianos da modernidade não mataram Jesus. Eles não faziam parte da multidão que gritava em Jerusalém: “Crucifica-o! Crucifica-o!” ( Lc. 23:21).

O Novo Testamento deixa claro que Pilatos encarregou-se da morte de Jesus. Lucas diz: “Então Pilatos decidiu fazer a vontade deles” (Lc. 23:24).

O segundo sistema humano que matou Jesus foi Jerusalém. Por Jerusalém, quero dizer, a religião judaica e os líderes políticos lá existentes. Sendo eu cidadão dos Estados Unidos, frequentemente uso a palavra “Washington” para falar do centro político dos Estados Unidos e, quando eu digo “Washington”, não estou me referindo ao povo americano, mas ao governo americano. Semelhantemente, quando o Novo Testamento diz que os “judeus” mataram Jesus, não é uma referência ao judeu comum que vivia em Israel e Jerusalém. A referência é aos líderes religiosos e políticos do povo judeu – isto é, o governo judeu operando sob a lei de Roma.

Nos tempos de Jesus, havia mais de 20 vertentes judaicas em Israel. Todas elas tinham visões diferentes sobre o Messias e divergiam constantemente entre si. Não havia “uma voz” que falasse pelos judeus.

Os judeus que viviam no Norte eram chamados de “Galileus”. Eram um povo trabalhador do campo que falava com um tom de voz anasalado do interior. O sotaque Galileu de Pedro o denunciou como sendo discípulo de Jesus (veja Lucas 22:59). O sistema em Jerusalém considerava os Galileus aculturados e simples.

Os judeus que viviam no Sul eram chamados de “judeus da Judeia”.

Os Galileus no Norte e os judeus da Judeia no Sul não morriam de amores uns pelos outros. Os judeus do Sul eram mais cosmopolitas que os Galileus. Eles se consideravam bem-nascidos, sofisticados e cultos. Eles tinham boa educação e desprezavam os Galileus.

Quando o Novo Testamento fala sobre os judeus como assassinos de Jesus, a referência é aos judeus do Sul, especificamente o sistema judaico em Jerusalém que devia sua lealdade, posição, poder e influência aos romanos. Enquanto havia alguns fariseus influentes no mais alto escalão, o sistema judaico consistia principalmente de Saduceus.

Os Saduceus representavam um grupo bem pequeno de líderes religiosos poderosos. Eles eram os sacerdotes que inspecionavam as atividades e lucravam grandemente com as negociações no templo. Esse grupo desejava crucificar Jesus, porque tinham ciúme de Sua fama e tinham medo de que Ele começasse a perturbar o relacionamento confortável deles com o governo romano. Na verdade, era apenas um pequeno grupo formado por uma elite dominante. Mateus 27:18 diz que Pilatos sabia que os Saduceus entregaram Jesus para ele, porque O invejavam. O sumo sacerdote e seus seguidores

entregaram Jesus para a Pilatos, porque era a uma atitude “politicamente correta” a ser tomada.

João 11 relata: “Então os chefes dos sacerdotes e os fariseus convocaram uma reunião do Sinédrio. ‘O que estamos fazendo?’, perguntaram eles. ‘Aí, está esse homem realizando muitos sinais milagrosos. Se o deixarmos, todos crerão nele, e então os romanos virão e tirarão tanto o nosso lugar como a nossa nação.’ Então um deles, chamado Caifás, que naquele ano era o sumo sacerdote, tomou a palavra e disse: ‘Nada sabeis!’

Não percebeis que vos é melhor que morra um homem pelo povo, e que não pereça toda a nação” (Jo. 11:47-50).

Quando o sumo sacerdote mandou prender Jesus à noite, os habitantes de Jerusalém estavam em suas casas preparando-se para a refeição da Páscoa e dormindo. Eles não sabiam o que estava acontecendo.

Certamente, teriam protestado, pois muitos deles acreditavam em Jesus.

Na verdade, Jesus tinha tantos seguidores em Jerusalém que os saduceus tiveram que esperar até a noite para prendê-Lo por medo de que houvesse tumulto entre o povo.

Mateus escreve: “Como vocês sabem, estamos a dois dias da Páscoa, e o Filho do homem será entregue para ser crucificado”. Naquela ocasião, os chefes dos sacerdotes e os líderes religiosos do povo se reuniram no palácio do sumo sacerdote, cujo nome era Caifás, e juntos planejaram prender Jesus após ser traído e, assim, matá-Lo. Então, disseram: “Não durante a festa, para que não haja tumulto entre o povo” (Mt. 26:2-5).

O sumo sacerdote fez o que os políticos fazem hoje. Ele comprou o povo, instruiu e coagiu seus próprios seguidores, todos com um grande interesse no status quo, com intuito de convencer a uma multidão a agir a seu favor. Mateus escreve: “Mas os chefes dos sacerdotes e os líderes religiosos convenceram a multidão que pedisse por Barrabás e mandassem executar a Jesus” (Mt. 27:20 NVI). No momento certo, eles foram instruídos a gritar: “Dá-nos Barrabás, crucifica Jesus” (veja Mateus 27:21-22).

Essa era uma multidão completamente diferente daquela que mais cedo saudava e aplaudia Jesus quando Ele entrou na cidade. A reação deles era: “Hosana ao Filho de Davi! Bendito é o que vem em nome do Senhor! Hosana nas alturas!” (Mt. 21:9).

Quando Pilatos fingiu absolver-se da responsabilidade pela morte de Jesus, a multidão “alugada” ou o povo “comprado” disse: “Que o sangue dele caia sobre nós e sobre nossos filhos!” (Mt.27:25). Por causa dessa afirmação, os líderes da Igreja acreditaram erroneamente que os judeus, como um grande número de pessoas reunidas, pronunciaram uma maldição sobre si para sempre. Por essa razão, eles são os “assassinos de Cristo”.

Mas como acabamos de ver, esse grupo era formado pelos Saduceus e uma pequena multidão que eles reuniram para influenciar Pilatos. A maldição que receberam foi cumprida 40 anos depois,

quando Tito queimou o templo e destruiu Jerusalém. Desde que os Saduceus passaram a ser os sacerdotes responsáveis pela administração do templo, eles, suas famílias e seu poder, posição, privilégio e fortuna chegaram ao fim.

A maioria dos judeus não vivia em Israel nos tempos de Jesus. Ficavam espalhados por todo o Império Romano e nunca tinham ouvido falar Dele, concluímos que não eram culpados pela morte Dele. Além disso, como acabamos de ver, a maior parte dos judeus em Jerusalém acreditava em Jesus; certamente, eles não O haviam matado.

Jesus sofreu e morreu por nossos pecados. Deus poderia ter usado qualquer grupo étnico para realizar a execução. Em Seus planos, propósitos e tempo de redenção, foram um insignificante burocrata romano e um punhado de alguns sacerdotes que realmente O levaram à morte.

Os cristãos deveriam agradecer continuamente a Deus por Seu amor redentor demonstrado por meio da morte de Jesus como nosso Cordeiro Pascal. Também deveríamos pedir perdão aos nossos amigos judeus por tê-los culpado pela Sua morte.

## APLICAÇÃO PESSOAL

Vamos, agora, observar a aplicação pessoal que essa festa tem para nós hoje. A Bíblia diz e a condição humana prova que todos nós pecamos e o salário do nosso pecado é a morte (veja Romanos 3:23; 6:23). Assim como aconteceu com os Hebreus no Egito, o anjo da morte vem bater em nossa porta. O escritor de Hebreus diz que a grande influência que satanás tem sobre a humanidade é o medo da morte (veja Hebreus 2:14-15).

A morte é um assunto no qual não gostamos de pensar e nem conversar.

Nós não temos só medo da morte, mas também de Deus. Temos medo de Deus porque no fundo sabemos que somos pecadores e que nossos pecados separam-nos dele. Sabemos que Deus estaria agindo com justiça ao punir-nos então, fugimos de Sua presença. Tentamos nos esconder dele atrás dos muros da religião, dos negócios, do poder, do dinheiro, da fama, do glamour, do sucesso, *etc.* Nós nos mantemos ocupados não nos interessamos em pensar nele. O profeta Isaías observou isso nos seres humanos e disse: “Não há paz alguma para os ímpios”, diz o Senhor” (Is. 48:22).

Embora mereçamos a morte, Deus abriu um caminho para sermos salvos. Esse caminho é pelo sangue de Jesus, o qual nos purifica de todo pecado (veja 1 João 1:7). Quando derramamos Seu sangue na entrada do nosso coração, a morte não consegue nos dominar e não precisamos mais temê-la, pois a ressurreição de Jesus retirou da morte o seu agulhão (veja 1 Coríntios 15:51-57).

O mesmo acontece com nosso medo de Deus, pois não temos mais que fugir do Senhor quando aceitamos Jesus como o Cordeiro de Deus que morreu por nossos pecados. Deus aceita a morte de Cristo em nosso lugar. Ele é o nosso sacrifício vicário. Somos reconciliados com Deus quando reconhecemos Jesus como Aquele que morreu em nosso favor.

Paulo escreveu: “Mas agora, em Cristo Jesus [Messias Yeshua], vocês, que antes estavam longe, foram aproximados mediante o sangue de Cristo [Messias]” (Ef. 2:13). Isso significa que não há condenação para aqueles que vêm a Jesus e O recebem como Messias, Senhor e Salvador; (veja Romanos 8:1). Nós não seremos condenados, pois passamos da morte para a vida (veja João 5:24).

O resultado de nos voltarmos para Jesus como nosso sacrifício pascal é ter paz com Deus. Lemos estas palavras em Romanos: “Tendo sido, pois, justificados pela fé, temos paz com Deus, por nosso Senhor Jesus Cristo [Yeshua o Messias]... Mas Deus demonstra seu amor por nós: Cristo [Messias] morreu em nosso favor quando ainda éramos pecadores.

Como agora fomos justificados por seu sangue, muito mais ainda, por meio dele, seremos salvos da ira de Deus!” (Rm. 5:1; 8-9).

Nosso Pai Celestial ofereceu o sangue de Seu próprio Filho como sacrifício da aliança de sangue pascal. Ao recebermos Jesus como nosso Cordeiro Pascal, Deus entrou em nossa casa – isto é, em nossa vida. Ele tornou-se nosso protetor e provedor. Passamos de pessoas naturais para povo da aliança, das trevas para a luz, do pecado para a justiça, da servidão para a liberdade, da derrota para a vitória, do medo para a fé, da doença para a saúde, da pobreza para a abundância e da morte para a vida.

Por essa razão, não vamos desprezar a aliança de sangue sagrada que Deus fez conosco por meio de Jesus e tratá-la como algo comum. Mas retenhamos firme a confissão de nossa esperança sem vacilar, pois nosso Deus é um Deus fiel e que guarda a aliança (veja Hebreus 10).

Aceitar Jesus como nosso Messias, Senhor e Salvador é o primeiro grande encontro que temos com Deus. É assim que encontramos paz com Ele e é isso que a Festa da Páscoa simboliza. É a imagem do Príncipe da Paz, o Senhor Jesus.

Dos sete passos para conhecer a Deus e andar com Ele, o primeiro é aceitar Jesus como nosso Messias, Senhor e Salvador pessoal e, assim, experimentar um novo nascimento espiritual. Deus disse aos hebreus que nenhum incircunciso poderia celebrar a festa da Páscoa ou a refeição da Páscoa (veja Êxodo 12:48). Como salientei anteriormente, a circuncisão era a evidência externa de que a pessoa estava em aliança com Deus.

Se a pessoa aceitasse a circuncisão, isso mostraria que ela reconhecia o Deus de Abraão, Isaque e Jacó como seu próprio Deus. Isso lhe permitia receber as bênçãos que eram parte da aliança de Deus com o povo judeu.

Mas Deus estava interessado em algo muito maior que apenas um corte na carne. Ele queria que o povo tivesse um coração circuncidado (veja Romanos 2:29). Jesus referiu-se a isso como ser “nascido de novo” (João. 3:1-7). Esse é um renascimento espiritual, que acontece no momento em que aceitamos Jesus como nosso Cordeiro Pascal e pedimos a Ele que entre em nossa vida. Jesus nos dá o Espírito Santo que vem viver em nós, mudando nosso coração e fazendo de nós uma nova criatura em união espiritual com Cristo. Isso é o que Deus sempre planejou para Seu povo. A circuncisão

física era apenas um exemplo da verdadeira circuncisão tanto do Espírito quanto no coração.

Paulo frequentemente contrastou a circuncisão física e a espiritual para mostrar a imperfeição da física e a necessidade da espiritual. Ele disse: “Pois nós é que somos a circuncisão, nós que adoramos pelo Espírito de Deus, que nos gloriamos em Cristo Jesus [Messias Yeshua] e não temos confiança alguma na carne” (Fp. 3:3).

Paulo mais tarde escreve a seus irmãos judeus: “Não é judeu quem o é apenas exteriormente, nem é circuncisão a que é meramente exterior e física. Não! Judeu é quem o é interiormente, e circuncisão é a operada no coração, pelo Espírito, e não pela Lei escrita. Para estes o louvor não provém dos homens, mas de Deus” (Rm. 2:28-29). Paulo não queria dizer que para ser um judeu, não bastaria apenas ser de nascença, mas sim deve nascer pelo Espírito.

Ele continua dizendo: “De nada vale ser circuncidado ou não. O que importa é ser uma nova criatura” (Gl. 6:15). E para os cristãos em Corinto, Paulo escreveu: “Portanto, se alguém está em Cristo [Messias], é nova criatura. As coisas antigas já passaram; eis que surgiram coisas novas!” (2 Co. 5:17).

## ASPECTO SAZONAL PROFÉTICO

Aprendemos no livro de Levítico que o Senhor disse ao Seu povo para manter as festas no tempo devido (veja Levítico 23:4). Ele falava das estações agrícolas e também das proféticas. As estações proféticas de Deus são aqueles períodos de tempo na história do mundo em que Deus faz um mover para estabelecer e restaurar o significado espiritual dessas festas na vida do povo de Sua aliança. É um grande mover de Deus que afeta todo o mundo, mas particularmente judeus e cristãos.

Você notará no quadro das Festas que o aspecto sazonal da Páscoa está ligado a Martinho Lutero. Leia o relato do que aconteceu. Durante séculos, a verdade bíblica ilustrada pela Festa da Páscoa não foi ensinada claramente pelos líderes religiosos da Igreja. Isso aconteceu como veremos a seguir.

No ano 312 d.C, o imperador romano Constantino decretou que o cristianismo deveria ser a religião oficial do Império Romano. Obviamente, ninguém pode decretar que o outro torne-se um cristão, pois o cristianismo é uma questão de coração. Mas o povo precisava obedecer exteriormente, embora internamente a maioria nunca tivesse aceitado Jesus de modo pessoal ou experimentado um novo nascimento. Roma adotou o cristianismo, porém os romanos não se tornaram cristãos verdadeiros. Para sobreviver e avançar no império, o povo afiliou-se a uma nova religião, mas nunca tiveram uma mudança interior.

Durante os próximos 1.200 anos, muitas práticas não bíblicas foram ensinadas pela Igreja institucional. A igreja perdeu o ensinamento simples da justificação pela fé e somente por ela. As pessoas buscavam salvação por meio de rituais religiosos em vez de pela fé em Jesus como seu Cordeiro Pascal em forma humana.

Muitos dos líderes da Igreja não tinham vivenciado o próprio nascimento espiritual. Por isso, não

ensinavam claramente que a salvação vinha através de um relacionamento pessoal com Jesus e de um novo nascimento espiritual no reino de Deus. Ao longo do tempo, as pessoas comuns não ouviam ou compreendiam a importância da Festa da Páscoa como cumprida em Cristo. As pessoas buscavam salvação por meio de rituais da Igreja ao invés de pela fé pessoal em Jesus como o Cordeiro Pascal em forma humana.

Durante o século 1500, Deus levantou um homem chamado Martinho Lutero para restaurar o significado da Festa da Páscoa no mundo cristão. Com 22 anos de idade, durante uma terrível tempestade, Lutero foi derrubado por um raio. Pelo fato de sua vida ter sido poupada, Lutero, fez voto de tornar-se monge. Foi ordenado em 1507 e, após estudar teologia, ele passou a ensinar essa disciplina na Universidade de Wittenberg.

Devido à sua orientação teológica, Lutero buscou paz com Deus por meio de rituais e tradições da Igreja. Ele guardava todos, da melhor forma que um homem poderia guardar, com grande zelo e devoção. Ele jejuava, orava, confessava seus pecados, recorria aos santos e à Virgem Maria para encontrar ajuda. Ele abandonou todos os confortos materiais e submeteu seu corpo às condições mais primitivas na tentativa de obter o favor de Deus e vencer a tentação. Seu fracasso ao tentar encontrar a paz com Deus através de suas próprias obras o deixavam vazio, confuso e frustrado. No contexto deste livro, poderíamos dizer que Lutero estava voltando-se às representações visuais e não ao ser humano.

No ano 1515, Lutero dedicou-se a estudar a carta de Paulo aos Romanos. Foi durante esse estudo que Lutero conseguiu perceber que a salvação não se baseava em obras ou atos religiosos, mas era uma dádiva gratuita de Deus disponível por meio da fé pessoal em Jesus. O versículo que Deus usou para abrir os olhos de Lutero foi Romanos 1:17, que diz: “O justo viverá pela fé”. Com essa compreensão nova da Palavra de Deus, Lutero tornou-se um novo homem. Colocou a fé pessoal em Jesus como seu Cordeiro Pascal que havia morrido por seus pecados. Toda a Escritura adquiriu um novo significado para Lutero. Ele proclamou seu novo entendimento com uma coragem que sacudiu o mundo.

Infelizmente, Martinho Lutero repudiava os Judeus. Ele foi um homem do seu tempo e vivia em um mundo antissemita. Contudo, Deus o usou para restaurar a realidade espiritual da Festa da Páscoa como cumprida em Jesus. Em 1517, Lutero protestou contra a venda de indulgências pela Igreja, o que desencadeou a Reforma Protestante que mudou o curso da história.

## REVISÃO PARA ESTUDO PESSOAL

1. Descreva como Jesus cumpriu a Festa da Páscoa.
2. Como a Festa da Páscoa aplica-se às nossas vidas hoje?
3. Descreva o aspecto sazonal da Festa da Páscoa.
4. Peça a Deus para você ter um encontro pessoal com Jesus como realidade espiritual dessa festa.

Notas da Páscoa

Nota 1 - Ver [www.studylight.org/lex/heb/view.cgi?number=06452](http://www.studylight.org/lex/heb/view.cgi?number=06452) [\[Voltar\]](#)

Nota 2 - Acesse o seguinte site, em língua inglesa, para uma descrição de como a Páscoa era celebrada no primeiro século: [www.abu.nb.ca/Courses/NTIntro/LifeJ/LSUPCHAP1.htm](http://www.abu.nb.ca/Courses/NTIntro/LifeJ/LSUPCHAP1.htm) [\[Voltar\]](#)

Nota 3 - Josefo, The Wars of the Jews em The Works of Josephus (Peabody, MA: Hendrickson, 1980). [\[Voltar\]](#)

## PÃES ÁZIMOS

Segundo o que foi cumprido em Jesus, a Festa da Páscoa afeta nossa posição diante de Deus. Antes de receber Jesus como nosso Messias, Senhor e Salvador, nossos pecados nos separam de Deus.

Uma vez que aceitamos Jesus como o Cordeiro Pascal que morreu por nossos pecados, muda a nossa posição diante de Deus. Algo maravilhoso acontece! Deus nos declara “inocentes”.

Essa mudança em nossa posição diante de Deus é chamada justificação. É um ato judicial de Deus considerando a nossa posição diante dele.

Ao nos justificar, Deus concede ou credita a justiça perfeita de Jesus à nossa conta bancária espiritual. Desse modo, as passagens seguintes falam dessa bênção maravilhosa de Deus.

“...Sendo justificados gratuitamente por sua graça, por meio da redenção que há em Cristo Jesus [Messias Yeshua], pois sustentamos que o homem é justificado pela fé, independente da obediência à Lei” (Rm. 3:24, 28).

“Todavia, àquele que não trabalha, mas confia em Deus, que justifica o ímpio, sua fé lhe é creditada como justiça. Davi diz a mesma coisa, quando fala da felicidade do homem a quem Deus credita justiça independente de obras: Como são felizes aqueles que têm suas transgressões perdoadas, cujos pecados são apagados! Como é feliz aquele a quem o Senhor não atribui culpa!” (Rm. 4:5-8).

“Tendo sido, pois, justificados pela fé, temos paz com Deus, por nosso Senhor Jesus Cristo [Yeshua o Messias]. Mas Deus demonstra seu amor por nós: Cristo [Messias] morreu em nosso favor quando ainda éramos pecadores. Como agora fomos justificados por seu sangue, muito mais ainda, por meio dele, seremos salvos da ira de Deus!” (Rm. 5:1; 8-9).

“Sabemos que ninguém é justificado pela prática da Lei, mas mediante a fé em Jesus Cristo [Yeshua o Messias]. Assim, nós também cremos em Cristo Jesus [Messias Yeshua] para sermos justificados pela fé em Cristo [Messias], e não pela prática da Lei, porque pela prática da Lei ninguém será justificado” (Gl. 2:16).

Paulo estava se referindo à nossa justificação quando escreveu: “Deus tornou pecado por nós aquele [Jesus] que não tinha pecado, para que nele nos tornássemos justiça de Deus” (2 Co. 5:21).

Deus declarou-nos justos por meio de Jesus. Essa é uma ótima notícia e um motivo de alegria. Não estamos mais fugindo de Deus, carregando o fardo da culpa por meio do pecado, pois, Deus perdoou nossos pecados e nem ao menos lembra-se deles. Ele separou-nos de nossos pecados assim como o Leste está longe do Oeste e lançou-os no mar do esquecimento.

Nós temos paz com Deus. Que o Seu nome seja louvado para sempre!

Muitos cristãos pensam que isso é tudo o que Deus tem para eles.

Porém, há muito mais! Esse é apenas o começo de uma emocionante jornada com Deus. Veja bem, Deus não está interessado só em nossa posição; Ele também está interessado em nossa condição. Deus não se importa apenas com o que éramos e o que vamos ser; se importa com o que somos agora. Deus está interessado em cada parte de nossa vida. Ele quer mudá-la e transformar-nos em exemplo moral e no caráter de Jesus.

E Ele quer fazer isso agora! Esse é o ensinamento espiritual da Festa dos Pães Ázimos.

## CONTEXTO HISTÓRICO

Deus concede as seguintes instruções acerca da Festa dos Pães Ázimos: “E aos quinze dias deste mês é a Festa dos Pães Ázimos do Senhor; sete dias comereis pães ázimos” (Lv. 23:6-8, ARA).

Notamos a partir dessa passagem que os primeiros e os últimos dias dessa festa (o décimo quinto e o vigésimo primeiro) são os dias do Grande Shabat. Nesses dias, o povo deveria parar seu trabalho e passar o tempo meditando em Deus e em Sua grandeza e bondade. O décimo quinto dia é o Grande Shabat sobre o qual falamos no capítulo anterior referente a João 19:31. A Páscoa, o décimo quarto dia, era o Dia da Preparação para o primeiro dia da Festa dos Pães Ázimos, o décimo quinto dia. Também vemos no livro de Números que sacrifícios eram oferecidos a Deus durante essa festa (veja Números 28:16-25).

A Festa dos Pães Ázimos era celebrada no dia seguinte à Páscoa e durava do décimo quinto até o vigésimo primeiro dia no mês hebraico de Nissan. Esse período corresponde à primavera nos meses de março/abril no calendário gentio.

Quando Deus libertou os hebreus do Egito, Ele o fez com tanta pressa que não tiveram tempo de assar seus pães, o que normalmente incluía fermento. Ao longo do tempo, o fermento tornou-se símbolo da velha vida de servidão dos hebreus no Egito sob o sistema de mundo do Faraó e dos egípcios, o qual era contrário a Deus. Os pães ázimos simbolizavam a libertação da velha vida à medida que saíam do Egito.

Deus instruiu os hebreus a guardarem a Festa dos Pães Ázimos como um memorial da sua separação do Egito. Os pães ázimos não eram comidos na Páscoa no décimo quarto dia nem pelos sete dias seguintes, como registrado em Êxodo 13:3-7.

“Comemorem esse dia em que vocês saíram do Egito, da terra da escravidão, porque o Senhor os tirou dali com mão poderosa. Não comam nada fermentado...Comam pão sem fermento durante os sete dias; não haja nada fermentado entre vocês, nem fermento algum dentro do seu território”.

Antes das Festas da Páscoa e dos Pães Ázimos poderem ser celebradas, todo o fermento deveria ser removido das casas dos hebreus. Isso requeria uma grande limpeza. Tudo na casa era meticulosamente lavado, esfregado e limpo, o que incluía as paredes, o teto, o chão, a mobília, os

armários, *etc.* Os utensílios de cozinha eram fervidos e eram usados somente os que não tinham sido contaminados pelo fermento.

Quando a limpeza estava completa, a família fazia uma cerimônia chamada a “busca do fermento”. Depois de anoitecer, o chefe da família acendia uma vela e, com cuidado, olhava em cada recanto e fenda da casa procurando por fermento escondido. Se encontrasse algum, ele imediatamente o removia da casa.

Muitas famílias judaicas modernas participam dessa mesma limpeza e da busca do fermento. Um pouco antes da Páscoa, migalhas de pães Ázimos são colocadas em cada cômodo da casa por um membro da família. Em seguida, o chefe da casa dá a bênção para todos começarem a remover o fermento e procede na busca pelo fermento escondido. Um membro da família caminha carregando uma vela acesa para saber onde o fermento está escondido. Quando a pessoa que faz a busca descobre o fermento, ela tem o cuidado de não tocá-lo. Para evitar contato, ela pega uma pena e varre o fermento para uma colher de madeira pequena. Em seguida, ele coloca o fermento em uma sacola. Após verificar se encontrou todo o fermento, põe a colher de madeira, a pena e a vela dentro da sacola e, depois queima tudo. Por último, faz-se uma oração pedindo a Deus para perdoar a família por qualquer fermento escondido que possam ter deixado passar despercebido. Com o fermento agora removido da casa, a família está pronta para celebrar a Festa da Páscoa e dos Pães Ázimos. [\[Nota](#)

[1\]](#)

## As Festas do Senhor

Estação Agrícola	Mês Hebraico	Festa (Histórica)	Jesus (Profético)	Cristão (Pessoal)	Sazonal
Colheita da Cevada	Nissan 14	Páscoa	Crucificado	Novo nascimento Retirar[despir] o velho Colocar[vestir] o novo Primícias	Lutero-1517 Wesley-1738
	15-21	Páscoa	Sepultado		
	17-18	Pães Azimos Primícias	Ressurreto		
	Iyar	50 dias da Ressurreição até o Pentecostes			
Colheita do Trigo	Svan 6	<b>Pentecoste</b>	Exaltado	Batismo no Espírito Santo	Kansas-1901 Los An.-1906
Colheita da fruta	TamuzAb Av Elul	Não havia festa – Período da Igreja			
Final de colheita	Tishrei 1	<b>Tabernáculos</b>	Derrotando o inimigo Purificando a Naiva Voltando	Armadura Batismo no Fogo Descanso de Deus	Presente Futuro Futuro
	10	Trombetas Dia da Expição			
	15-21	Tabernáculos			
Nissan — Mar-Abr Iyar — Abr-Maio Svan — Maio-Jun Tamuz — Jun-Jul Av — Jul-Ago Elul — Ago-Set Tishrei — Sete-Out					

As Festas do Senhor						
Estação Agrícola	Mês Hebraico	Festa (Histórica)	Jesus (Profético)	Cristão (Pessoal)	Sazonal	
Colheita da Cevada	Nissan 14	Páscoa	Crucificado	Novo nascimento Retirar [despir] o velho Colocar [vestir] o novo Primícias	Lutero-1517 Wesley-1738	
	15-21	Páscoa Pães Azimos	Sepultado Ressurreto			
	17-18	Primícias				
	Iyar	50 dias da Ressurreição até o Pentecostes				
Colheita do Trigo	Svan 6	<b>Pentecoste</b>	Exaltado	Batismo no Espírito Santo	Kansas-1901 Los An.-1906	
Colheita da Fruta	Tamuz Av Elul	Não havia festa – Período da Igreja				
Final de colheita	Tishrei 1 10 15-21	<b>Tabernáculos</b>	Derrotando o inimigo Purificando a Naiva Voltando	Armadura Batismo no Fogo Descanso de Deus	Presente Futuro Futuro	
		Trombetas Dia da Expição Tabernáculos				
Nissan — Mar-Abr Iyar — Abr-Maio Svan — Maio-Jun Tamuz — Jun-Jul Av — Jul-Ago Elul — Ago-Set Tishrei — Sete-Out						

Podemos ver claramente a partir dessa festa que seu propósito era, e ainda é hoje, lembrar ao povo judeu de que Deus os tirou do Egito para ser um povo separado para Ele. Era um memorial permanente da libertação do Egito e da servidão, opressão, tristeza e sofrimento que fazia parte de sua velha vida.

## COMO JESUS CUMPRIU A FESTA

Como vimos, os judeus deveriam guardar essa festa com pães Ázimos. Nos últimos tempos, os rabinos adicionaram a regra de que a comida só poderia ser ingerida durante essa festa se esta fosse preparada antes mesmo do começo do processo de fermentação. Foi determinado que deveriam levar 18 minutos do momento em que o trigo é misturado com água até o momento em que a levedura no trigo comece a fermentar.

O preparo da *matzah* de Páscoa requer supervisão cuidadosa para satisfazer as rígidas exigências dos rabinos. Qualquer pessoa que tenha comido esse “pão da aflição”, sem fermento especialmente preparado, não pode esquecer que ele é transpassado e moído. Isso faz uma clara ligação com Jesus.

Jesus cumpriu essa festa como o “Pão da Vida” do céu que não tinha fermento (pecado) em Si. Devido à natureza do fermento que se expande e a tudo contamina, ele é usado como metáfora para o pecado, porque não havia fermento do pecado em Jesus.

Paulo escreveu: “Deus tornou pecado por nós aquele que não tinha pecado, para que nele nos tornássemos justiça de Deus” (2 Co. 5:21).

João declarou: “Vocês sabem que ele se manifestou para tirar os nossos pecados, e nele não há pecado” (1 Jo. 3:5).

O profeta Isaías deu-nos uma prévia do Messias que seria transpassado e moído por causa dos nossos pecados. Nós lemos suas palavras no capítulo anterior, mas é conveniente lê-las de novo: “Certamente ele tomou sobre si as nossas enfermidades e sobre si levou as nossas doenças; contudo nós o consideramos castigado por Deus, por Deus atingido e afligido. Mas ele foi transpassado por causa das nossas transgressões, foi esmagado por causa de nossas iniquidades; o castigo que nos trouxe paz estava sobre ele, e pelas suas feridas fomos curados.... Com julgamento opressivo ele foi levado. E quem pode falar dos seus descendentes? Pois ele foi eliminado da terra dos viventes; por causa da transgressão do meu povo ele foi golpeado. Foi-lhe dado um túmulo com os ímpios, e com os ricos em sua morte, embora não tivesse cometido nenhuma violência nem houvesse nenhuma mentira em sua boca. Contudo, foi da vontade do Senhor esmagá-lo e fazê-lo sofrer, e, embora o Senhor tenha feito da vida dele uma oferta pela culpa, ele verá sua prole e prolongará seus dias, e a vontade do Senhor prosperará em sua mão” (Is. 53:4-5; 8-10).

Jesus apontava para Si mesmo como o cumprimento dessa festa na mesma semana em que estava sendo celebrada em Jerusalém. Muitos judeus tinham ido a Jerusalém para celebrar a festa segundo a ordem de Deus em Êxodo 23:14-17 e Deuteronômio 16:16.

Uma grande multidão desses peregrinos tinha ouvido acerca de Jesus e O estavam seguindo por onde quer que ele fosse, mas um problema surgiu. A multidão estava faminta e não havia nada para comer. Então, Jesus aproveitou essa oportunidade para realizar um milagre que O indicaria como o verdadeiro pão da vida.

Jesus usou essa oportunidade para testar Seus discípulos. Ele perguntou a Filipe como eles poderiam alimentar todo o povo faminto. Filipe não tinha ideia. Então, outro discípulo, André,

trouxe a Jesus um menino que tinha cinco pães de cevada e dois peixes. (Isso aconteceu durante a colheita da cevada, que dava origem ao pão dos pobres. (O menino pobre desejava dar a Jesus tudo o que tinha). Essa era claramente uma solução insuficiente para o problema. No entanto, Jesus tomou a refeição do menino, bendisse ao Pai Celestial pela comida e, em seguida, multiplicou-a de modo que houvesse o suficiente para 5.000 homens, mais as mulheres e crianças e ainda sobrou (veja João 6:1-13).

Jesus, então, usou esse milagre como um sinal para mostrar o quanto as pessoas precisavam buscá-Lo como o verdadeiro pão de Deus, que concede a vida eterna. João foi uma testemunha ocular e fez o seguinte relato: “Declarou-lhes Jesus: Digo-lhes a verdade: Não foi Moisés quem lhes deu pão do céu, mas é meu Pai quem lhes dá o verdadeiro pão do céu. Pois o pão de Deus é aquele que desceu do céu e dá vida ao mundo.

Disseram eles: ‘Senhor, dá-nos sempre desse pão!’ Então Jesus declarou: Eu sou o pão da vida. Aquele que vem a mim nunca terá fome; aquele que crê em mim nunca terá sede” (Jo. 6:32-35).

Quando o povo ouviu Jesus falar, começaram a murmurar contra Ele. No entanto, Jesus não retirou o que disse. Repetiu suas afirmações com grande coragem e clareza: “Asseguro-lhes que aquele que crê tem a vida eterna. Eu sou o pão da vida. Os seus antepassados comeram o maná no deserto, mas morreram. Todavia, aqui está o pão que desce do céu, para que não morra quem dele comer. Eu sou o pão vivo que desceu do céu. Se alguém comer deste pão, viverá para sempre. Este pão é a minha carne, que eu darei pela vida do mundo” (Jo. 6:47-51).

O povo murmurou novamente e discutiu entre si sobre o que Jesus falara. Uma vez mais, Jesus insistiu no seu argumento e continuou dizendo, conforme João registrou: “Jesus lhes disse: Eu lhes digo a verdade. Se vocês não comerem a carne do Filho do homem e não beberem o seu sangue, não terão vida em si mesmos. Todo aquele que come a Minha carne e bebe o Meu sangue tem a vida eterna, e Eu o ressuscitarei no último dia. Pois a Minha carne é verdadeira comida e o Meu sangue é a verdadeira bebida. Todo aquele que come a Minha carne e bebe o Meu sangue permanece em Mim e Eu nele. Da mesma forma como o Pai que vive Me enviou e Eu vivo por causa do Pai, assim aquele que se alimenta de Mim viverá por Minha causa.

Este é o pão que desceu dos céus. Os antepassados de vocês comeram o maná e morreram, mas aquele que se alimenta deste pão viverá para sempre” (João 6:53-58).

No capítulo anterior, vimos que Jesus foi crucificado no décimo quarto dia, uma quarta-feira. (Consulte o quadro Quando Jesus foi crucificado e ressuscitou?). Também notamos que Seu corpo foi retirado um pouco antes das seis horas daquela noite, quando um novo dia estava para começar (o décimo quinto dia). A partir disso, compreendemos que José de Arimateia e Nicodemos prepararam o corpo de Jesus para o sepultamento e o colocaram no túmulo a tempo de Jesus ser sepultado no décimo quinto dia, o primeiro dia da Festa dos Pães Ázimos.

Jesus, o pão ázimo de Deus vindo do céu, tomou sobre Si todo o nosso fermento do pecado e foi sepultado no mesmo dia em que os judeus vinham celebrando a festa durante séculos. O que os

judeus vinham realizando na Festa dos Pães Ázimos era exemplificação do Messias Jesus, que tinha vindo ao mundo e representado em Sua carne a realidade retratada pela festa. Enquanto o povo judeu removia o fermento físico de suas casas, Jesus removia o fermento espiritual do pecado de nossa casa – isto é, de nossa vida.

Jesus tomou sobre Si o fermento do nosso pecado em Seu espírito, das nossas tristezas em Sua alma e as nossas doenças, moléstias e morte em Seu corpo. Ele não conhecia nenhum fermento (pecado, doenças e morte), mas, mesmo assim, se tornou fermento por nós. Nossas atitudes mundanas e modos pecaminosos foram sepultados com Ele. A servidão, a opressão, a tristeza e o sofrimento que eram parte de nossa velha vida foram junto com Ele para o túmulo. Ele tomou sobre Si todo o fardo de responsabilidade que cabia à nossa condição humana.

José de Arimateia e Nicodemos eram membros importantes da Suprema Corte Judaica (o Sinédrio). Eles levaram o corpo de Cristo e o envolveram em faixas de linho com uma mistura de mirra e aloés que pesava cerca de 45 quilos. A quantidade de especiarias usada para ungir o corpo refletia o quanto a pessoa era importante. O rabino Gamaliel era um contemporâneo de Cristo, que, quando morreu, seu corpo foi ungido com cerca de 36 quilos de especiarias. [\[Nota 2\]](#)

Esse era o costume lavar e arrumar o corpo e, em seguida, enfaixá-lo apertadamente desde as axilas até os calcanhares com pedaços de linho com cerca de 30 centímetros de largura. Especiarias aromáticas, geralmente com consistência de goma, eram colocadas entre as faixas. Elas serviam como conservante e parcialmente como argamassa para colar as faixas de tecido e formar uma cobertura sólida. O rosto era deixado descoberto, mas um pedaço de tecido envolvia a cabeça do cadáver.

Aloés era uma madeira perfumada que havia sido triturada ou de algum outro modo reduzida a pó. A mirra era uma goma aromática que era misturada com a madeira em pó. Podemos considerar a mirra a “super cola do primeiro século”. Quando misturadas, a aloés seca grudava-se ao corpo de modo que o corpo de Jesus incorporou-se à especiaria em pó.

O corpo é deitado com o rosto voltado para cima e as mãos cruzadas no peito. O rosto, o pescoço e a parte superior dos ombros ficam descobertos. A cabeça deveria fazer sobre uma porção elevada da borda, a qual servia de traveseiro. Devido ao fato de o corpo de Cristo ter sido preparado apressadamente para baixar à sepultura, não houve tempo para um enterro elaborado. Mais tarde, após o Shabat semanal, as mulheres foram ungir Seu rosto, pescoço e ombros.

Antes de ser crucificado, Jesus foi espancado de tal maneira que mal podia ser reconhecido como homem (veja Isaías 52:14). Ele ficou pendurado na cruz durante seis horas, arcando com as consequências de nossos pecados. Ele foi envolto em faixas como uma múmia e coberto com cerca de 45 quilos de especiarias. Então José rolou uma grande pedra para a frente da sepultura (veja Mateus 27:59-60). Alguns escritos antigos dizem que essa pedra era tão grande que seriam necessários pelo menos vinte homens para rolá-la. Finalmente, o túmulo era guardado esticando-se um cordão de lado a lado da pedra e era selado de cada lado com um selo romano. Jesus estava lá dentro com nossos pecados, tristezas, doenças e moléstias enterradas com Ele. É assim que Cristo cumpriu a (foi a realidade espiritual e a encarnação humana da) Festa dos Pães Ázimos.

## APLICAÇÃO PESSOAL

Paulo escreveu que nós cristãos devemos “retirar” o velho fermento do pecado que foi crucificado e sepultado com Jesus. Lemos: “Quanto à antiga maneira de viver, vocês foram ensinados a despir-se do velho homem, que se corrompe por desejos enganosos” (Ef. 4:22).

A velha natureza ou o velho homem sobre o qual Paulo está falando é o que os judeus chamam de “má inclinação”. O Cristianismo aborda-o como uma natureza pecaminosa herdada de Adão. Esse impulso ou inclinação em direção ao pecado impede-nos de ter um relacionamento íntimo com Deus, traz tristeza e mágoa à nossa alma e traz doenças e morte para o nosso corpo. Como podemos confirmar, essa velha natureza dentro de nós ama o pecado. Enquanto ela for a força dominante em nossa vida, cometeremos atos pecaminosos.

Jesus falou dessa forma: “Pois do interior do coração dos homens vêm os maus pensamentos, as imoralidades sexuais, os roubos, os homicídios, os adultérios, as cobiças, as maldades, o engano, a devassidão, a inveja, a calúnia, a arrogância e a insensatez. Todos esses males vêm de dentro e tornam o homem impuro” (Mc. 7:21-23). Jesus levou esse desejo de pecar para o túmulo junto com Ele.

Quando Paulo usou a expressão “despir”, ele estava se referindo a uma pessoa despindo suas vestes. Nos tempos bíblicos, a veste de uma pessoa a representava. Hoje dizemos: “As roupas fazem o homem (ou a mulher)”. Paulo quer que nós venhamos a despir as “velhas roupas carnis da sepultura” descritas por ele em Gálatas como as obras da carne: “Ora, as obras da carne são manifestas: imoralidade sexual, impureza e libertinagem; idolatria e feitiçaria; ódio, discórdia, ciúmes, ira, egoísmo, dissensões, facções e inveja; embriaguez, orgias e coisas semelhantes. Eu os advirto, como antes já os adverti: Aqueles que praticam essas coisas não herdarão o Reino de Deus” (Gl. 5:19-21).

Assim, somos capazes de despir essas vestes carnis velhas, pois o velho homem pecador foi sepultado com Cristo em cumprimento à Festa dos Pães Ázimos. Dessa forma, o poder do pecado sobre nós foi quebrado. Quando compreendemos e entendemos essa obra de Cristo em nosso favor, Deus começa a operar mudanças em nossas vidas. Ele muda nossa condição e nosso caráter. Somos transformados mais e mais à imagem moral e semelhança de Jesus. É assim que a Festa dos Pães Ázimos seria realizada em Jesus afetando nossa condição moral e espiritual.

Deus propiciou a Festa dos Pães Ázimos como um recurso ou uma imagem visual que mostrava aos hebreus que eles deveriam ficar longe do Egito. Na Bíblia, o Egito representa o sistema mundial no qual vivemos, pois sua filosofia e seus hábitos são contrários à Palavra de Deus. Os hebreus deveriam viver de modo diferente visto que tinham sido libertos do Egito. Semelhantemente, nós que fomos libertos do sistema do mundo por meio do sangue de Jesus devemos viver uma vida separada das atitudes e dos hábitos do mundo.

Deus nos escolheu para ser um povo separado e diferente daqueles ao nosso redor porque devemos estar no mundo, mas não ser dele. Esse é o significado bíblico da palavra “santo”.

Paulo expressou isso da seguinte forma aos cristãos romanos: “Portanto, irmãos, rogo-lhes pelas misericórdias de Deus que se ofereçam em sacrifício vivo, santo e agradável a Deus; este é o culto racional de vocês.

Não se amoldem ao padrão deste mundo, mas transformem-se pela renovação da sua mente, para que sejam capazes de experimentar e comprovar a boa, agradável e perfeita vontade de Deus” (Rm. 12:1-2).

João escreveu: “Não amem o mundo nem o que nele há. Se alguém ama o mundo, o amor do Pai não está nele. Pois tudo o que há no mundo — a cobiça da carne, a cobiça dos olhos e a ostentação dos bens — não provém do Pai, mas do mundo. O mundo e a sua cobiça passam, mas aquele que faz a vontade de Deus permanece para sempre” (1 Jo. 2:15-17).

Pedro disse: “Amados, insisto em que, como estrangeiros e peregrinos no mundo, vocês se abstenham dos desejos carnis que guerreiam contra a alma” (1 Pe. 2:11).

Paulo instruiu os cristãos de Corinto: “Portanto, “saíam do meio deles e separem-se”, diz o Senhor. “Não toquem em coisas impuras, e eu os receberei” (2 Co. 6:17).

As Festas dos Pães Ázimos e das Primícias representam a obra de Deus em nós pelo Seu Espírito que nos capacita a viver essa vida santa ou separada. A Bíblia chama essa obra transformadora de Deus em nós de “santificação” (1 Ts. 4:3-4; 2 Ts. 2:13; 1 Pe. 1:2). Essa é uma caminhada cooperativa com Deus por meio da qual nós permitimos que Ele nos transforme à semelhança moral e espiritual de Jesus.

Paulo expressou esse processo com essas palavras: “Assim, meus amados, como sempre vocês obedeceram, não apenas na minha presença, porém muito mais agora na minha ausência, ponham em ação a salvação de vocês com temor e tremor, pois é Deus quem efetua em vocês tanto o querer quanto o realizar, de acordo com a boa vontade dele” (Fp. 2:12-13).

A Festa da Páscoa é o primeiro passo em nossa caminhada com Deus. Ela tem relação com nossa posição de justificação. A Festa dos Pães Ázimos e das Primícias simbolizam nossos dois próximos passos.

Elas têm relação com nossa condição de santificação, a qual transforma nosso caráter. Essa transformação resulta no fruto do Espírito de Deus manifestado em nossas vidas. Essa obra espiritual pode ser uma realidade em nossas vidas, pois Jesus é o verdadeiro Pão asmo de Deus que levou o fermento de nossos pecados para o túmulo junto com Ele.

## ASPECTO SAZONAL PROFÉTICO

Ao observar o quadro de Festas você irá notar que a Festa dos Pães Ázimos e a Festa das Primícias, estão ligadas a John e Charles Wesley.

No capítulo anterior vimos como Deus levantou Martinho Lutero no século XVI com o propósito de restaurar a importância espiritual da Festa da Páscoa. Visto que esse é o passo inicial em nossa jornada espiritual, Deus a restaurou primeiro.

Depois Deus operou por meio de John e Charles Wesley para restaurar a importância espiritual das Festas dos Pães Ázimos e das Primícias.

Enquanto a Páscoa relaciona-se com a nossa posição diante de Deus, essas duas festas relacionam-se com nossa condição – isto é, nosso caráter.

Deus usou os Wesleys para nos mostrar que há muito mais em ser um cristão que apenas receber o perdão de nossos pecados.

John e Charles Wesley nasceram na Inglaterra de pais devotamente religiosos. John nasceu em 1703 e Charles em 1707. Ambos estudaram na Universidade de Oxford, onde Charles iniciou o que tornou-se conhecido como o “clube sagrado”, que era um pequeno grupo de homens com o mesmo pensamento e que desejava ter uma vida disciplinada com o propósito de desenvolver santidade interior.

John logo tornou-se o líder do grupo. Ao meditar sobre a Palavra de Deus, John começou a ver que “a verdadeira religião estava no coração e que a lei de Deus estendia-se a todos os nossos pensamentos, assim como a nossas palavras e ações”.

Essa revelação tornou-se uma realidade espiritual na própria vida de John Wesley, em 24 de maio, de 1738, enquanto participava de uma reunião cristã em Aldersgate Street, Londres. Quando o pastor leu os comentários de Martinho Lutero sobre a carta de Paulo aos Romanos, John sentiu seu coração “estranhamente aquecido” pelo Espírito de Deus.

Charles teve uma experiência parecida três dias depois.

Esse encontro pessoal com o Senhor vivo transformou totalmente os Wesleys. Suas pregações focavam na necessidade de santidade pessoal nas vidas daqueles que professavam Jesus como Senhor e Salvador. Durante seus ministérios, John percorreu mais de 400.000km proclamando a Palavra de Deus e Charles escreveu mais de 6.000 hinos, poemas e cânticos espirituais. Essa restauração do período profético das Festas dos Pães Ázimos e das Primícias teve um grande impacto no mundo.

## REVISÃO DE ESTUDO PESSOAL

1. Descreva como Jesus cumpriu a Festa dos Pães Ázimos.
2. Como a Festa dos Pães Ázimos conforme revelada em Jesus aplica-se às nossas vidas hoje?
3. Descreva um aspecto sazonal da Festa dos Pães Ázimos.
4. Peça a Deus que lhe dê um encontro pessoal com Jesus como realidade espiritual dessa festa.

Notas da Páscoa

Nota 1 - Veja [www.myjewishlearning.com/holidays/Passover/TO\\_Pesach\\_Home/Isaacs\\_Leaven\\_717.htm](http://www.myjewishlearning.com/holidays/Passover/TO_Pesach_Home/Isaacs_Leaven_717.htm) [\[Voltar\]](#)

Nota 2 - William Anderson Scott, The Christ of the Apostles' Creed (New York: A.D.F. Randolph, 1867). [\[Voltar\]](#)

## PRIMEIROS FRUTOS

O terceiro passo em nossa caminhada com Deus é representado pela Festa das Primícias. Assim como na Festa dos Pães Ázimos, ela também se relaciona à nossa condição como cristãos e seguidores de Cristo. Essas festas mostram as duas diferentes fases do compromisso cristão que são necessárias para mudar nossa condição espiritual. Essas duas fases são separação e consagração. Enquanto a Festa dos Pães Ázimos orienta-nos sobre separação, a das Primícias nos ensina sobre consagração.

### CONTEXTO HISTÓRICO

Deus concede as seguintes instruções acerca dessa festa: “Disse o Senhor a Moisés: Diga o seguinte aos israelitas: Quando vocês entrarem na terra que lhes dou e fizerem colheita, tragam ao sacerdote um feixe do primeiro cereal que colherem. O sacerdote moverá ritualmente o feixe perante o Senhor para que seja aceito em favor de vocês; ele o moverá no dia seguinte ao sábado. No dia em que moverem o feixe, vocês oferecerão em holocausto ao Senhor um cordeiro de um ano de idade e sem defeito. Apresentem também uma oferta de cereal de dois jarros da melhor farinha amassada com óleo, oferta ao Senhor preparada no fogo, de aroma agradável, e uma oferta derramada de um litro de vinho. Vocês não poderão comer pão algum, nem cereal tostado, nem cereal novo, até o dia em que trouxerem essa oferta ao Deus de vocês. Este é um decreto perpétuo para as suas gerações, onde quer que morarem” (Lv. 23:9-14).

Vemos no versículo 11 que a Festa das Primícias deveria ser celebrada no dia seguinte ao Shabat. Os Estudiosos judeus têm opiniões diferentes como a que Shabat Deus tinha em mente, mas isso parece ter sido no Shabat semanal regular. Isso significa que a Festa das Primícias foi no primeiro dia da semana, num domingo.

Os Hebreus tinham que trazer os feixes (omer) da colheita da cevada e os balançarem perante o Senhor. Um omer chegava a cerca de 1,8 litros, ou dois quartos ou meio galão de cevada. Antes que qualquer produto da nova safra de cevada pudesse ser consumido, ou até mesmo tocado, uma medida deveria ser trazida ao templo como oferta ao Senhor. Essa oferta é conhecida como omer.

O período de tempo entre essa festa e a Festa de Pentecostes é a época da “Contagem do Omer”. A contagem sempre começava no primeiro dia e continuava até o quinquagésimo dia, como segue: Hoje é o primeiro dia do omer; hoje é o segundo dia do omer; hoje é o terceiro dia do omer; *etc.*

Devido à sua natureza, o trabalho físico nos campos pode fazer com que esqueçamos nossa natureza espiritual. Por essa razão, Deus concedeu ao agricultor essas instruções de modo que ele permanecesse consciente de seu propósito verdadeiro na vida, o qual era amar, servir e obedecer a Deus, dependendo Dele para tudo. Ao oferecer as primícias dessa colheita ao Senhor, o agricultor estava reconhecendo sua total dependência de Deus.

O povo judeu deveria trazer os primeiros feixes da colheita da cevada e balançá-los perante o Senhor. Um pequeno lote de terra era separado no vale de Cedrom para o cultivo dessa oferta de primícias.

De acordo com Alfred Edersheim em seu livro, *The Temple*, os feixes eram cortados no final da tarde, um pouco antes do pôr-do-sol. Quando a época do corte do feixe chegava, uma grande multidão de adoradores gritava e seguia os líderes até o lugar onde as primícias deveriam ser colhidas. A escuridão da noite era quase completa enquanto ainda estavam cantando, tocando seus instrumentos, dançando e celebrando a bondade de Deus. Assim, após o feixe ser cortado, o povo louvava ao Senhor e refazia seu caminho subindo as encostas do monte do templo até o altar.

Agora era oficialmente o “dia seguinte ao Shabat”. [\[Nota 1\]](#)

Edersheim explica: “As espigas eram trazidas para a corte do Templo e batidas com varas ou talos, para não ferir o milho; em seguida, eram tostadas em uma panela com furos, de modo que cada grão pudesse ser tocado pelo fogo. O omer era misturado com cerca de 355 ml de óleo [ $\frac{3}{4}$  de meio litro] e uma porção de incenso, em seguida, era agitada perante o Senhor e uma parte era retirada e queimada no altar”. [\[Nota 2\]](#)

O propósito desse serviço especial era consagrar a colheita a Deus, visto que as primícias representavam toda a colheita. Esse ato lembrava aos hebreus que Deus tinha-lhes dado a terra e que toda a colheita legitimamente pertencia a Ele. O povo era apenas mordomo da terra. Ofertar as primícias, na verdade, consagrava a colheita inteira a Deus. Se Deus aceitasse as primícias da colheita, significava que toda a colheita seria aceita por Deus.

## COMO JESUS CUMPRIU A FESTA

Jesus cumpriu essa festa quando Ele ressuscitou como as primícias da morte. Sua ressurreição marcou o início da colheita das almas as quais foram separadas por Deus por meio de Cristo.

Paulo falou de Jesus como o cumprimento dessa festa com essas palavras: “Mas de fato Cristo [Messias] ressuscitou dentre os mortos, sendo ele as primícias dentre aqueles que dormiram. Visto que a morte veio por meio de um só homem, também a ressurreição dos mortos veio por meio de um só homem. Pois da mesma forma como em Adão todos morrem, e em Cristo [Messias] todos serão vivificados. Mas cada um por sua vez: Cristo [Messias], o primeiro; depois, quando ele vier, os que lhe pertencem” (1 Co. 15:20-23).

Jesus era aquele feixe humano que Deus separou para o propósito de dominar a morte e conceder vida eterna a todos que O reconhecem como Messias, Senhor e Salvador. Como tal, Ele foi o primeiro a levantar-se dos mortos para nunca mais morrer.

Uma vez mais, nos referimos ao quadro intitulado Quando Jesus foi crucificado e ressuscitou? Ao cumprir a Festa da Páscoa, Jesus foi crucificado na quarta-feira, o décimo quarto dia. Para cumprir a Festa dos Pães Ázimos, Ele foi sepultado no final da quarta-feira e começo da quinta-feira, o décimo

quinto dia. Ele ressuscitou no final do Shabat semanal, o décimo sétimo dia e o início do primeiro dia da semana, a Festa das Primícias, o décimo oitavo dia.

Mateus faz o seguinte relato da ressurreição de Jesus: “Depois do sábado, tendo começado o primeiro dia da semana, Maria Madalena e a outra Maria foram ver o sepulcro. E eis que sobreveio um grande terremoto, pois um anjo do Senhor desceu dos céus e, chegando ao sepulcro, rolou a pedra da entrada e assentou-se sobre ela. Sua aparência era como um relâmpago, e suas vestes eram brancas como a neve. Os guardas tremeram de medo e ficaram como mortos. O anjo disse às mulheres: Não tenham medo! Sei que vocês estão procurando Jesus, que foi crucificado. Ele não está aqui; ressuscitou, como tinha dito. Venham ver o lugar onde ele jazia” (Mt. 28:1-6).

Vamos ler Mateus 28:1 novamente à luz de seu contexto cultural: “Depois do sábado, tendo começado o primeiro dia da semana, Maria Madalena e a outra Maria foram ver o sepulcro”. A compreensão adequada desse texto indica que as mulheres vieram ao túmulo na parte da tarde naquele dia ou perto do fim do dia. Não significa após o término do dia (veja também João 20:1; Marcos 16:9-11).

João adicionou alguns detalhes e mencionou a seguinte afirmação que Jesus fez a Maria: “Não me segure, pois ainda não voltei para o Pai.

Vá, porém, a meus irmãos e diga-lhes: Estou voltando para meu Pai e Pai de vocês, para meu Deus e Deus de vocês” (Jo. 20:17).

Foi durante a celebração dessa festa no templo que Jesus ressuscitou.

Ele ressuscitou à noite (era o pôr do sol, não o nascer do sol) na época em que a oferta de primícias era ceifada e apresentada perante Deus. Como o feixe de cevada não poderia ser tocado até ser oferecido a Deus, então Jesus, o feixe humano, não poderia ser tocado até oferecer a Si mesmo no templo celestial como as primícias da morte.

Jesus ia ascender ao Pai com o propósito de apresentar-Se como as primícias da morte. Ele é nosso importante Sumo Sacerdote que ofereceu a Si mesmo em cumprimento da Festa das Primícias no dia exato em que os feixes de cevada estavam sendo movidos perante o Senhor.

A oferta movida do feixe consistia de uma quantidade de talos de cevada que tinham sido agrupados. Semelhantemente, quando Jesus ofereceu a Si mesmo como as primícias da morte, muitos cristãos foram ressuscitados individualmente com Ele. Mateus explicou: “Os sepulcros se abriram, e os corpos de muitos santos que tinham morrido foram ressuscitados. E, saindo dos sepulcros, depois da ressurreição de Jesus, entraram na cidade santa e apareceram a muitos” (Mt. 27:52-53).

Quando chegava a época da colheita, o agricultor ia para o seu campo e inspecionava as primícias da safra. Se ele aceitasse as primícias, então o restante da colheita também seria aceitável para ele. Visto que nosso Pai Celestial aceitou Jesus como as primícias da morte, os que Nele creem também são aceitáveis para Deus por meio Dele. Ele também nos ressuscitará dos mortos e nos dará um novo

corpo glorificado pronto para a eternidade.

Paulo expressou essa verdade aos cristãos em Roma com as seguintes palavras: “E, se o Espírito daquele que ressuscitou Jesus dentre os mortos habita em vocês, aquele que ressuscitou a Cristo dentre os mortos também dará vida a seus corpos mortais, por meio do seu Espírito, que habita em vocês” (Rm. 8:11).

Jesus, como as primícias, é nosso representante. Ao representar a Si mesmo, Ele consagrou o restante de nós ao Pai.

Como Paulo disse com clareza e coragem aos cristãos em Éfeso: “Para o louvor da sua gloriosa graça, a qual nos deu gratuitamente no Amado” (Ef. 1:16). Os cristãos são os talos humanos que foram agrupados com Cristo [Messias]; portanto, “Se é santa a parte da massa que é oferecida como primeiros frutos, toda a massa também o é; se a raiz é santa, os ramos também o serão” (Rm. 11:16).

Paulo escreve aos cristãos de Corínto: “Eis que eu lhes digo um mistério: Nem todos dormiremos, mas todos seremos transformados, num momento, num abrir e fechar de olhos, ao som da última trombeta. Pois a trombeta soará, os mortos ressuscitarão incorruptíveis e nós seremos transformados. Pois é necessário que aquilo que é corruptível se revista de incorruptibilidade, e aquilo que é mortal, se revista de imortalidade. Quando, porém, o que é corruptível se revestir de incorruptibilidade, e o que é mortal, de imortalidade, então se cumprirá a palavra que está escrita: ‘A morte foi destruída pela vitória’.

‘Onde está, ó morte, a sua vitória? Onde está, ó morte, o seu aguilhão?’

O aguilhão da morte é o pecado, e a força do pecado é a Lei. Mas graças a Deus, que nos dá a vitória por meio de nosso Senhor Jesus Cristo. Portanto, meus amados irmãos, mantenham-se firmes, e que nada os abale.

Sejam sempre dedicados à obra do Senhor, pois vocês sabem que, no Senhor, o trabalho de vocês não será inútil” (1 Co. 15:51-58).

Em sua carta aos cristãos de Tessalônica, Paulo fala mais sobre esse tema: “Irmãos, não queremos que vocês sejam ignorantes quanto aos que dormem, para que não se entristeçam como os outros que não têm esperança. Se cremos que Jesus morreu e ressurgiu, cremos também que Deus trará, mediante Jesus e com ele, aqueles que nele dormiram. Dizemos a vocês, pela palavra do Senhor, que nós, os que estivermos vivos, os que ficarmos até a vinda do Senhor, certamente não precederemos os que dormem. Pois, dada a ordem, com a voz do arcanjo e o ressoar da trombeta de Deus, o próprio Senhor descera dos céus, e os mortos em Cristo [Messias] ressuscitarão primeiro. Depois nós, os que estivermos vivos seremos arrebatados com eles nas nuvens, para o encontro com o Senhor nos ares. E assim estaremos com o Senhor para sempre” (1 Ts. 4:13-17).

Com uma palavra extra de conforto, Paulo escreveu: “Porque Deus não nos destinou para a ira, mas para recebermos a salvação por meio de nosso Senhor Jesus Cristo. Ele morreu por nós para que, quer estejamos acordados quer dormindo, vivamos unidos a ele. Por isso, exortem-se e edifiquem-se

uns aos outros, como de fato vocês estão fazendo” (1 Ts. 5:9-11).

Quando Lázaro morreu, sua irmã veio até Jesus para ser consolada.

João registrou a seguinte conversa: “Quando Marta ouviu que Jesus estava chegando, foi encontrá-lo, mas Maria ficou em casa. Disse Marta a Jesus: Senhor, se estivesse aqui meu irmão não teria morrido. Mas sei que, mesmo agora, Deus te dará tudo o que pedires. Disse-lhe Jesus: ‘O seu irmão vai ressuscitar’. Marta respondeu: ‘Eu sei que ele vai ressuscitar na ressurreição, no último dia’.

Disse-lhe Jesus: Eu sou a ressurreição e a vida. Aquele que crê em mim, ainda que morra, viverá; e quem vive e crê em mim, não morrerá eternamente. Você crê nisso?” (Jo. 11:20-26) Já expressou essa esperança por cristãos de todas as idades quando disse: “Eu sei que o meu Redentor vive, e que no fim se levantará sobre a terra. E depois que o meu corpo estiver destruído e sem carne, verei a Deus” (Jó. 19:25-26) Senhor, que Seu nome seja louvado para sempre! Que possamos conhecer o Senhor na Páscoa, a comunhão de Seu sofrimento nos Pães Ázimos e o poder de Sua ressurreição nas Primícias.

## APLICAÇÃO PESSOAL

As Festas dos Pães Ázimos e das Primícias representam duas fases importantes do compromisso cristão que são necessárias para mudar nossa condição espiritual. A Festa dos Pães Ázimos ensina-nos a respeito da nossa morte com Jesus. Isso indica que devemos viver uma vida separada das atitudes e hábitos do mundo, o qual. Isso envolve despir o velho homem do pecado, caracterizado pelas obras da carne.

A Festa das Primícias ensina-nos acerca de nossa ressurreição com Jesus em nosso espírito assim como nossa futura ressurreição do corpo.

Somos salvos da nossa velha vida para viver a vida ressurreta do Messias Jesus hoje. Despir o velho homem não é suficiente. Assim, devemos também vestir o novo homem.

Após Paulo ter dito aos cristãos de Éfeso que despissem o velho homem, ele disse então: “...a revestir-se do novo homem, criado para ser semelhante a Deus em justiça e em santidade provenientes da verdade” (Ef. 4:24). Essa nova natureza acerca do que Paulo está falando é a natureza de Deus em nós através da pessoa do Espírito Santo.

Nós vestimos esse novo homem ao permitir que o Espírito Santo viva a vida ressurreta de Jesus em nós. Paulo tinha essa troca de naturezas em mente quando escreveu: “Portanto, se alguém está em Cristo [Messias], é nova criatura. As coisas antigas já passaram; eis que surgiram coisas novas!” (2 Co. 5:17). Nós que estávamos mortos em nossos delitos e pecados fomos ressuscitados com Jesus em nosso espírito-homem para caminharmos em novidade de vida.

Paulo resumiu esse processo em sua carta aos Gálatas: “Fui crucificado com Cristo [Messias]. Assim, já não sou eu quem vive, mas Cristo [Messias] vive em mim. A vida que agora vivo no corpo,

vivo-a pela fé no filho de Deus, que me amou e se entregou por mim”

(Gl. 2:20).

Paulo ressaltou essa compreensão para os cristãos em Roma com essas palavras poderosas: “Da mesma forma, considerem-se mortos para o pecado, mas vivos para Deus em Cristo Jesus [Messias Yeshua]. Portanto, não permitam que o pecado continue dominando os seus corpos mortais, fazendo que vocês obedeçam aos seus desejos. Não ofereçam os membros do corpo de vocês ao pecado, como instrumentos de injustiça; antes ofereçam-se a Deus como quem voltou da morte para a vida; e ofereçam os membros do corpo de vocês a ele, como instrumentos de justiça. Pois o pecado não os dominará, porque vocês não estão debaixo da Lei, mas debaixo da graça”

(Rm. 6:11-14 NVI).

O novo homem sobre o qual Paulo sempre fala é simplesmente o próprio Senhor vivendo em nós por meio do Espírito Santo, como vemos nessas palavras: “...Vivam pelo Espírito, e de modo nenhum satisfarão os desejos da carne” (Gl. 5:16).

Quando andamos no Espírito, o caráter do Messias Jesus será a força dominante em nossa vida. Paulo refere-se ao caráter de Jesus como o “fruto do Espírito”, o qual ele descreve com essas palavras: “Mas o fruto do Espírito é amor, alegria, paz, paciência, amabilidade, bondade, fidelidade, mansidão e domínio próprio. Contra essas coisas não há lei”

(Gl. 5: 22-23).

Quando vivemos no caráter do Messias Jesus, não só temos paz com Deus, mas também desfrutamos da paz de Deus (veja Colossenses 3:15).

Muitos cristãos não experimentaram essa bênção divina, pois nunca se separaram das coisas do mundo e nunca se consagraram a Jesus o Senhor de suas vidas.

Tiago escreveu que nós que colocamos nossa confiança em Jesus e recebemos Seu Espírito, somos um tipo de primícias da criação de Deus (veja Tg. 1:1-18). Ele quis dizer que somos as primícias da criação de Deus a experimentar a nova vida que o Senhor decretou para a terra e seus habitantes por meio do trabalho redentor de Cristo. Em vista disso, nós nos apresentamos como oferta de movimento e viva a Deus para mostrar que pertencemos a Ele.

## ASPECTO SAZONAL PROFÉTICO

Como mencionado no capítulo anterior, a importância espiritual de ambas as Festas dos Pães Ázimos e das Primícias foi restaurada à Igreja durante o século XVIII através do ministério de John e Charles Wesley.

John e Charles complementavam um ao outro em seu ministério de uma maneira única. Enquanto John era um pregador cheio de poder, Charles, era um compositor prolífico. Assim, vimos

no capítulo anterior que, no curso de seu ministério, John viajou mais de 2.400.000 km pregando o evangelho, a maior parte do tempo a cavalo, enquanto Charles escreveu mais de 6.000 canções e poemas cristãos. Dessa forma, as pessoas não só ouviam a Palavra de Deus, mas também aprendiam a cantá-la. Sob muitos aspectos, as canções de Charles tiveram tanto impacto nos ouvintes quanto os sermões de John.

Pelo fato de seu ministério não ter sido recebido pela Igreja institucional (assim como ocorreu com Lutero), os Wesleys foram forçados a levar sua mensagem à massa da classe trabalhadora, a qual tinha sido ignorada pela Igreja da Inglaterra. Embora encontrassem oposição considerável, a graça e o poder de Deus trabalhava através deles poderosamente para soprar vida fresca na Igreja.

Deus usou os Wesleys para mudar radicalmente a sociedade e as doenças sociais de sua época. Ao enfatizar a santidade pessoal e uma mudança de condição assim como de posição, os Wesleys iniciaram uma renovação espiritual duradoura que restaurou o sal e a luz dos cristãos em um mundo decadente e em trevas. [\[Nota 3\]](#)

## REVISÃO DE ESTUDO PESSOAL

1. Descreva como Jesus cumpriu a Festa das Primícias.
2. Como a Festa das Primícias cumprida em Jesus aplica-se a nossas vidas hoje?
3. Descreva o aspecto sazonal da Festa das Primícias.
4. Peça a Deus para proporcionar-lhe um encontro pessoal com Jesus como realidade espiritual dessa festa.

Notas de Primeiros Frutos

Nota 1 - Alfred Edersheim, *The Temple: Its Ministry and Services* (Peabody, MA: Hendrickson, 1994), 258-259. [\[Voltar\]](#)

Nota 2 - Ibid. [\[Voltar\]](#)

Nota 3 - Para obter informações biográficas sobre os Wesleys, acesse este site: <http://wesley.nnu.edu/index.htm> [\[Voltar\]](#)

## PENTECOSTES

Os três períodos de festas que são Páscoa (Pessach), Pentecostes (Shavuot) e Tabernáculos (Succot) representam três grandes encontros que Deus teve com Seu povo da aliança. O período de festas conhecido como Páscoa foi estabelecido por Deus com o propósito de ensinar-nos a encontrar a paz de Deus. Assim, encontramos paz com Deus quando nos apropriamos de Jesus como o Cordeiro Pascal que morreu por nossos pecados.

Desse modo, encontramos a paz de Deus por meio de Jesus como representante de nossos Pães Ázimos e nossas Primícias. Essa obra de Cristo beneficia-nos de forma pessoal quando nos separamos dos hábitos do mundo e nos entregamos completamente a Jesus, nosso Senhor e Mestre. Essa rendição contínua produz um caráter piedoso em nossas vidas e nos dá a paz de Deus.

Embora essa seja uma grande benção da qual todos necessitamos, não é certamente tudo o que Ele tem para nós. Deus não apenas deseja nos dar Sua paz, mas também quer nos dar Seu poder. Esse é o propósito da Festa de Pentecostes. Ela representa o segundo maior encontro que podemos ter com Deus. Considerando a ordem das festas, é o quarto passo que devemos dar para andar no descanso de Deus.

## CONTEXTO HISTÓRICO

Deus dá as seguintes instruções acerca da Festa de Pentecostes: “A partir do dia seguinte ao sábado, o dia em que vocês trarão o feixe da oferta ritualmente movida, contem sete semanas completas. Contem cinquenta dias, até um dia depois do sétimo sábado, e então apresentem uma oferta de cereal novo ao Senhor. Onde quer que morarem, tragam de casa dois pães feitos com dois jarros da melhor farinha, cozidos com fermento, como oferta movida dos primeiros frutos ao Senhor.

“Junto com os pães apresentem sete cordeiros, cada um com um ano de idade e sem defeito, um novilho e dois carneiros. Eles serão um holocausto ao Senhor, juntamente com as suas ofertas de cereal e ofertas derramadas; é oferta preparada no fogo, de aroma agradável ao Senhor.

Depois sacrifiquem um bode como oferta pelo pecado e dois cordeiros, cada um com um ano de idade, como oferta de comunhão. O sacerdote moverá os dois cordeiros perante o Senhor como gesto ritual de apresentação, juntamente com o pão dos primeiros frutos. São uma oferta sagrada ao Senhor e pertencem ao sacerdote.

“Naquele mesmo dia vocês proclamarão uma reunião sagrada e não realizarão trabalho algum. Este é um decreto perpétuo para as suas gerações, onde quer que vocês morarem” (Lv. 23:15-21).

Embora a Festa da Páscoa marcasse o começo da colheita da cevada, a Festa de Pentecostes foi celebrada durante a colheita do trigo. Observe no quadro que ela acontecia no sexto dia do mês

hebreu de Sivan, ao qual corresponde aos meses gentios de maio-junho. A festa durava um dia.

As instruções que Deus nos deu capacitam-nos a determinar o dia exato da festa. Deus disse que eles deveriam celebrar a festa cinquenta dias após a Festa das Primícias, sendo esta celebrada no décimo sétimo dia de Nissan e, cinquenta dias depois, caía exatamente no sexto dia de Sivan. Visto que a palavra Pentecostes, no grego, significa “cinquenta”, essa festa leva esse nome por causa do intervalo de cinquenta dias entre as duas datas. A Festa de Pentecostes também é chamada de Festa das Semanas, Festa da Colheita e o Dia das Primícias (veja Êxodo 23:16; Números 28:26).

A principal atividade na Festa de Pentecostes era a apresentação de uma oferta movida ao Senhor. A oferta era dois pães preparados com fermento e feito com farinha cuidadosamente peneirada para separar a parte densa do trigo. A oferta movida expressava a dependência que os hebreus tinham de Deus para fazer a colheita e obter seu pão diário. Era uma oferta de ações de graças.

Mais tarde, quando os judeus foram espalhados entre as nações, a Festa de Pentecostes perdeu sua importância primária como festival da colheita e era celebrada como um memorial do tempo em que Deus deu-lhes a Torá no Monte Sinai.

Os sábios judeus tradicionalmente ensinam que Deus deu a Torá a Moisés no dia de Pentecostes.<sup>1</sup> Mas vemos em Êxodo 19 que os judeus chegaram ao Monte Sinai no terceiro mês do calendário hebraico e possivelmente no terceiro dia.

Êxodo 19:1 diz: “No dia em que se completaram três meses que os israelitas haviam saído do Egito, [no mesmo dia] chegaram ao deserto do Sinai”. A expressão “no mesmo dia” é interpretada como referência à expressão “completaram três meses”. Entende-se que eles vieram ao Sinai no terceiro dia do terceiro mês. Três dias depois, no sexto dia de Sivan, Deus apareceu sobre o Monte Sinai e deu-lhes a Torá (verso 11). [\[Nota 1\]](#)

Os seguintes versículos contam-nos o que aconteceu: “Ao amanhecer do terceiro dia houve trovões e raios, uma densa nuvem cobriu o monte, e uma trombeta ressoou fortemente. Todos no acampamento tremeram de medo. Moisés levou o povo para fora do acampamento, para encontrar-se com Deus, e eles ficaram ao pé do monte.

“O monte Sinai estava coberto de fumaça, pois o Senhor tinha descido sobre ele em chamas de fogo. Dele subia fumaça como que de uma fornalha; todo o monte tremia violentamente, e o som da trombeta era cada vez mais forte. Então Moisés falou, e a voz de Deus lhe respondeu.

O Senhor desceu ao topo do monte Sinai e chamou Moisés para o alto do monte. Moisés subiu” (Êx. 19:16-20).

A tradução em nossa língua diz que todo o povo testemunhou os trovões e relâmpagos. Os estudiosos judeus acreditam que o povo, na verdade, “viu a voz de Deus” saindo da montanha em línguas de fogo.

A multidão mista que saiu do Egito viu as línguas de fogo e ouviu a voz única de Deus falar em

suas línguas, portanto eles conseguiam entender Suas palavras. Uma vez que parece estranho “ver vozes”, essa expressão foi traduzida como trovões e relâmpagos. As vozes soavam como trovões e pareciam de fogo. [\[Nota 2\]](#)

O Salmo 29 é sobre o incrível poder da voz do Senhor. Em uma das afirmações referentes à experiência do Êxodo, lemos: “A voz do Senhor corta os céus com raios flamejantes” (Sl. 29:7).

O escritor do livro de Hebreus também refere-se a esse evento e usa afirmações semelhantes: “Vocês não chegaram ao monte que se podia tocar, e que estava em chamas, nem às trevas, à escuridão, nem à tempestade, ao soar da trombeta e ao som de palavras tais, que os ouvintes rogaram que nada mais lhes fosse dito” (Hb. 12:18-19).

Após Deus proferir a primeira de Suas santas palavras (mandamentos), lemos: “Vendo-se o povo diante dos trovões e dos relâmpagos, e do som da trombeta e do monte fumegando, todos tremeram assustados. Ficaram a distância e disseram a Moisés: ‘Fala tu mesmo conosco, e ouviremos.

Mas que Deus não fale conosco, para que não morramos’. Moisés disse ao povo: “Não tenham medo! Deus veio prová-los, para que o temor de Deus esteja em vocês e os livre de pecar” (Êx. 20:18-20 NVI).

Então Deus veio sobre o Monte Sinai para encontrar com Seu povo.

Eles ajuntaram-se em um lugar pela manhã no sexto dia de Sivan. A montanha toda foi tomada pelo fogo, a trombeta soou alto, o povo correu para o pé da montanha para encontrar com Deus. e viram vozes no fogo. Deus falou e, depois, Moisés falou. O povo tremeu. Essa foi uma revelação incrível da glória de Deus. Contudo, por causa de seus pecados, três mil tiveram que morrer (veja Êxodo 32:28).

O que aprendemos a partir da passagem e da interpretação dos estudiosos judeus é que o primeiro Pentecostes não aconteceu no livro de Atos, mas sim no livro de Êxodo. Se você conhece sua Bíblia, provavelmente já está fazendo essa conexão. O primeiro Pentecostes foi no Monte Sinai quando Deus escreveu Suas palavras em tábuas de pedra.

No entanto, o Senhor prometeu que haveria um tempo, em um futuro distante, em que Ele escreveria Suas leis nas tábuas carnis de seus corações (veja Jeremias 31:31-34).

O povo ia até Jerusalém a cada ano celebrar o Pentecostes esperando que Deus cumprisse Sua palavra de escrever Suas leis em seus corações.

Durante 1.500 anos, eles voltaram para casa desapontados. Mas Deus é fiel em cumprir Sua palavra. Em Seu próprio tempo determinado, Deus viria sobre o povo, não sobre o Monte Sinai no deserto, mas no Monte Sião em Jerusalém. Aleluia!

## COMO JESUS CUMPRIU A FESTA

Jesus realizou a Festa de Pentecostes quando foi glorificado e exaltado ao trono de Deus; e então enviou o Espírito Santo sobre Seus discípulos no Dia de Pentecostes. Esse foi o cumprimento (realidade espiritual) que Deus havia prometido por meio dos profetas. Deus escreveria Suas leis em seus corações através do Espírito Santo. Mas lembre-se, essa era uma Festa do Senhor que os judeus vinham celebrando durante séculos e não era uma nova revelação, pois eles O vinham esperando há séculos.

Jesus falou de Si como o cumprimento dessa festa com as seguintes palavras:

“Jesus respondeu: Chegou a hora de ser glorificado o Filho do homem. Digo-lhes verdadeiramente que, se o grão de trigo não cair na terra e não morrer, continuará ele só. Mas se morrer, dará muito fruto” (Jo. 12:23-24).

Jesus estava falando sobre Ele mesmo como o grão de trigo humano que morreria pelos pecados do mundo. O pão era feito com farinha, o que representa a justiça perfeita. Jesus era perfeito, justo, e não havia nenhuma substância densa (pecado) nele. Contudo, à medida que o trigo era moído, peneirado e cozido para tornar-se pão, de um certo modo, Jesus também fez o mesmo por nossos pecados. No entanto, por nunca ter pecado, a morte não poderia deter Jesus (veja Apocalipse 1:18). Por causa de Sua vida perfeita, Jesus ressuscitou como as primícias da morte.

Como acabamos de ver, foram cinquenta dias entre a Festa das Primícias e a Festa de Pentecostes. Semelhantemente, foram cinquenta dias desde a ressurreição de Jesus até o dia em que Ele enviou o Espírito Santo sobre Seus discípulos (observe o quadro).

O Dia de Pentecostes não se originou com o cristianismo. É o dia festivo que Deus escolheu para enviar o Espírito Santo como prova de que Jesus tinha sido exaltado como Senhor. Esse foi o dia em que os judeus estavam em Jerusalém celebrando a festa e a entrega da Torá.

Na noite em que Jesus ressuscitou, Ele apareceu aos Seus discípulos e soprou vida eterna neles. João registrou esse evento: “Ao cair da tarde daquele primeiro dia da semana, estando os discípulos reunidos a portas trancadas, por medo, Jesus entrou, pôs-se no meio deles e disse: ‘Paz seja com vocês!’ Tendo dito isso, mostrou-lhes as mãos e o lado. Os discípulos alegraram-se quando viram o Senhor. Novamente Jesus disse: ‘Paz seja com vocês! Assim como o Pai me enviou, eu os envio’. E com isso, soprou sobre eles e disse: Recebam o Espírito Santo’ (Jo. 20:19-22).

Nesse momento, os discípulos experimentaram um renascimento espiritual que estabelecia a posição de sua nova vida em Jesus. Mas Ele tinha mais para oferecer-lhes, pois desejava enchê-los com o Espírito Santo de modo que teriam poder para serem Suas testemunhas às nações.

No entanto, ainda não era a hora de Ele fazer isso.

Por essa razão, Jesus passou os quarenta dias seguintes com os discípulos explicando como as Escrituras em hebraico remetiam a Ele para o cumprimento delas. Então, quando chegou o momento de Jesus ascender de volta ao céu, disse aos discípulos para O esperarem em Jerusalém até que Ele enviasse a Promessa do Pai, quando seriam cheios do Espírito Santo.

Lucas conta a história:

“E disse-lhes: ‘Foi isso que eu lhes falei enquanto ainda estava com vocês: Era necessário que se cumprisse tudo o que a meu respeito está escrito na Lei de Moisés, nos Profetas e nos Salmos’. Então lhes abriu o entendimento, para que pudessem compreender as Escrituras. E lhes disse: ‘Está escrito que o Cristo [Messias] haveria de sofrer e ressuscitar dos mortos no terceiro dia, e que em Seu nome seria pregado o arrependimento para perdão de pecados a todas as nações, começando por Jerusalém.

Vocês são testemunhas destas coisas. Eu lhes envio a promessa de meu Pai; mas fiquem na cidade até serem revestidos do poder do alto’.

“Tendo-os levado até as proximidades de Betânia, Jesus ergueu as mãos e os abençoou. Estando ainda a abençoá-los, ele os deixou e foi elevado ao céu. Então eles o adoraram e voltaram para Jerusalém com grande alegria. E permaneciam constantemente no templo, louvando a Deus” (Lc. 24:44-53).

Mais tarde, no livro de Atos, Lucas relembra a conversa que Jesus teve com Seus discípulos. Ele escreveu: “Certa ocasião, enquanto comia com eles, deu-lhes esta ordem: ‘Não saiam de Jerusalém, mas esperem pela promessa de meu Pai, da qual lhes falei. Pois João batizou com água, mas dentro de poucos dias vocês serão batizados com o Espírito Santo.’ Então os que estavam reunidos lhe perguntaram: ‘Senhor, é neste tempo que vais restaurar o reino a Israel?’ Ele lhes respondeu: ‘Não lhes compete saber os tempos ou as datas que o Pai estabeleceu pela sua própria autoridade. Mas receberão poder quando o Espírito Santo descer sobre vocês, e serão minhas testemunhas em Jerusalém, em toda a Judeia e Samaria, e até os confins da terra’” (At. 1:4-8).

Lucas revisa as palavras de Jesus instruindo Seus discípulos a esperar em Jerusalém até que recebessem a Promessa do Pai, a qual Jesus chama de batismo no Espírito Santo. Jesus diz que o propósito desse batismo no Espírito Santo é dar aos discípulos poder para serem Suas testemunhas.

Eles teriam esse encontro com o Espírito Santo dez dias depois no Dia de Pentecostes.

Cerca de 120 dos seguidores de Jesus então reuniram-se em um cenáculo aguardando em oração esse evento abençoado. Lucas registra o que aconteceu naquele dia glorioso: “Chegando o dia de Pentecoste, estavam todos reunidos num só lugar. De repente veio do céu um som, como de um vento muito forte, e encheu toda a casa na qual estavam assentados. E viram o que parecia línguas de fogo, que se separaram e pousaram sobre cada um deles. Todos ficaram cheios do Espírito Santo e começaram a falar noutras línguas, conforme o Espírito os capacitava.

Havia em Jerusalém judeus, compromissados com Deus, vindos de todas as nações do mundo. Ouvindo-se o som, ajuntou-se uma multidão que ficou perplexa, pois cada um os ouvia falar em sua própria língua.

Atônitos e maravilhados, eles perguntavam: ‘Acaso não são galileus todos estes homens que estão falando? Então, como os ouvimos, cada um de nós, em nossa própria língua materna?’” (At. 2:1-8).

No relato de Lucas, vemos o maravilhoso tempo de Deus. Milhares de judeus vieram a Jerusalém para celebrar a Festa de Pentecostes. Essa festa simbolizava seu segundo maior encontro com Deus, mas era apenas um prenúncio do que estava por vir.

Embora seja verdade que Deus tinha-lhes dado a Torá nesse mesmo dia, ela não podia dar-lhes poder porque não era a Promessa do Pai. A realidade que a Festa de Pentecostes havia ilustrado durante séculos era a unção dos discípulos com poder espiritual para capacitá-los a serem testemunhas efetivas de Jesus como Messias, Salvador e Senhor.

De acordo com o registro de Lucas, quando os discípulos foram cheios do Espírito Santo, eles começaram a adorar a Deus nos idiomas que eram falados e compreendidos pelos peregrinos judeus os quais tinham vindo para Jerusalém para guardar a festa. Essas eram línguas que os próprios discípulos não conheciam. Houve tão grande barulho acompanhando essa experiência que ela atraiu a atenção dos peregrinos judeus, os quais foram ver a razão de toda a comoção.

Em vez de apressarem-se para chegar ao pé do Monte Sinai, as multidões correram para o pé do Monte Sião e quando se aproximaram, ouviram os discípulos adorando a Deus nas várias línguas representadas pela terra natal dos judeus. Assim como seus ancestrais tinham experimentado no Monte Sinai, o povo viu e ouviu línguas de fogo. As multidões pensaram que os discípulos estavam embriagados. Mas Pedro assinalou que eram apenas nove horas da manhã, muito cedo para beber (veja At. 2:15).

Pedro então levantou-se e pregou um sermão corajoso para essa multidão de judeus. Quando eles ouviram as palavras dele, o povo tremeu e buscou salvação. Em vez de três mil mortes, como ocorrera no Monte Sinai, três mil almas aceitaram Jesus como Messias e Senhor (veja Atos 2:37-42). Esse derramamento do Espírito Santo estava ocorrendo no mesmo dia em que os judeus estavam oferecendo os dois pães sem fermento a Deus simbolizando sua dependência dele.

É importante lembrar que os dois pães eram preparados com fermento (um símbolo comum de pecado). Um desses pães movidos estava relacionado aos judeus que, embora fossem pecadores, receberam o poder de Deus em suas vidas por reconhecer Jesus como Messias e Senhor (a farinha fina). Isso aconteceu no dia exato em que os judeus vinham celebrando a Festa de Pentecostes já há quase 1.500 anos.

Mas e o outro pão? O outro pão representava os gentios, os quais também receberiam essa bênção maravilhosa da parte de Deus, mesmo sendo pecadores também. Quando Pedro pregou seu sermão aos judeus, ele disse que a Promessa do Pai (batismo no Espírito Santo) era para todos que reconhecessem Jesus como Senhor (veja Atos 2:39).

O impressionante derramamento do Espírito Santo sobre os gentios deveria acontecer na cidade costeira de Cesareia, onde havia um gentio chamado Cornélio que estava buscando a Deus de todo o seu coração. Um anjo falou com ele em uma visão instruindo-lhe a mandar trazer Pedro, o qual viria e pregaria para ele e seus amigos.

Lucas conta a história em Atos 10:44-47: “Enquanto Pedro ainda estava falando estas palavras, o Espírito Santo desceu sobre todos os que ouviam a mensagem. Os judeus convertidos que vieram com Pedro ficaram admirados de que o dom do Espírito Santo fosse derramado até sobre os gentios, pois os ouviam falando em línguas e exaltando a Deus. A seguir Pedro disse: “Pode alguém negar a água, impedindo que estes sejam batizados? Eles receberam o Espírito Santo como nós!”.

Mais tarde quando Pedro compartilhou o que aconteceu naquele encontro com seus irmãos judeus crentes, ele disse: “Quando comecei a falar, o Espírito Santo desceu sobre eles como sobre nós no princípio. Então me lembrei do que o Senhor tinha dito: “João batizou com água, mas vocês serão batizados com o Espírito Santo” (Atos 11:15-16).

Agora podemos ver a importância da farinha e dos dois pães sem fermento. A farinha representava Jesus, o qual era perfeitamente justo e sem pecado. Os dois pães representavam os judeus e os gentios. Ambos têm o fermento do pecado em suas vidas. Mesmo assim, podem receber o poder de Deus para capacitá-los a vencer o pecado e viver como testemunhas efetivas do senhorio de Cristo.

## APLICAÇÃO PESSOAL

João Batista apresentou Jesus como o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo e batiza no Espírito Santo (veja Jo.1:29; Mt.3:11; Mc.1:8; Lc. 3:16). Jesus cumpriu a Festa da Páscoa como o Cordeiro de Deus que morreu por nossos pecados. Ele cumpriu a Festa de Pentecostes como o Senhor exaltado e glorificado que batiza no Espírito Santo.

A Páscoa representa o primeiro grande encontro entre Deus e Seu povo. O Pentecostes representa o segundo encontro. Deus quer que conheçamos a Cristo, não apenas como o Cordeiro de Deus que morreu por nossos pecados, mas também como o Messias e Senhor vivo e glorificado que nos batiza no Espírito Santo.

Se houve algum dia um grupo de pessoas preparado para ministrar no poder do Espírito Santo, foi o grupo dos discípulos. Eles tiveram Jesus como seu mestre por mais de três anos. Eles O observaram realizar muitos milagres. Eles O viram dominar a morte e aparecer no meio deles em um corpo ressurreto. Jesus deu-lhes o Espírito Santo em seu interior e eles nasceram novamente para a vida eterna.

Contudo, apesar de tudo isso, Jesus disse-lhes para aguardar em Jerusalém até que recebessem Seu poder. O propósito do batismo no Espírito Santo era dar aos discípulos e a nós poder para sermos testemunhas corajosas do senhorio de Cristo (veja Atos 1:8). Foi esse segundo grande encontro com Deus, mais do que a ressurreição, que transformou Pedro, de um covarde escondendo-se atrás de portas fechadas, no homem que apareceu diante da grande multidão e corajosamente proclamou Jesus como Messias e Senhor.

Pedro havia se tornado um homem diferente. Ele não era mais tímido. Tampouco eram os outros discípulos que estavam com ele. Após serem cheios do Espírito Santo, os discípulos começaram a ministrar no poder, coragem e autoridade do próprio Jesus. Esse pequeno grupo de homens e

mulheres comuns transformou o mundo. Quando nasceram de novo na Páscoa, eles receberam o Espírito em seu interior para serem salvos. No Pentecostes, eles receberam poder e ficaram cheios do Espírito Santo até transbordar para servir. Foi um outro encontro com Deus além de sua experiência básica de salvação.

Até Jesus teve de ser cheio do Espírito Santo quando foi batizado por João no Rio Jordão. Mateus faz o seguinte relato: “Assim que Jesus foi batizado, saiu da água. Naquele momento o céu se abriu, e ele viu o Espírito de Deus descendo como pomba e pousando sobre ele. Então uma voz dos céus disse: “Este é o meu Filho amado, de quem me agrado” (Mt. 3:16-17).

Agora Jesus estava cheio do Espírito Santo, e pronto para começar Seu ministério. Após um breve encontro vitorioso com satanás, Jesus foi para a Galileia. A Bíblia diz que Ele foi no poder do Espírito Santo (veja Lucas 4:14).

Enquanto estava na Galileia, Jesus visitou Sua cidade natal de Nazaré. Ele foi até a sinagoga e levantou-se para ler as Escrituras. O líder da sinagoga presenteou Jesus com o livro de Isaías, de onde Ele começou a ler estas palavras: “O Espírito do Senhor está sobre mim, porque ele me ungiu para pregar boas novas aos pobres. Ele me enviou para proclamar liberdade aos presos e recuperação da vista aos cegos, para libertar os oprimidos e proclamar o ano da graça do Senhor” (Lc. 4:18-19).

Esse é o ministério de Jesus. É também a grande comissão que Jesus deu a todos os Seus seguidores. Ele disse aos Seus discípulos: “Digo-lhes a verdade: Aquele que crê em mim fará também as obras que tenho realizado. Fará coisas ainda maiores do que estas, porque eu estou indo para o Pai” (Jo. 14:12).

Jesus disse que Seus seguidores fariam obras maiores do que Ele fizera, pois Ele estava indo para o Seu Pai. Quando Jesus foi para Seu Pai celestial, Ele enviou Seu Espírito Santo sobre os discípulos. No momento em que o Espírito Santo sobreveio, eles receberam poder para ministrar no Espírito. Eles foram o começo da promessa de Jesus de que faríamos obras maiores do que Ele fizera.

Quando Jesus viveu na terra, Seu ministério estava limitado a Seu corpo humano. Mas agora Ele ministra na terra por meio de Seu corpo espiritual, o corpo do Messias chamado Igreja. Entretanto, assim como Jesus e os primeiros discípulos necessitavam do fortalecimento do Espírito Santo, Seus seguidores devem ser cheios do Espírito Santo. Deus ainda quer usar homens e mulheres comuns para virar o mundo de cabeça para baixo à medida que ministrarmos na ousadia e no poder do Espírito Santo.

## ASPECTO SAZONAL PROFÉTICO

Como o livro de Atos revela, o povo da Nova Aliança de Deus começou no resplendor da glória. Deus operou poderosamente através dos primeiros cristãos. Jesus deu-lhes a seguinte comissão e garantia: “Vão pelo mundo todo e puguem o evangelho a todas as pessoas. Quem crer e for batizado será salvo, mas quem não crer será condenado. Estes sinais acompanharão os que crerem: em meu nome expulsarão demônios; falarão novas línguas; pegarão em serpentes; e, se beberem algum veneno

mortal, não lhes fará mal nenhum; imporão as mãos sobre os doentes, e estes ficarão curados” (Mc. 16:15-18).

Mais além, Marcos escreve: “Depois de lhes ter falado, o Senhor Jesus foi elevado aos céus e assentou-se à direita de Deus. Então, os discípulos saíram e pregaram por toda parte; e o Senhor cooperava com eles, confirmando-lhes a palavra com os sinais que a acompanhavam” (Mc. 16:19-20).

Quando a Igreja tornou-se institucionalizada no ano 312 d.C., muitos dos que estavam à frente eram políticos em vez de homens piedosos e espirituais. O resultado foi que o cristianismo ficou organizado como um sistema religioso cujos líderes escolheram uma estrutura dirigida por homens em vez de uma Igreja guiada e fortalecida pelo Espírito Santo.

A realidade espiritual da Festa de Pentecostes ficou perdida para a Igreja durante séculos. Contudo, ao longo da história da Igreja, têm havido reavivamentos de Pentecostes periódicos e localizados. Deus começou a restaurar Pentecostes mundialmente no início do século XX. Assim, houve dois eventos importantes aconteceram.

O primeiro evento ocorreu no primeiro dia do Ano Novo, 1901, no Bethel Bible College em Topeka, Kansas. Charles Parham estava ensinando sobre o batismo no Espírito Santo e encorajando seus alunos a pesquisarem as Escrituras considerando o assunto. Foi nesse tempo de estudo que uma aluna, senhorita Agnes Ozman, recebeu o dom de falar em línguas. Parham e vários estudantes tiveram uma experiência similar três dias depois.

Essa mensagem pentecostal, com suas manifestações típicas, logo espalhou-se para os estados vizinhos e foi para o Texas e, finalmente, para a Califórnia, em 1906.

Um homem chamado William Seymour chegou em Los Angeles para pregar em uma Igreja do Nazareno, mas não foi recebido por causa de sua mensagem pentecostal. Então, ele começou a realizar cultos em um estábulo adaptado na Azusa Street, número 312. E foi nessa localidade que um avivamento pentecostal poderoso começou e durou três anos.

Esse avivamento iniciou o moderno movimento pentecostal mundial. À medida que a notícia do avivamento espalhava-se, muitos cristãos de todo o mundo vieram para as reuniões na Azusa Street e levaram a mensagem de Pentecostes de volta com eles para sua terra natal.

Pelo fato de o homem ser relutante em entregar a liderança da Igreja ao Espírito Santo, essa restauração da Festa de Pentecostes foi rejeitada pelos líderes das principais denominações cristãs (assim como foi com Lutero e Wesley).

No final da década de 1950 e no início da década seguinte, Deus, mais uma vez, fez um mover para restaurar a Festa de Pentecostes na Igreja, o que ficou conhecido como “renovação carismática”. Esse mais recente avivamento de Pentecostes tem influenciado todas as denominações cristãs históricas, tanto protestantes quanto católicas. Embora ainda seja rejeitado por grande parte da Igreja institucional, pode-se dizer que muitos cristãos hoje são pentecostais, não brancos e oriundos de

países emergentes do terceiro mundo.

## REVISÃO DE ESTUDO PESSOAL

1. Descreva como Jesus cumpriu a Festa de Pentecostes.
2. Como a Festa de Pentecostes revelada em Jesus aplica-se a nossas vidas hoje?
3. Descreva o aspecto sazonal da Festa de Pentecostes.
4. Peça a Deus para proporcionar-lhe um encontro pessoal com Jesus como a realidade espiritual dessa festa.

Notas de Pentecostes

Nota 1 - Veja [http://ffoz.org/resources/articles/appointed\\_times/shavuot](http://ffoz.org/resources/articles/appointed_times/shavuot). [\[Voltar\]](#)

Nota 2 - Ibid. [\[Voltar\]](#)

## TROMBETAS

A Festa dos Tabernáculos foi a última do período de festas obrigatório que incluía a Festa das Trombetas, da Expição e dos Tabernáculos. Assim como foi com a Páscoa e Pentecostes. Todos os homens judeus tinham que ir até Jerusalém para celebrá-la.

A Festa dos Tabernáculos era celebrada durante o mês Hebreu de Tishrei, que acontecia no final da temporada da colheita. e era conhecida também como a Festa da Colheita (veja Êxodo 23:16). A esta altura, toda a colheita estaria finalizada e tanto a terra quanto o povo estariam descansando.

O ensinamento claro desse período de festa era que Deus queria que o Seu povo da aliança aprendesse a descansar nele. Por essa razão, a Festa dos Tabernáculos representa o terceiro grande encontro do cristão com Deus por meio da pessoa e da obra do Messias Jesus.

Portanto, a Festa da Páscoa nos ensina sobre a paz de Deus, a Festa de Pentecostes sobre Seu poder, e a Festa dos Tabernáculos sobre o descanso de Deus. O descanso Nele é o lugar para onde os fiéis vêm em sua caminhada com o Pai, onde acham contentamento em Nele apenas pelo que Ele é em Sua natureza e ser.

Antes de aprendermos sobre essa festa, seria útil considerar o período no calendário hebraico em que não havia nenhuma festa em que eram longos os meses de verão, Tamuz, Av e Elul.

Como vimos, as festas eram períodos religiosos ou convocações santas representando as relações de Deus com o povo judeu enquanto nação. Elas simbolizavam grandes encontros entre Deus e Seu povo. Os meses longos e quentes de verão, nos quais não havia festas, serviam como uma imagem profética para o povo judeu de um período de tempo futuro em que Deus não lidaria com eles como nação. Ele ainda redimiria judeus individualmente, mas Sua atenção seria dirigida aos gentios.

Deus escolheu os judeus como a nação de pessoas por meio das quais Ele operaria alguns de Seus planos e propósitos divinos. Deus os usaria para escrever e preservar as Escrituras, para trazer o Messias ao mundo e para proclamar o Evangelho de Jesus a todas as nações. Os judeus cumpriram esses dois primeiros chamados, mas falharam no último, pois seus líderes O rejeitaram como Messias.

Quando os judeus enquanto nação rejeitaram Jesus, Deus dirigiu Sua atenção aos gentios. João disse de Jesus: “Veio para o que era seu [os judeus], mas os seus não o receberam. Contudo, aos que o receberam [os gentios], aos que creram em seu nome, deu-lhes o direito de se tornarem filhos de Deus” (Jo. 1:11-12).

Pelos últimos 2.000 anos, Deus tem abençoado os gentios, não Israel. Enquanto a aliança de Deus com o povo judeu é incondicional e eterna, os gentios têm sido os semeadores do Evangelho de Jesus ao mundo. Esse espaço de tempo na história no qual a atenção de Deus volta-se para os gentios

continuará até o futuro cumprimento profético da Festa dos Tabernáculos. Por essa razão, os três longos meses de verão quando não há festa correspondem ao que alguns chamam de “período da Igreja”.

Observe que no quadro de Festas é realmente o tempo em que Deus chama os gentios para o Seu reino. Eu uso a expressão “período da Igreja”

simplesmente porque é o termo comumente entendido para designar esse período na história redentora de Deus.

Mas pelo fato de ainda haver outra festa que será literalmente cumprida no futuro, entendemos que chegará um tempo em que Deus voltará Sua atenção aos judeus e, uma vez mais, lidará com eles enquanto nação.

Esse terceiro e último encontro é o retorno do Messias Jesus em poder e glória para estabelecer o reino de Deus na terra. Essa é a importância profética da Festa dos Tabernáculos.

Agora que Israel foi restaurada como nação e os judeus, novamente, controlam Jerusalém, podemos estar seguros de que Deus, mesmo agora, está lidando com o povo judeu como nação a fim de prepará-los para a volta do Messias Jesus e é isso que está acontecendo em nosso mundo hoje. Quando vemos Israel em destaque no noticiário mundial, podemos saber que o retorno do Messias Jesus está perto mesmo que as nações forcem Israel a dividir Jerusalém.

Deus surpreendentemente revelou que esse era Seu plano ao estrategicamente colocar um comentário sobre os gentios em Levítico 23 e, desse modo, Ele fez esse comentário entre o último versículo de instrução sobre a Festa de Pentecostes e o primeiro versículo de instrução sobre a Festa das Trombetas, a qual é parte da Festa dos Tabernáculos. Talvez Deus tenha feito isso como prévia do que Ele tinha em mente durante todo o tempo. Aqui está o comentário: “Quando fizerem a colheita da sua terra, não colham até as extremidades da sua lavoura, nem ajuntem as espigas caídas da sua colheita. Deixem-nas para o necessitado e para o estrangeiro. Eu sou o Senhor, o Deus de vocês” (Lv. 23:22).

A palavra-chave para o propósito dessa discussão é estrangeiro, a qual refere-se aos gentios. A história de Rute e Boaz foi escrita na Bíblia como exemplo dessa instrução especial de Deus sendo obedecida.

Boaz era um rico proprietário de terras. Rute era uma gentia (moabita) que colhia espigas em seus campos. Rute casou-se com Boaz e, como resultado, tornou-se participante das promessas da aliança que Deus tinha feito ao Pai Abraão (veja Gênesis 17). Semelhantemente, os gentios tornaram-se participantes de certas promessas da aliança feitas a Abraão por meio de seu casamento espiritual com Jesus. (Boaz é um modelo ou prenúncio de Cristo, enquanto Rute é um tipo de Igreja gentia).

O período da Igreja gentia preenche o grande intervalo de tempo entre as duas vindas de Jesus. Pela primeira vez Ele veio como o Cordeiro Pascal que morreu por nossos pecados e, depois, enviou o Espírito Santo para iniciar a era da Igreja gentia. Quando a era da Igreja gentia terminar, Jesus virá

uma segunda vez como o Leão da tribo de Judá para governar, não apenas como o Rei dos Judeus, mas também como o Rei dos reis e Senhor dos senhores.

A importância profética da Festa dos Tabernáculos é que ela representa o fim da era e o retorno do Messias Jesus no encontro final de Deus com o povo judeu. Paulo resume tudo isso de Romanos 9 até 11. Apesar de ser um assunto fascinante, devemos deixá-lo agora para aprendermos sobre a Festa das Trombetas.

## CONTEXTO HISTÓRICO

Deus deu as seguintes instruções acerca da Festa das Trombetas: “Disse o Senhor a Moisés: ‘Diga também aos israelitas: No primeiro dia do sétimo mês vocês terão um dia de descanso, uma reunião sagrada, celebrada com toques de trombeta. Não realizem trabalho algum, mas apresentem ao Senhor uma oferta preparada no fogo’” (Levítico 23:23-25).

Nessa passagem da Escritura vemos que a Festa das Trombetas era no primeiro dia do sétimo mês no calendário religioso (veja o quadro). Esse é o mês hebreu de Tishrei, o qual corresponde aos meses de setembro-outubro no calendário gentio. Tishrei é também o primeiro mês no calendário civil judaico e é o Novo Ano judaico. O nome hebraico para esse início de ano é Rosh Hashaná, o qual significa “Cabeça do Ano”.

O propósito principal da Festa das Trombetas era anunciar a chegada do sétimo mês a fim de preparar o povo para o Dia da Expição, o qual ocorria dez dias depois. O sétimo mês era especial porque era o último mês no período religioso em que Deus completaria Suas relações com o povo naquele ano e, também, era a última vez que eles deveriam seguir para Jerusalém até a Páscoa do ano seguinte.

O dia não era marcado por eventos especiais além do soar das trombetas e da oferta de sacrifícios (veja Números 29:1-6). Os hebreus sempre tocavam trombetas no primeiro dia de cada mês de modo que todos soubessem que o novo mês tinha iniciado (veja Números 10:10). Mas na Festa das Trombetas, eles as tocavam mais longamente e mais alto durante todo o dia.

O tipo de trombeta tocada era a de chifre de carneiro, cujo nome em hebraico é shofar. O shofar era tocado em memória do carneiro sacrificado no lugar de Isaque (veja Gênesis 22:13). A tradição judaica ensina que Deus soprou um dos chifres do carneiro no Monte Sinai no Pentecostes e soprará o outro chifre do carneiro na vinda do Messias.

Deus usou trombetas na Bíblia hebraica como meio de comunicação com Seu povo da aliança. Era impossível Deus falar diretamente ao povo sem os deixar aterrorizá-los. Então, Ele falava com eles indiretamente por meio das trombetas. Para os Hebreus, o som da trombeta representava tanto a voz quanto o poder de Deus na guerra. Um bom resumo de como as trombetas eram usadas é feito no décimo capítulo do livro de Números.

Originalmente, duas trombetas de prata eram tocadas, porém, mais tarde, elas eram substituídas

pela shofar. As trombetas na cor prata eram feitas da mesma fonte, a prata. Elas eram tocadas para reunir o povo para adoração, levantar acampamento e como um alarme na preparação para a batalha.

[\[Nota 1\]](#)

Uma das mais claras demonstrações do uso de trombetas na guerra é a história de Josué na batalha de Jericó. Moisés tinha morrido e a liderança passara para Josué, o qual tornou-se responsável por conduzir o povo à Terra Prometida.

Josué encontrou alguém que se identificou como o comandante do exército do Senhor (veja Josué 5:13-15). Esse comandante do exército de Deus deu a Josué um estranho plano de batalha. Um plano que Josué jamais teria arquitetado. E se tivesse, certamente não teria contado a ninguém. As pessoas pensariam que ele era louco. Mas Deus não faz coisas da maneira que o homem faz.

Você está pronto para isso? O anjo disse a Josué para fazer marchar o seu exército ao redor da cidade de Jericó uma vez a cada dia, durante seis dias. Sete sacerdotes deveriam seguir o exército, cada um tocando um shofar. Eles eram seguidos por outro grupo de sacerdotes carregando a Arca da Aliança. Esses eram seguidos por uma retaguarda. Todos deveriam marchar em silêncio absoluto. Ninguém deveria dizer uma palavra.

O único barulho era o som dos shofares tocados pelos sacerdotes.

No sétimo dia, eles deveriam marchar ao redor da cidade sete vezes.

Todos deveriam estar em silêncio. Então, em um dado momento, Josué deveria ordenar aos sacerdotes que soprassem a shofar longamente e alto.

Então todos deveriam gritar! Naquele exato momento, de acordo com o comandante do exército de Deus, as muralhas de Jericó caíam, permitindo que os Hebreus tomassem a cidade (veja Josué 6).

Josué executou o plano de batalha apresentado pelo comandante do exército de Deus. Tudo aconteceu como Deus disse e os judeus derrotaram seu inimigo.

Pelo fato de Deus ter falado ao povo e usado as trombetas como meio de lutar as batalhas para eles, os judeus começaram a chamar Deus de “instrumento de sua salvação”. Eles queriam dizer que Deus era seu libertador e que lutaria suas batalhas para eles e os salvaria de seus inimigos.

O Rei Davi foi um grande guerreiro que claramente entendia e apreciava o poder de Deus na guerra. Ele falava de Deus como a força de sua salvação. Em Salmo 18, Davi diz a Deus: “Eu te amo, ó Senhor, força minha. O Senhor é a minha rocha, a minha cidadela, o meu libertador; o meu Deus, o meu rochedo em que me refugio; o meu escudo, a força da minha salvação, o meu baluarte. Invoco o Senhor, digno de ser louvado, e serei salvo dos meus inimigos” (Sl. 18:1-3, ARA). (veja também 2 Samuel 22:3).

## COMO JESUS CUMPRIU A FESTA

De uma perspectiva cristã, Jesus é o verdadeiro Comandante do exército de Deus (veja Apocalipse 19:11-16). Quando Zacarias ouviu que o Messias estava para nascer, ele declarou estas palavras: “Louvado seja o Senhor, o Deus de Israel, porque visitou e redimiou o seu povo. Ele promoveu poderosa salvação para nós, na linhagem do seu servo Davi, (como falara pelos seus santos profetas, na antiguidade), salvando-nos dos nossos inimigos e da mão de todos os que nos odeiam” (Lc. 1:68-71).

Zacarias referiu-se ao Messias Jesus como a poderosa salvação que os livraria de seus inimigos. No primeiro século, o inimigo do qual os judeus queriam se salvar era Roma. Os judeus procuravam um grande libertador que derrubaria o Império Romano e estabeleceria o reino de Davi.

Contudo, em Sua primeira vinda, o propósito de Jesus não era destruir o Império Romano. Seu propósito era destruir as obras de satanás e o pecado nos corações dos homens, os quais tornavam possível o mal e a opressão de Roma.

Como Comandante do exército de Deus e a força da nossa salvação, Jesus derrotou os inimigos de nossa alma. Mas Sua vitória não foi fácil, porque seu adversário satanás não desistiu sem lutar. Houve uma grande batalha espiritual. Imediatamente após Jesus ter sido cheio do Espírito Santo, Ele enfrentou uma guerra espiritual. Quando Jesus aproximou-se de Deus em preparação para Seu ministério, satanás veio tentá-Lo. Contudo, Jesus o venceu (veja Mt. 4:1-11).

Paulo diz que Jesus desarmou ou despojou principados e potestades (satanás e seus demônios) e triunfou sobre eles (veja Colossenses 2:15).

A palavra despojou significa levar cativo. Refere-se a uma antiga prática militar. Quando um general conquistava seu inimigo, um grande desfile de volta ao lar era dado em sua honra. Era chamado de “desfile do triunfo”. Quando o general entrava na cidade, ele tirava toda a armadura do rei adversário que havia sido levado cativo. Em seguida, ele o fazia marchar pela rua principal do desfile. A cidade inteira comparecia ao desfile para aplaudir o general e celebrar a vitória. Eles então davam ao vitorioso general as chaves da cidade. [\[Nota 2\]](#)

Você consegue ver o paralelo? Por Sua morte e ressurreição, Jesus desarmou satanás e o levou cativo. Quando Jesus retornou ao céu, Deus, o Pai, preparou um grande desfile de boas-vindas para Ele. Era o grande desfile do triunfo. Todos os anjos do céu vieram para encontrar Jesus. Eles alinharam-se nas ruas do céu e cantavam: “Digno é o Cordeiro que foi morto de receber poder, riqueza, sabedoria, força, honra, glória e louvor!” (Ap. 5:12). Então Deus, o Pai, deu a Jesus as chaves da morte e do Hades (veja Apocalipse 1:18).

Paulo escreveu aos Efésios que Deus concedeu a Jesus uma posição “muito acima de todo governo e autoridade, poder e domínio, e de todo nome que se possa mencionar, não apenas nesta era, mas também na que há de vir. Deus colocou todas as coisas debaixo de seus pés e o designou cabeça de todas as coisas para a igreja” (Ep. 1:21-22).

Paulo também escreveu sobre a exaltação de Jesus para os cristãos Filipenses: “Por isso Deus o

exaltou à mais alta posição e lhe deu o nome que está acima de todo nome, para que ao nome de Jesus se dobre todo joelho, nos céus, na terra e debaixo da terra, e toda língua confesse que Jesus Cristo é o Senhor, para a glória de Deus Pai” (Fp. 2:9-11).

Pedro escreve de Jesus: “que subiu aos céus e está à direita de Deus; a ele estão sujeitos anjos, autoridades e poderes” (1 Pe. 3:22).

Jesus falou de um reino físico assim como de um reino espiritual.

Mas o Reino físico só poderia ser estabelecido aceitando o Reino espiritual. Embora dezenas de milhares de judeus reconhecessem Jesus como Messias, a liderança em Jerusalém O rejeitou. Jesus, então, ofereceu a bênção espiritual do Reino de Deus aos gentios e também aos cristãos judeus. Enquanto o reino físico será percebido na vinda do Messias Jesus, os cristãos atualmente vivem na esfera espiritual do Reino de Deus.

Quando Deus completar Seu tempo de chamada dos gentios para Ele mesmo, voltará novamente Sua atenção ao povo judeu enquanto nação.

A nação judaica reconhecerá Jesus como Messias e Rei (veja Zacarias 12:10; Romanos 11:25-26). Jesus então retornará à terra para derrotar as nações inimigas que procuraram destruir os judeus (veja Zacarias 14:1-9). Naquele tempo, o próprio Deus governará como Rei sobre toda a terra por meio do Messias Jesus. O Reino de Deus e o reino de Davi estarão unidos em Seu governo (veja Isaías 9:6-7). Agora que nós vemos Israel renascido como nação, podemos estar certos de que a vinda do Messias está próxima.

## APLICAÇÃO PESSOAL

Você provavelmente já percebeu que a Festa das Trombetas relaciona-se com a guerra espiritual do cristão. Uma vez que experimentamos a realidade da Festa de Pentecostes e somos cheios do Espírito Santo, experimentaremos guerra espiritual. Quanto mais nos aproximamos de Deus, mais intensas são nossas guerras espirituais. Tornamo-nos uma ameaça a satanás. Ele fará qualquer coisa para nos derrotar. Aprender a viver na vitória de Jesus como a “Força da nossa Salvação” é um pré-requisito para entrarmos no descanso de Deus. Consequentemente, a Festa das Trombetas simboliza o quinto passo em nossa caminhada com Deus.

Paulo identifica nosso inimigo real com essas palavras: “Finalmente, fortaleçam-se no Senhor e no seu forte poder. Vistam toda a armadura de Deus, para poderem ficar firmes contra as ciladas do Diabo, pois a nossa luta não é contra seres humanos, mas contra os poderes e autoridades, contra os dominadores deste mundo de trevas, contra as forças espirituais do mal nas regiões celestiais” (Ef. 6:10-12).

Aprendemos com as palavras de Paulo que nossos verdadeiros inimigos são o diabo e a grande tropa de seguidores dele que pertencem ao seu exército. Jesus derrotou o diabo! Nossa força e poder vêm de Deus por meio de Jesus como a trombeta de Deus. Paulo expressou isso dessa maneira aos

cristãos em Corinto. “Pois, embora vivamos como homens, não lutamos segundo os padrões humanos. As armas com as quais lutamos não são humanas; ao contrário, são poderosas em Deus para destruir fortalezas” (2 Co. 10:3-4).

Deus derrotou satanás para nós por meio do Messias Jesus. Isso significa que nós não temos que tentar derrotá-lo, pois ele já está derrotado.

Então, nós simplesmente descansamos na vitória que Deus já conquistou por nós e fazemos isso colocando a armadura espiritual de Deus.

Paulo descreve essa armadura para nós com essas palavras: “Por isso, vistam toda a armadura de Deus, para que possam resistir no dia mau e permanecer inabaláveis, depois de terem feito tudo. Assim, mantenham-se firmes, cingindo-se com o cinto da verdade, vestindo a couraça da justiça e tendo os pés calçados com a prontidão do evangelho da paz.

Além disso, usem o escudo da fé, com o qual vocês poderão apagar todas as setas inflamadas do maligno. Usem o capacete da salvação e a espada do Espírito, que é a palavra de Deus. Orem no Espírito em todas as ocasiões, com toda oração e súplica; tendo isso em mente, estejam atentos e perseverem na oração por todos os santos” (Ef. 6:13-18).

Paulo menciona seis peças de armadura. Cada peça representa um aspecto do próprio Senhor como a trombeta de Deus. Como um todo, elas fornecem uma descrição simbólica da pessoa e da obra de Jesus ao derrotar satanás para nós. Paulo ressaltou isso para os cristãos romanos: “Ao contrário, revistam-se do Senhor Jesus Cristo [Yeshua o Messias], e não fiquem premeditando como satisfazer os desejos da carne” (Rm. 13:14).

Sim, Jesus é nossa armadura e Sua vitória torna-se nossa à medida que permitimos que Ele viva Sua vida através de nós. A armadura do cristão é simplesmente Jesus vivendo Sua vida em nós; Sua vitória sobre satanás torna-se nossa conquista. Essa armadura, como uma descrição do Senhor, mostra-nos como ter uma vida vitoriosa e entrar no descanso de Deus.

## ASPECTO SAZONAL PROFÉTICO

A Festa dos Tabernáculos, consistindo de Trombetas, Expição e Tabernáculos, é o único dos três períodos de festas que ainda não se realizaram na história. Tanto as festas da Páscoa e Pentecostes literalmente aconteceram, como já vimos. Não há razão para nós acreditarmos que a Festa dos Tabernáculos não será literalmente cumprida no futuro. Na realidade, já está começando a acontecer. Estamos vivendo nesse período profético.

O aspecto sazonal da Festa dos Tabernáculos relaciona-se com os grandes eventos do fim dos tempos registrados pelos profetas e no livro do Apocalipse. O Apocalipse começa com o apóstolo João ouvindo a voz de Jesus, a qual João compara com o som de uma trombeta. João escreve: “No dia do Senhor achei-me no Espírito e ouvi por trás de mim uma voz forte, como de trombeta” (Ap. 1:10).

À medida que progredimos na leitura do livro do Apocalipse, começamos a ver o cumprimento literal da Festa das Trombetas. João escreve: “Depois dessas coisas olhei, e diante de mim estava uma porta aberta no céu. A voz que eu tinha ouvido no princípio, falando comigo como trombeta, disse: ‘Suba para cá, e lhe mostrarei o que deve acontecer depois dessas coisas’” (Ap. 4:1).

João está dando uma visão assustadora do uso de trombetas para soar um alarme de guerra na restauração da nação de Israel e no período de sete anos de tribulação descrito nos capítulos 6 a 18 de Apocalipse.

Os profetas na Bíblia hebraica descrevem esse período como o toque das trombetas para a guerra. Joel escreveu: “Toquem a trombeta em Sião; deem o alarme no meu santo monte. Tremam todos os habitantes do país, pois o dia do Senhor está chegando. Está próximo!” (Jl. 2:1), (veja também Sofonias 1:14-18).

O cumprimento derradeiro da Festa das Trombetas é o retorno de Jesus, o qual é descrito em Apocalipse 19. Também é anunciado pelo uso de trombetas. João escreve: “O sétimo anjo tocou a sua trombeta, e houve fortes vozes nos céus que diziam: “O reino do mundo se tornou de nosso Senhor e do seu Cristo [Messias], e ele reinará para todo o sempre” (Apocalipse 11:15).

João continua a dizer que quando Jesus retornar Ele virá para fazer guerra (veja Apocalipse 19:11). Ele esmagará todos os Seus inimigos e governará com um cetro de ferro sobre um Reino que nunca terá fim (veja Apocalipse 19:15). Sim, Jesus é a trombeta de Deus e a força da nossa salvação. Ele é nosso grande Guerreiro-Rei, o qual derrotou os inimigos de Deus e de Seu povo.

## REVISÃO DE ESTUDO PESSOAL

1. Descreva como Jesus cumpriu a Festa das Trombetas.
2. Como a Festa das Trombetas revelada em Cristo aplica-se à nossas vidas hoje?
3. Descreva o aspecto sazonal da Festa das Trombetas.
4. Peça a Deus para dar-lhe um encontro pessoal com Jesus como realidade espiritual dessa festa.

Notas de Trombetas

Nota 1 - Para mais informações sobre a shofar e como ela aponta para o Messias, você pode encomendar o livro do autor online no site [www.rbooker.co](http://www.rbooker.co). O livro é intitulado *The Shofar: Ancient Sounds of the Messiah*. [\[Voltar\]](#)

Nota 2 - Veja, por exemplo, [http://en.wikipedia.org/wiki/Roman\\_triumph](http://en.wikipedia.org/wiki/Roman_triumph) [\[Voltar\]](#)

# EXPIAÇÃO

Um aspecto da vida cristã que impede muitos cristãos de entrar no descanso de Deus é a falta de arrependimento e o fracasso ao enfrentar tribulações. Todos nós passamos por dificuldades e falhas em nossa caminhada com Deus. Então, devemos nos humilhar, nos arrepender dos nossos pecados e buscar a misericórdia de Deus quando deixamos de viver de acordo com Sua perfeição moral. O Dia da Expição é um recurso visual o qual nos ensina que precisamos entrar no descanso de Deus e desfrutar de Sua presença. Ele representa o sexto passo em nossa caminhada com Deus.

## CONTEXTO HISTÓRICO

O Senhor nos dá as seguintes instruções acerca do Dia da Expição: “Disse o Senhor a Moisés: ‘O décimo dia deste sétimo mês é o Dia da Expição. Façam uma reunião sagrada e humilhem-se, e apresentem ao Senhor uma oferta preparada no fogo. Não realizem trabalho algum nesse dia, porque é o Dia da Expição, quando se faz propiciação por vocês perante o Senhor, o Deus de vocês.

Quem não se humilhar nesse dia será eliminado do seu povo. Eu destruirei do meio do seu povo todo aquele que realizar algum trabalho nesse dia. Vocês não realizarão trabalho algum. Este é um decreto perpétuo para as suas gerações, onde quer que vocês morarem. É um sábado de descanso para vocês, e vocês se humilharão. Desde o entardecer do nono dia do mês até ao entardecer do dia seguinte vocês guardarão esse sábado” (Lv. 23:26-32).

A partir dessas passagens (e observe no quadro) que o Dia da Expição foi o décimo dia do mês de *Tishrei*. Esse era o grande dia da purificação nacional e do arrependimento do pecado, e também era nesse dia que Deus julgava os pecados da nação inteira. Em vista disso, o Dia da Expição tornou-se conhecido como o Dia do Julgamento.

O Dia da Expição era o único dia no ano em que o Sumo Sacerdote passava pelo véu para entrar no Santo dos Santos com o sangue do sacrifício e aspergi-lo no Lugar Santíssimo. Essa oferta do sacrifício vicário inocente tornava possível a expiação pelos pecados da nação. A palavra expiação significa “cobrir”. No grande Dia da Expição, os pecados da nação eram cobertos pelo sangue do sacrifício. Esse procedimento dramático é descrito em detalhes em Levítico 16 e em meu livro *O Milagre do Fio Escarlate*.

Pelo fato de ser o Dia do Julgamento, eram momentos de grande aflição da alma, de tristeza, de arrependimento e de confissão dos pecados. Esse era um tempo de lamentação diante de Deus com um espírito quebrantado e coração contrito. É o único dia de jejum obrigatório na Bíblia (veja Levítico 23:27-32; Jeremias 36:6).

Além disso, os judeus acreditavam que o julgamento final e a contabilidade da alma viriam no Dia da Expição. Nesse dia, o futuro de cada indivíduo seria selado e os portões do céu seriam fechados.

À luz dessa crença, o povo judeu realiza muitas boas obras durante os dez dias entre a Festa das Trombetas e o Dia da Expição. Eles fazem muitas preces profundas na sinagoga buscando o perdão e a misericórdia de Deus.

Esse período de dez dias é conhecido como os “Dias Temíveis” ou os “Dez Dias de Arrependimento” visto que o povo se prepara espiritualmente para o Dia da Expição. Eles expressam sua preocupação e esperança ao cumprimentarem uns aos outros dizendo: “Que seu nome seja inscrito no livro da Vida”. É um dia muito solene. [\[Nota 1\]](#)

## COMO JESUS CUMPRIU A FESTA

Jesus cumpriu os aspectos espirituais do Dia da Expição quando entrou no “tabernáculo” dos céus – o verdadeiro Lugar Santo – com Seu próprio sangue derramado pelos pecados do mundo. Os cristãos foram perdoados e purificados de uma vez por todas pelo sangue do Messias Jesus. Seu sangue fez o que o sangue de touros e de bodes nunca poderiam fazer por nós. Seu sangue não apenas cobriu nossos pecados; eliminou-os para não serem mais lembrados. Aleluia!

Ao recebermos essa grande bênção do perdão de uma vez por todas, quando nos arrependemos de nossos pecados, com coração quebrantado e espírito contrito, aceitamos Jesus como o sacrifício vicário inocente que morreu em nosso lugar. Nesse momento, nosso futuro é selado pelo Espírito Santo e nossos nomes são escritos no Livro da Vida do Cordeiro.

Essa é uma obra completa de redenção e salvação em relação à nossa posição perante Deus.

Embora Deus tenha perdoado os nossos pecados, isso não significa que não precisamos de uma purificação contínua em nossa vida diária.

Devemos julgar nossos pecados diariamente com o propósito de manter comunhão com o Senhor. A este respeito, o sangue de Jesus nos purifica de modo que torna possível a comunhão contínua com Ele.

João falou dessa necessidade com as seguintes palavras: “Se afirmarmos que temos comunhão com ele, mas andamos nas trevas, mentimos e não praticamos a verdade. Se, porém, andarmos na luz, como ele está na luz, temos comunhão uns com os outros, e o sangue de Jesus, seu Filho, nos purifica de todo pecado. Se afirmarmos que estamos sem pecado, enganamos a nós mesmos, e a verdade não está em nós. Se confessarmos os nossos pecados, ele é fiel e justo para perdoar os nossos pecados e nos purificar de toda injustiça” (1 Jo. 1:6-9).

Os seres humanos não se arrependem quando tudo está bem. Por causa disso, Deus frequentemente nos permite passar por várias provações para testar nossa fé e trazer-nos para mais perto dele. Embora Deus, na realidade, possa não causar a dificuldade em nossas vidas, Ele a usará para purificar nossos motivos e ações de modo que possamos abandonar nosso pecado e buscar a Sua presença.

O próprio Jesus experimentou grandes provações. Elas não tinham o propósito de limpeza e purificação, pois Jesus não precisava disso. Ele era perfeito. Suas tribulações eram testes de obediência que O forçavam a depender continuamente de Seu Pai celestial e a buscá-Lo por meio da oração e do jejum.

Jesus deseja purificar-nos pela Sua Palavra. João 15:3 diz: “Vocês já estão limpos, pela palavra que lhes tenho falado”. No entanto, se nós prestarmos atenção à Palavra de Deus, Jesus nos permitirá experimentar um “batismo no fogo” para testar nossa fé e trazer-nos ao arrependimento para que possamos buscá-Lo seriamente por meio da oração e do jejum.

Quando João falou de Jesus como aquele que batiza no Espírito Santo, ele também disse que Jesus nos batizaria com fogo. João declarou: “...respondeu a todos: Eu os batizo com água. Mas virá alguém mais poderoso do que eu, tanto que não sou digno nem de desamarrar as correias das suas sandálias. Ele os batizará com o Espírito Santo e com fogo. Ele traz a pá em sua mão, a fim de limpar sua eira e juntar o trigo em seu celeiro; mas queimará a palha com fogo que nunca se apaga” (Lc. 3:16-17).

Jesus pessoalmente experimentou esse batismo no fogo e prometeu que todos que O seguissem fariam o mesmo. Vemos isso em uma conversa que Jesus teve com a mãe de dois de Seus discípulos: “Então, aproximou-se de Jesus a mãe dos filhos de Zebedeu com seus filhos e, prostrando-se, fez-lhe um pedido. ‘O que você quer?’, perguntou ele. Ela respondeu: ‘Declara que no teu Reino estes meus dois filhos se assentarão um à tua direita e o outro à tua esquerda’. Disse-lhes Jesus: ‘Vocês não sabem o que estão pedindo. Podem vocês beber o cálice que eu vou beber?’”

‘Podemos’, responderam eles. Jesus lhes disse: ‘Certamente vocês beberão do meu cálice; mas o assentar-se à minha direita ou à minha esquerda não cabe a mim conceder. Esses lugares pertencem àqueles para quem foram preparados por meu Pai’” (Mt. 20:20-23).

A mulher na passagem de Mateus queria que seus dois filhos, Tiago e João, tivessem a posição mais importante no reino de Jesus. Entretanto, ela não tinha consciência do grande preço a ser pago por tanta honra.

Jesus disse que o preço era beber o cálice do batismo o qual Ele beberia.

Esse cálice era a grande provação e o teste que Ele experimentou pouco tempo depois, assim como o sofrimento que deveria suportar na cruz visto que era portador do nosso pecado e estava separado de Seu Pai no céu.

Pouco antes de Sua prisão, Jesus tinha ido ao Jardim do Getsêmane para orar. Esse deveria ser Seu maior teste. À medida que Ele meditava acerca da cruz, Sua alma tornou-se angustiada. Ele tomou Pedro, Tiago e João com Ele, esperando que O confortassem.

Jesus disse-lhes: “A minha alma está profundamente triste, numa tristeza mortal. Fiquem aqui e vigiem comigo” (Mt. 26:38). Em seguida, Jesus seguiu sozinho até um pouco mais a frente e começou a clamar a Deus: “Meu Pai, se for possível, afasta de mim este cálice; contudo, não seja

como eu quero, mas sim como tu queres” (Mt. 26:39).

Esse era um fardo tão pesado para Jesus que Seu suor era como gotas de sangue que caíam no chão” (Lc. 22:44). Ele clamou em desespero para que Deus, afastasse dele o cálice, sabendo durante todo o tempo que não era possível. Finalmente, Ele aceitou a vontade do Pai para Sua vida e rendeu-se em total obediência a ela. Jesus então prosseguiu para dar Sua vida em cumprimento da realidade espiritual do Dia da Expição.

De acordo com Levítico 16, no Dia da Expição, o Sumo Sacerdote deveria apresentar dois bodes perante o Senhor. Ele então lançava a sorte para determinar qual dos bodes seria oferecido ao Senhor e qual deles seria levado para o deserto como bode expiatório. O bode sobre o qual a sorte do Senhor caía era oferecido como oferta pelo pecado (veja Levítico 16:5-10).

Os líderes religiosos consideravam um bom presságio se a sorte com a inscrição “para o Senhor” fosse retirada pelo sacerdote com sua mão direita. Mas, de acordo com os escritos judaicos tradicionais, durante quarenta anos antes da destruição do templo, a sorte onde estava escrito “para o Senhor” aparecia em sua mão esquerda. Esse mau presságio causava o grande medo de uma morte iminente. [\[Nota 2\]](#)

O Sumo Sacerdote amarrava um fio de lã carmesim nos chifres do bode e o mandava para o deserto acompanhado por um sacerdote. O bode era escoltado por cerca de 19km para um lugar designado, onde o sacerdote o empurrava de um penhasco levando os pecados de Israel. Uma porção do fio carmesim era atado à porta do templo antes de o bode ser enviado para o deserto. Quando o bode era empurrado do penhasco e morria, dizia-se que o fio na porta do templo mudava de vermelho para branco. Era um sinal divino para o povo de que Deus tinha aceitado seu sacrifício e seus pecados tinham sido perdoados.

O sinal baseava-se em Isaías 1:18 que diz: “Embora os seus pecados sejam vermelhos como escarlata, eles se tornarão brancos como a neve; embora sejam rubros como púrpura, como a lã se tornarão”. Os escritos rabínicos contam-nos que durante quarenta anos antes da destruição do templo, o fio não mais tornou-se branco. [\[Nota 3\]](#)

Outro sinal de destruição era se a luz ocidental nos candelabros do templo não acendesse. Esse era um mau presságio de que a luz do Templo se extinguiria. Além disso, se as portas do Templo abrissem sozinhas, os rabinos viam isso como um sinal de que o Templo seria destruído pelo fogo como sendo o julgamento de Deus por sua impiedade. Isso baseava-

-se em seu entendimento de Zacarias 11:1 que diz: “Abra as suas portas, ó Líbano, para que o fogo devore os seus cedros”.

A importância óbvia desses sinais é que eles começaram a aparecer quarenta anos antes da destruição do templo. Foi quando Jesus foi crucificado. Essa foi a maneira mais dramática para Deus demonstrar que Jesus era a realidade humana máxima do Dia da Expição. Sua morte proporcionou o perdão definitivo dos pecados. Obrigado, Jesus!

## APLICAÇÃO PESSOAL

Tudo que Jesus experimentou em Sua carne enquanto esteve na terra, nós, que somos Seus seguidores, experimentaremos em nosso ser interior.

Jesus foi crucificado por nossos pecados. Nossa resposta é morrer para o eu, tomar nossa cruz e segui-Lo. Jesus foi sepultado com nossos pecados.

Nossa resposta é despir o velho homem do pecado. Jesus ressuscitou dos mortos. Semelhantemente, nós, que estávamos mortos em nossos delitos e pecados, ressuscitamos de nossa cova espiritual para andarmos em vida renovada.

Jesus era cheio do Espírito Santo, o que O capacitava a ministrar no poder de Deus, mas também nós devemos ser cheios do Espírito Santo para o mesmo fim. Após Jesus ter sido cheio do Espírito Santo, Ele imediatamente enfrentou uma guerra espiritual e muitas provações para que sua fé fosse testada. Da mesma forma, quando nos tornamos cheios do Espírito Santo, enfrentamos uma guerra espiritual e grandes provações além de qualquer dimensão previamente conhecida. Esse é um grande desafio e somente os fortes no Senhor, os quais compreendem a guerra espiritual, perseveram. Essa é uma das razões pelas quais cristãos fracos, carnis e culturais não experimentam as bênçãos de Deus. Eles não desejam e/ou são incapazes de caminhar com Ele aos Tabernáculos. Deus nos ajudará se permitirmos que Ele opere isso em nossas vidas.

Jesus também foi julgado por nossos pecados. Por essa razão, devemos julgar a nós mesmos ou Ele nos punirá para que não sejamos condenados com o mundo. Paulo explica isso para nós: “Mas, se nós tivéssemos o cuidado de examinar a nós mesmos, não receberíamos juízo. Quando, porém, somos julgados pelo Senhor, estamos sendo disciplinados para que não sejamos condenados com o mundo” (1 Co. 11: 31-32).

Enquanto estivermos neste planeta, até Jesus retornar, teremos provações. Deus as usa para nos tornar humildes, testar nossa fé e mostrar-nos a real condição de nosso coração. Moisés entendeu isso e escreveu: “Lembrem-se de como o Senhor, o seu Deus, os conduziu por todo o caminho no deserto, durante estes quarenta anos, para humilhá-los e pô-los à prova, a fim de conhecer suas intenções, se iriam obedecer aos seus mandamentos ou não” (Dt. 8:2).

Pedro escreveu: “Amados, não se surpreendam com o fogo que surge entre vocês para os provar, como se algo estranho lhes estivesse acontecendo.... Pois chegou a hora de começar o julgamento pela casa de Deus; e, se começa primeiro conosco, qual será o fim daqueles que não obedecem ao evangelho de Deus?... Por isso mesmo, aqueles que sofrem de acordo com a vontade de Deus devem confiar sua vida ao seu fiel Criador e praticar o bem” (1 Pe. 4:12, 17, 19).

Jesus não morreu para salvar-nos das provações e dos problemas, mas Ele nos ajudará a vencê-los à medida que buscamos Sua face e nos arrependemos, quando necessário. Nossa resposta às provações e problemas não é fugir deles ou fingir que não existem, mas confiar nossa alma a Deus, Criador fiel. Ele nunca permitirá que passemos por uma provação tão grande a qual não possamos suportar com

Sua graça (veja 1 Co. 10:13; 2 Co. 12:9-10).

Pedro explica: “Nisso vocês exultam, ainda que agora, por um pouco de tempo, devam ser entristecidos por todo tipo de provação. Assim acontece para que fique comprovado que a fé que vocês têm, muito mais valiosa do que o ouro que perece, mesmo que refinado pelo fogo, é genuína e resultará em louvor, glória e honra, quando Jesus Cristo [Yeshua o Messias] for revelado” (1 Pe. 1:6-7).

Podemos aprender com Pedro algumas lições muito úteis em relação às provações da nossa fé. Em primeiro lugar, ele diz que só teremos uma provação “se necessário”. Em outras palavras, Deus não nos permitirá experimentar uma prova difícil de nossa fé a menos que Ele veja algum valor nela para nossa vida.

Há um propósito em cada provação que enfrentamos. Por essa razão, quando passamos por uma prova, devemos procurar entender qual lição Deus tem para nós. Devemos tirar nossos olhos das circunstâncias e tentar visualizar a situação de uma perspectiva eterna. Enquanto isso for mais fácil de dizer do que de fazer, Deus nos ajudará a vencer esses tempos difíceis em nossas vidas por meio do louvor e da adoração, da meditação em Sua Palavra, da comunhão com outros cristãos, *etc.*

Em seguida, Pedro encoraja-nos ao dizer que a dificuldade que enfrentamos será apenas por “um pouco” e que não durará para sempre.

Essa é uma boa notícia. Uma vez que reagimos da maneira que Deus deseja, a provação passará. Nós determinamos quanto tempo a prova durará pelo modo como reagimos. Porém, se ficarmos zangados com Deus por causa das circunstâncias ou tentarmos fugir delas, prolongamos nossa dificuldade. E, se buscarmos a Deus por meio da oração e do jejum, com coração quebrantado e espírito contrito, a provação logo passará.

Pedro então diz que nós teremos “várias” provações. Às vezes, parece que o nosso mundo está desmoronando. Tudo parece estar dando errado. Isso não significa necessariamente que estamos vivendo no pecado ou que Deus está nos punindo. Isso tudo poderia muito bem ser apenas as pressões normais da vida que se acumulam de tempos em tempos. Deus as usará em nossas vidas para desenvolver Seu caráter em nós, se permitirmos que Ele faça essa obra mais profunda conosco.

Depois, Pedro aponta o óbvio: passar por uma provação pode ser uma experiência muito dolorosa e estressante. Reconhecer isso não significa que nos falta fé ou que não estamos confiando em Deus. Simplesmente significa que estamos enfrentando a situação de modo realista.

Estamos sendo humanos e honestos. A boa notícia é que não temos que carregar nossos fardos sozinhos. Podemos entregá-los a Deus por meio da oração e da ação de graças (veja 1 Pedro 5:7).

Finalmente, Pedro afirma que o propósito das provações é testar a autenticidade de nossa fé. Ele compara esse teste ao processo usado na purificação do ouro. Quando um mineiro encontra ouro, o minério contém muitas impurezas. O mineiro deve “testar” o ouro com o propósito de separá-lo das impurezas. A maneira como ele faz isso é colocando o ouro em um crisol, o qual ele põe sobre uma

fornalha ardente. O calor do fogo faz com que as impurezas subam para o topo do recipiente. O mineiro então separa as impurezas e olha para o material no crisol. Ele não consegue ver se há mais material impuro, pois esse material ficará no fundo do crisol.

Entretanto, se o mineiro não consegue ver um reflexo claro de sua imagem, ele sabe que há mais impurezas no fundo que precisam ser removidas. A maneira como ele as remove é aumentando o fogo. Isso faz com que mais impurezas subam ao topo e, mais uma vez, o mineiro as retira da superfície. Ele repete esse processo até que seja possível ver um reflexo claro de sua imagem no material restante no crisol. A essa altura, ele sabe que separou todas as impurezas.

Essa explicação nos ajuda a entender porque passamos por tribulações e como Deus as usa para testar nossa fé. Os profetas falavam de Deus como um refinador que queimava as impurezas morais e espirituais de nossas vidas. Malaquias disse: “Ele se assentará como um refinador e purificador de prata; purificará os levitas e os refinará como ouro e prata. Assim trarão ao Senhor ofertas com justiça” (Ml. 3:3), (veja também Isaías 1:25).

Deus deseja que Seus filhos sejam conforme a Sua imagem. Então, como o velho mineiro, o Senhor testa nossa fé. Ele usa as provações da vida com o propósito de trazer ao topo da nossa atenção aquelas coisas escondidas no fundo dos nossos corações. Essas coisas ocultas estão abaixo da superfície de nosso conhecimento pois nem mesmo sabemos que estão lá. O Senhor então as separa quando oramos, nos arrependemos e buscamos Sua face. Ele repete esse processo, tornando a prova de fogo mais quente, se necessário for, até que não haja qualquer indício de nós, apenas Ele. Esse resultado glorioso faz as tribulações da vida valerem a pena.

Jó foi um homem que passou por grandes provações. Contudo, ele achou conforto em saber que Deus estava trabalhando em sua vida. Jó entendia o processo de refinação que Deus frequentemente nos permite experimentar. Jó disse: “Mas, se vou para o oriente, lá ele não está; se vou para o ocidente, não o encontro. Quando ele está em ação no norte, não o enxergo; quando vai para o sul, nem sombra dele eu vejo! Mas ele conhece o caminho por onde ando; se me puser à prova, aparecerei como o ouro” (Jó. 23:8-10).

Você pode estar passando por uma prova difícil em sua vida. Talvez você não consiga sentir a presença de Deus, mas Ele está aí. Ele prometeu nunca deixá-lo nem abandoná-lo (veja Hebreus 13:5). Ele prometeu dar-lhe o escape para suportar seu fardo (veja 1 Coríntios 10:13).

Deus sabe o que está acontecendo em sua vida o que é melhor para você de uma perspectiva eterna o que você conseguiria resolver e o que oprimiria você. Deus sabe o que faz na sua vida. Ele promete que todas as coisas contribuirão para o seu bem (veja Romanos 8:28). Descanse nessas palavras: “Quando Ele provar você, você sairá como ouro”.

## ASPECTO SAZONAL PROFÉTICO

O período profético do Dia da Expição refere-se ao retorno de Jesus para julgar a terra. Esse futuro evento será cumprido literalmente no último grande Dia da Expição.

Deus estabeleceu cada quinquagésimo ano como o Ano do Jubileu na administração judaica do tempo (veja Levítico 27). Era um ano especial em que os prisioneiros eram libertos, a propriedade era devolvida ao seu dono original e a terra descansava, sem ser cultivada. Esse era o ano de proclamar a liberdade por toda a terra. Era um tempo de grande júbilo.

O Ano do Jubileu começa no Dia da Expição. Ele aponta para o grande Ano do Jubileu quando o Messias Jesus virá à terra para julgar o mundo. Então, o povo de Deus será liberto de uma vez por todas de suas tribulações e fardos. O governo da terra será restaurado aos piedosos e haverá descanso na terra. Esse será um dia de lamento para aqueles que serão julgados, mas será um dia de júbilo para os fieis.

O profeta Zacarias estava falando do futuro cumprimento literal do Dia da Expição quando escreveu essas palavras: “E derramarei sobre a família de Davi e sobre os habitantes de Jerusalém um espírito de ação de graças e de súplicas. Olharão para mim, aquele a quem traspassaram, e chorarão por ele como quem chora a perda de um filho único, e se lamentarão amargamente por ele como quem lamenta a perda do filho mais velho. Naquele dia muitos chorarão em Jerusalém, como os que choraram em Hadade-Rimom no vale de Megido. Todo o país chorará, separadamente cada família com suas mulheres chorará: a família de Davi com suas mulheres, a família de Natã com suas mulheres, a família de Levi com suas mulheres, a família de Simei com suas mulheres, e todas as demais famílias com suas mulheres” (Zc. 12:10-14).

Zacarias adicionou essa palavra: “Naquele dia uma fonte jorrará para os descendentes de Davi e para os habitantes de Jerusalém, para purificá-los do pecado e da impureza. ‘Naquele dia eliminarei da terra de Israel os nomes dos ídolos, e nunca mais serão lembrados’, diz o Senhor dos Exércitos. ‘Removerei da terra tanto os profetas como o espírito imundo.’...‘Na terra toda, dois terços serão ceifados e morrerão; todavia a terça parte permanecerá’, diz o Senhor. ‘Colocarei essa terça parte no fogo, e a refinarei como prata, e a purificarei como ouro. Ela invocará o meu nome, e eu lhe responderei. É o meu povo, direi; e ela dirá: ‘O Senhor é o meu Deus’” (Zc. 13:1-2; 8-9).

Jesus também referiu-se a essa época quando falou sobre Sua volta à terra. Ele disse: “Imediatamente após a tribulação daqueles dias ‘o sol escurecerá, e a lua não dará a sua luz; as estrelas cairão do céu, e os poderes celestes serão abalados’. Então aparecerá no céu o sinal do Filho do homem, e todas as nações da terra se lamentarão e verão o Filho do homem vindo nas nuvens do céu com poder e grande glória. E ele enviará os seus anjos com grande som de trombeta, e estes reunirão os seus eleitos dos quatro ventos, de uma a outra extremidade dos céus” (Mt. 24:29-31).

João disse essas palavras no livro do Apocalipse: “Eis que ele vem com as nuvens, e todo olho o verá, até mesmo aqueles que o traspassaram; e todos os povos da terra se lamentarão por causa dele. Assim será!

Amém” (Ap. 1:7).

João também teve o grande privilégio de escrever sobre o cumprimento literal do Dia da Expição por parte de Jesus. Ele explica: “Vi os céus abertos e diante de mim um cavalo branco, cujo cavaleiro

se chama Fiel e Verdadeiro. Ele julga e guerreia com justiça. Seus olhos são como chamas de fogo, e em sua cabeça há muitas coroas e um nome que só ele conhece, e ninguém mais. Está vestido com um manto tingido de sangue, e o seu nome é Palavra de Deus.

“Os exércitos dos céus o seguiam, vestidos de linho fino, branco e puro, e montados em cavalos brancos. De sua boca sai uma espada afiada, com a qual ferirá as nações. Ele as governará com cetro de ferro. Ele pisa o lagar do vinho do furor da ira do Deus todo-poderoso. Em seu manto e em sua coxa está escrito este nome: REI DOS REIS E SENHOR DOS

SENHORES” (Ap. 19:11-16).

## REVISÃO DE ESTUDO PESSOAL

1. Descreva como Jesus cumpre a Festa da Expição.
2. Como a Festa da Expição revelada em Cristo aplica-se à nossas vidas hoje?
3. Descreva o aspecto sazonal da Festa da Expição.
4. Peça a Deus para proporcionar-lhe um encontro pessoal com Jesus como realidade espiritual dessa festa.

Notas de Expição

Nota 1 - Para mais informações sobre a shofar e como ela aponta para o Messias, você pode encomendar o livro do autor online no site [www.rbooker.co](http://www.rbooker.co). O livro é intitulado The Shofar: Ancient Sounds of the Messiah. [\[Voltar\]](#)

Nota 2 - Veja, por exemplo, [http://en.wikipedia.org/wiki/Roman\\_triumph](http://en.wikipedia.org/wiki/Roman_triumph) [\[Voltar\]](#)

Nota 3 - Ibid [\[Voltar\]](#)

# TABERNÁCULOS

A última festa que Deus ordenou que os hebreus guardassem era a Festa dos Tabernáculos (Succot em hebraico), que também era chamada de Festa da Colheita. Essa festa acontecia no final do período da colheita e das Festas das Cabanas, pois os hebreus dormiam em cabanas ou abrigos durante a festa (veja Êxodo 23:16; Deuteronômio 16:16).

A Festa dos Tabernáculos celebrava a colheita final da safra com a qual Deus havia abençoado o povo durante o ano. O fruto da terra havia sido ceifado, então o povo podia descansar de seu trabalho na colheita, em que era um momento de grande júbilo. Na verdade, era uma ocasião tão feliz que os rabinos diziam que a pessoa a qual não tivesse vindo a Jerusalém durante a Festa dos Tabernáculos não conhecia o significado real da palavra alegria. [\[Nota 1\]](#)

Pelo fato da Festa dos Tabernáculos ser a última das sete festas, ela completava o período religioso. O número sete na Bíblia representa completude. Aprendemos com isso que a Festa dos Tabernáculos representa a obra completa ou terminada de Deus tanto nessa era presente em que vivemos quanto na vida dos cristãos individualmente. Ela corresponde ao sétimo passo em nossa caminhada com Deus para alcançar maturidade espiritual e descanso em nossas almas.

Isso não é o mesmo que perfeição sem pecado. Nós nunca alcançaremos essa condição até Jesus retornar. É, no entanto, um nível de maturidade até o qual conseguimos crescer, aprendendo não apenas a descansar em Deus pelo que Ele é, mas também a estar contente em qualquer circunstância na qual nos encontramos.

Paulo reconhecia essa condição em sua própria vida. Ele não era perfeito, porém havia amadurecido até alcançar o descanso em Deus. Ele expressou isso da seguinte maneira: “Não que eu já tenha obtido tudo isso ou tenha sido aperfeiçoado, mas prossigo para alcançá-lo, pois para isso também fui alcançado por Cristo Jesus. Irmãos, não penso que eu mesmo já o tenha alcançado, mas uma coisa faço: esquecendo-me das coisas que ficaram para trás e avançando para as que estão adiante, prossigo para o alvo, a fim de ganhar o prêmio do chamado celestial de Deus em Cristo [Messias] Jesus...”.

Não estou dizendo isso porque esteja necessitado, pois aprendi a adaptar-me a toda e qualquer circunstância. Sei o que é passar necessidade e sei o que é ter fartura. Aprendi o segredo de viver contente em toda e qualquer situação, seja bem alimentado, seja com fome, tendo muito, ou passando necessidade. Tudo posso naquele que me fortalece” (Fp. 3:12-14; 4:11-13).

## CONTEXTO HISTÓRICO

Vamos ler agora as instruções que o Senhor deu acerca da Festa dos Tabernáculos: “Disse o

Senhor a Moisés: ‘Diga ainda aos israelitas: No décimo quinto dia deste sétimo mês começa a festa das cabanas do Senhor, que dura sete dias. No primeiro dia haverá reunião sagrada; não realizem trabalho algum. Durante sete dias apresentem ao Senhor ofertas preparadas no fogo, e no oitavo dia façam outra reunião sagrada, e também apresentem ao Senhor uma oferta preparada no fogo. É reunião solene; não realizem trabalho algum’” (Lv. 23:33-36).

Deus então repetiu a ordem e deu mais instruções: “Assim, começando no décimo quinto dia do sétimo mês, depois de terem colhido o que a terra produziu, celebrem a festa do Senhor durante sete dias; o primeiro dia e também o oitavo serão dias de descanso. No primeiro dia vocês apanharão os melhores frutos das árvores, folhagem de tamareira, galhos frondosos e salgueiros, e se alegrarão perante o Senhor, o Deus de vocês, durante sete dias. Celebrem essa festa do Senhor durante sete dias todos os anos. Este é um decreto perpétuo para as suas gerações; celebrem-na no sétimo mês.

“Morem em tendas durante sete dias; todos os israelitas de nascimento morarão em tendas, para que os descendentes de vocês saibam que eu fiz os israelitas morarem em tendas quando os tirei da terra do Egito. Eu sou o Senhor, o Deus de vocês” (Lv. 23:39-43), (veja também Números 29 para uma descrição dos sacrifícios que eram oferecidos ao Senhor nessa festa).

Aprendemos nesse texto que a Festa dos Tabernáculos começava no décimo quinto dia de Tishrei e durava até o vigésimo primeiro. Depois, no vigésimo segundo (o oitavo dia), havia um Shabat especial, o qual era um dia de descanso caracterizado por muita alegria.

A Festa dos Tabernáculos tinha dois aspectos associados a ela. Primeiramente, ela relembra os quarenta anos em que os judeus peregrinaram pelo deserto habitando em abrigos e tabernáculos. Eles sempre deveriam ser lembrados de que a peregrinação de seus antepassados foi provocada pela incredulidade e pela desobediência, mas era apenas temporária. Mesmo durante sua peregrinação, Deus estava em seu meio, cuidando de cada necessidade e, por fim, trazendo-os para a terra de descanso a qual Ele havia prometido.

Como um lembrete constante, Deus ordenou que os hebreus construíssem cabanas ou abrigos para sua habitação durante essa festa. Então, cada ano na Festa dos Tabernáculos, os hebreus recolhiam a madeira e os ramos necessários para construir um abrigo no qual morariam durante a festa. Muitos judeus ainda fazem o mesmo hoje.

Mas a Festa dos Tabernáculos também tinha um olhar futurista. O abrigo era construído frouxamente de modo que os hebreus pudessem olhar para o céu através da cobertura. Isso lembrava que eles eram peregrinos passando por essa vida e que Deus tinha um descanso ainda melhor para eles no futuro quando Ele viria para habitar no meio deles permanentemente.

O descanso final era a esperança de seu ancestral Abraão. O escritor aos hebreus referiu-se a isso e disse: “Pela fé Abraão, quando chamado, obedeceu e dirigiu-se a um lugar que mais tarde receberia como herança, embora não soubesse para onde estava indo. Pela fé peregrinou na terra prometida como se estivesse em terra estranha; viveu em tendas, bem como Isaque e Jacó, co-herdeiros da mesma promessa. Pois ele esperava a cidade que tem alicerces, cujo arquiteto e edificador é Deus”

(Hb. 11:8-10).

## COMO JESUS CUMPRIU A FESTA

Jesus é o tabernáculo ou lugar de habitação final de Deus em carne humana (veja João 1:14; Colossenses 2:9). Deus habita em nosso meio através de Jesus que nos dá Seu Espírito em nossos corações (veja Mateus 18:20). Jesus cumprirá a Festa dos Tabernáculos em Sua segunda vinda.

Haverá um descanso literal para a terra e para todos os seus habitantes.

Até lá, podemos experimentar descanso em nossas almas.

Em certa ocasião, Jesus disse: “Venham a mim, todos os que estão cansados e sobrecarregados, e eu lhes darei descanso. Tomem sobre vocês o meu jugo e aprendam de mim, pois sou manso e humilde de coração, e vocês encontrarão descanso para as suas almas. Pois o meu jugo é suave e o meu fardo é leve” (Mt. 11:28-30).

Jesus afirmou que podíamos encontrar descanso em Deus por meio dele. Muitos cristãos procuram o descanso de Deus trabalhando para Ele ou tentando conseguir algo Dele. Outros procuram símbolos que remetem a Deus buscando segurança e consolo. Mas o próprio Deus é o nosso descanso através de uma proximidade com Jesus.

Jesus não nos dá vida; Ele é a nossa vida. Ele não nos concede paz; Ele é a nossa paz. Ele não nos dá amor; Ele é amor. Ele é em Si mesmo tudo aquilo que precisamos. O que tentamos obter de Deus são simplesmente manifestações dele em nossa vida.

Muitos cristãos nunca entram no descanso de Deus, pois buscam coisas de Jesus em vez de buscá-Lo. Eles procuram bênçãos em vez de procurarem Aquele que abençoa. Jesus não nos dá bênçãos; Ele mesmo é nossa benção. Ele é tudo que precisamos, queremos ou esperamos em Sua pessoa.

O próprio Jesus é o nosso descanso. Seu descanso se torna disponível para nós quando permitimos que Ele habite plenamente em nosso meio como Senhor e Mestre de nossa alma. Isso torna-se realidade em nossa vida pelo Espírito Santo, por meio de quem a vida de Jesus flui para nós e por nós.

Haviam dois rituais judaicos associados com a Festa dos Tabernáculos que nitidamente ilustravam a diferença entre o ritual que apontava para Cristo e a realidade da pessoa de Jesus.

O primeiro era o ritual do derramamento da água. Isso acontecia no último dia da Festa dos Tabernáculos. Este dia era chamado de Hoshanah Rabbah em hebraico, cujo significado é o “Dia do Grande Hosana”. Essa expressão hebraica é traduzida para o português como “salva-nos” ou “liberta-nos.”<sup>[Nota 2]</sup> O Dia do Grande Hosana era o dia em que os judeus oravam por chuva e pela salvação de Deus por meio do Messias.

O ritual do derramamento da água tinha uma importância tanto física quanto espiritual. A temporada de chuvas estava prestes a começar e os judeus precisavam da água para amolecer o solo para aragem. Em vista disso, eles faziam uma oferta de ação de graças especial a Deus pela chuva que haveria de mandar. A importância espiritual apontava para a vinda do Messias que lhes daria a água viva do Seu Espírito.

Como parte do processo ritual, um certo sacerdote tirava água do Tanque de Siloé com um jarro de ouro. Então, ele vinha até o altar no templo onde o Sumo Sacerdote tomava o jarro e derramava a água dentro de uma bacia ao pé do altar. Enquanto isso acontecia, os sacerdotes tocavam suas trombetas, os Levitas e todo o povo agitavam ramos de palmeira enquanto entoavam cânticos ao Senhor.

Ao mesmo tempo em que a água estava sendo derramada, eles estavam cantando e louvando a Deus com essas palavras de Isaías: “Com alegria vocês tirarão água das fontes da salvação” (Is. 12:3).

Eles também buscavam ao Senhor de Isaías 44:3 que diz: “Pois derramarei água na terra sedenta, e torrentes na terra seca; derramarei meu Espírito sobre sua prole, e minha bênção sobre seus descendentes”. Esse era o dia mais alegre da celebração e o derramamento da água era o momento mais feliz da celebração. [\[Nota 3\]](#)

Jesus estava lá para guardar a festa em obediência à Torá. Exatamente quando o fervor da celebração alcançava seu auge no derramamento da água, Jesus fez uma declaração corajosa. João foi testemunha desse momento e contou a história: “No último e mais importante dia da festa, Jesus levantou-se e disse em alta voz: ‘Se alguém tem sede, venha a mim e beba. Quem crer em mim, como diz a Escritura, do seu interior fluirão rios de água viva.’ Ele estava se referindo ao Espírito, que mais tarde receberiam os que nele cressem. Até então o Espírito ainda não tinha sido dado, pois Jesus ainda não fora glorificado” (Jo. 7:37-39).

Com essa afirmação, Jesus estava dizendo: “Olhem para Mim e sejam salvos agora. Eu sou o ‘Grande Hosana’. Eu sou sua salvação. Eu darei a água viva do Espírito Santo a todos que Me receberem como o verdadeiro tabernáculo de Deus”.

O outro ritual era a iluminação do templo. Dezenas de milhares de peregrinos que tinham vindo a Jerusalém para guardar a festa ajuntavam-se na área do templo. Muitos carregavam uma tocha acesa de modo que a cidade inteira ficava iluminada por milhas. Isso também tinha importância física e espiritual.

Muita luz do sol era necessária juntamente com a chuva para uma safra agrícola de sucesso. Os judeus agradeciam a Deus pelo sol que era necessário pela vida da colheita. Eles também reconheciam que o próprio Deus era a luz verdadeira (veja Salmos 27:1) que lhes daria luz espiritual e vida por meio do Messias.

Foi durante essa ocasião que Jesus fez outra afirmação corajosa a qual certamente mais chamou a atenção deles. João a registra para nós: “Falando novamente ao povo, Jesus disse: ‘Eu sou a luz do

mundo. Quem me segue, nunca andarรก em trevas, mas terรก a luz da vida” (Jo. 8:12).

Nesse eventos festivos tรกo especiais, Jesus proclamou de um modo claro e poderoso que Ele era a realidade para qual a festa apontava. Enquanto muitos acreditavam Nele, Jesus foi rejeitado pelos lรกderes políticos e religiosos, o sistema. O resultado foi o povo judeu ter-se tornado uma nao itinerante pelos últimos 2.000 anos, não apenas enquanto povo, mas em suas almas também. Uma mudança está perto – e já começou.

## APLICAÇAO PESSOAL

H um descanso para nossas almas hoje assim como um descanso celestial futuro. O escritor aos hebreus explica o que devemos fazer para entrar nesse descanso. Ele começa lembrando a nos que Deus tinha um descanso para os judeus, mas eles falharam em alcançá-lo. Ele diz: “...Hoje, se voces ouvirem a sua voz, não endureçam o corao, como na rebelião, durante o tempo da provao no deserto, onde os seus antepassados me tentaram, pondo-me  prova, apesar de, durante quarenta anos, terem visto o que eu fiz. Por isso fiquei irado contra aquela gerao e disse: ‘O seu corao está sempre se desviando, e eles não reconheceram os meus caminhos’. Assim jurei na minha ira: ‘Jamais entrarão no meu descanso’” (Hb. 3:7-11).

Era desejo de Deus conduzir os hebreus até a terra prometida do descanso. Mas uma gerao inteira não alcançou a promessa. Eles morreram no deserto por causa da descrença e da desobediência causadas por um corao duro contra Deus (veja Hebreus 3:16-19). O escritor aos hebreus então nos adverte quanto ao mesmo problema. Ele diz: “Cuidado, irmãos, para que nenhum de voces tenha corao perverso e incrédulo, que se afaste do Deus vivo. Ao contrário, encorajem-se uns aos outros todos os dias, durante o tempo que se chama ‘hoje’, de modo que nenhum de voces seja endurecido pelo engano do pecado, pois passamos a ser participantes de Cristo [Messias], desde que, de fato, nos apeguemos até o fim  confiança que tivemos no princípio. Por isso  que se diz: ‘Se hoje voces ouvirem a sua voz, não endureçam o corao, como na rebelião’” (Hb. 3:12-15).

Finalmente, como se para enfatizar a questão, mais além nos somos exortados por outro lembrete: “Quem foram os que ouviram e se rebelaram? Não foram todos os que Moisés tirou do Egito? Contra quem Deus esteve irado durante quarenta anos? Não foi contra aqueles que pecaram, cujos corpos caíram no deserto? E a quem jurou que nunca haveriam de entrar no seu descanso? Não foi  aqueles que foram desobedientes? Vemos, assim, que por causa da incredulidade não puderam entrar” (Hb. 3:16-19).

Os hebreus que saíram do Egito e morreram no deserto foram salvos, mas não entraram no descanso de Deus (veja Números 14:19-23). O descanso de Deus não  “morrer e ir para o céu”.  viver na plenitude da vida de Deus aqui e agora.  andar em Sua paz, Seu poder e Seu descanso como foi mostrado nas festas.

Na Bíblia, o Egito simboliza o sistema do mundo. A Terra Prometida representa o descanso de Deus. O deserto fica no meio. Quando uma pessoa aceita Jesus como Senhor e Salvador, Deus o/a liberta de um tipo de Egito espiritual. Os cristãos saem do Egito espiritual no momento em que

recebem a Cristo em suas vidas. Mas o Egito (os hábitos do mundo) nem sempre sai do cristão, pelo menos por um tempo.

Como os antigos hebreus, nós cristãos não desfrutaremos do descanso de Deus em nossa vida a menos que caminhemos com Ele em eterna confiança e obediência. Isso envolve dar os sete passos presentes neste livro. Ao passo que todos os cristãos experimentarão o descanso final de Deus no céu, alguns o perderão em sua vida atual.

O Senhor deseja que entremos no Seu descanso em nossa alma nessa vida por meio de uma caminhada diária com Ele. O primeiro passo é aceitar Jesus como o Cordeiro Pascal que morreu por nossos pecados. No momento em que recebemos Jesus em nossa vida, experimentamos um nascimento espiritual tão emocionante. Jesus falou dele como um novo nascimento (veja João 3:1-8). Quando morremos para a nossa velha vida (o Egito em nós) ao despir o velho homem e vestir o novo (veja Colossenses 3:9-10). Esses dois passos, simbolizados pelas Festas dos Pães Ázimos e das Primícias, são necessários para produzir o caráter de Jesus em nós.

Podemos pensar nesses cristãos que deram esses primeiros passos como cristãos pascais. Eles têm paz com Deus e a paz de Deus. Mas eles ainda não experimentaram plenamente o poder de Deus. Devem prosseguir rumo ao quarto passo: Pentecostes. É possível que a tradição e as doutrinas da sua igreja não ensinem nem acreditem que esse encontro com Deus é para nós hoje. Eu não pretendo debater doutrinas de igreja.

Apenas tenho uma pergunta a fazer: “Você tem poder espiritual em sua vida?” Se não, você precisa desse encontro com o Deus Vivo.

A experiência pentecostal capacita o cristão a ser uma testemunha efetiva e a ministrar no poder do Espírito Santo. Mas o cristão pentecostal está a apenas meio caminho do descanso de Deus. Ele ou ela também deve prosseguir rumo a tornar-se um cristão tabernáculo. Todos devemos aprender a nos comportar em uma guerra espiritual, a nos arrepender de nossos pecados e a vencer as provas de nossa fé. À medida que damos esses passos em confiança e obediência a Deus, desfrutaremos Seu descanso divino em nossas almas.

## ASPECTO SAZONAL PROFÉTICO

A Festa dos Tabernáculos representa o reinado de 1.000 anos do Messias Jesus na terra. Esse período de tempo é conhecido como o Milênio, das palavras latinas milli (mil) e annum (ano) e será um tempo de grande júbilo. A maldição do pecado estará quase completamente exterminada e satanás preso de modo que tanto a terra quanto seus habitantes desfrutarão do descanso de Deus.

[\[Nota 4\]](#)

Esse reinado de Jesus é o assunto do vigésimo capítulo do livro do Apocalipse. Lemos nos cinco primeiros versos: “Vi descer dos céus um anjo que trazia na mão a chave do Abismo e uma grande corrente. Ele prendeu o dragão, a antiga serpente, que é o Diabo, Satanás, e o acorrentou por mil anos; lançou-o no Abismo, fechou-o e pôs um selo sobre ele, para assim impedi-lo de enganar as

nações, até que terminassem os mil anos. Depois disso, é necessário que ele seja solto por um pouco de tempo.

Vi tronos em que se assentaram aqueles a quem havia sido dada autoridade para julgar. Vi as almas dos que foram decapitados por causa do testemunho de Jesus e da palavra de Deus. Eles não tinham adorado a besta nem a sua imagem, e não tinham recebido a sua marca na testa nem nas mãos.

Eles ressuscitaram e reinaram. (O restante dos mortos não voltou a viver até se completarem os mil anos). Esta é a primeira ressurreição” (Ap. 20: 1-6).

Esse descanso sazonal da Festa dos Tabernáculos é descrito em detalhes por toda a Bíblia, mas particularmente pelos profetas nos escritos hebraicos. É a utopia pela qual o homem tanto lutou – porém nunca alcançou – porque ele tentou estabelecê-la sem Deus.

Isaías ansiava por esse momento quando escreveu: “Os resgatados do Senhor voltarão. Entrarão em Sião com cântico; alegria eterna coroará sua cabeça. Júbilo e alegria se apossarão deles, tristeza e suspiro deles fugirão” (Is. 51:11).

O profeta Zacarias disse que quando o Messias vier, todas as nações irão até Jerusalém para adorar ao Senhor e celebrar essa festa: “Então, os sobreviventes de todas as nações que atacaram Jerusalém subirão ano após ano para adorar o rei, o Senhor dos Exércitos, para celebrar a festa das cabanas” (Zc. 14:16).

Na expectativa desse momento glorioso de júbilo na terra, os cristãos têm celebrado a Festa dos Tabernáculos em Jerusalém desde 1980. É um tempo de grande alegria. A cada ano, aproximadamente 5.000 cristãos de 100 nações sobem até Jerusalém para “guardar a Festa”. Veja bem, não é uma “Festa Judaica”; é uma “Festa de Jesus”. É uma Festa do Senhor.

Junto com minha esposa, Peggy, eu tenho acompanhado grupos de turistas até Israel para celebrar a Festa dos Tabernáculos durante mais de 20 anos. Recebi a honra de ser o pregador na celebração cristã da Festa em Jerusalém por 18 anos. Encontramo-nos de dia em seminários e depois nos reunimos à noite para momentos gloriosos de louvor, esplendor e celebração com nossos irmãos e irmãs de todas as partes do mundo.

Talvez o momento mais memorável na Festa dos Tabernáculos seja o Desfile de Jerusalém. Os 5.000 cristãos juntam-se a outros 5.000 israelitas representando diferentes grupos para um desfile alegre e emocionante pelas ruas de Jerusalém. Dezenas de milhares de israelitas alinham-se nas ruas e cumprimentam-nos com um amor incrível e uma alegria que é literalmente indescritível. O desfile é uma experiência tão surpreendente; as pessoas não conseguem conter as lágrimas de alegria à medida que achegam-se um ao outro com amor e amizade. Eu anseio pelo dia em que o Messias virá e nós todos estaremos com Ele na Festa dos Tabernáculos em Jerusalém.

Por mais maravilhoso que seja esse momento para a terra e seus habitantes, ele ainda não é o descanso final que Deus tem para nós. Vemos no livro de Levítico que havia um Shabat especial no oitavo dia (o vigésimo segundo). Esse era um dia de grande alegria e corresponde ao novo céu e à

nova terra.

João explica: “Então vi novos céus e nova terra, pois o primeiro céu e a primeira terra tinham passado; e o mar já não existia. Vi a Cidade Santa, a nova Jerusalém, que descia dos céus, da parte de Deus, preparada como uma noiva adornada para o seu marido. Ouvi uma forte voz que vinha do trono e dizia: Agora o tabernáculo de Deus está com os homens, com os quais ele viverá. Eles serão os seus povos; o próprio Deus estará com eles e será o seu Deus. Ele enxugará dos seus olhos toda lágrima. Não haverá mais morte, nem tristeza, nem choro, nem dor, pois a antiga ordem já passou.

Aquele que estava assentado no trono disse: ‘Estou fazendo novas todas as coisas!’ E acrescentou: ‘Escreva isto, pois estas palavras são verdadeiras e dignas de confiança’. Disse-me ainda: ‘Está feito. Eu sou o Alfa e o Ômega, o Princípio e o Fim. A quem tiver sede, darei de beber gratuitamente da fonte da água da vida’” (Ap. 21:1-6). [\[Nota 5\]](#)

Nesses versículos, João explica que Deus transferirá Seu lar do céu para a terra. Deus habitará em nosso meio e baixará a cortina sobre o ato final da história humana. Então a eternidade começará com Deus vivendo no meio de Seu povo. Esse é o descanso final pelo qual todos os cristãos estão esperando.

Finalmente, João dá a última palavra: “Então o anjo me mostrou o rio da água da vida que, claro como cristal, fluía do trono de Deus e do Cordeiro, no meio da rua principal da cidade. De cada lado do rio estava a árvore da vida, que frutifica doze vezes por ano, uma por mês. As folhas da árvore servem para a cura das nações. Já não haverá maldição nenhuma. O trono de Deus e do Cordeiro estará na cidade, e os seus servos o servirão. Eles verão a sua face, e o seu nome estará em suas testas. Não haverá mais noite. Eles não precisarão de luz de candeia, nem da luz do sol, pois o Senhor Deus os iluminará; e eles reinarão para todo o sempre”(Ap. 22:1-5).

## REVISÃO DE ESTUDO PESSOAL

1. Descreva como Jesus cumpriu a Festa dos Tabernáculos.
2. Como a Festa dos Tabernáculos revelada em Jesus aplica-se a nossas vidas hoje?
3. Descreva o aspecto sazonal da Festa dos Tabernáculos.
4. Peça a Deus para proporcionar-lhe um encontro pessoal com Jesus como realidade espiritual dessa festa.

Notas de Tabernáculos

Nota 1 - Veja <http://season-of-our-joy.com/WaterPouring.htm> [\[Voltar\]](#)

Nota 2 - Veja <http://season-of-our-joy.com/WaterPouring.htm> [\[Voltar\]](#)

Nota 3 - Ibid [\[Voltar\]](#)

Nota 4 - Veja <http://oncelivered.wordpress.com/2008/09/07/jesus-in-the-feasts-of-israel-tabernacles-sukkot/> [\[Voltar\]](#)

Nota 5 - Se o seu coração foi tocado e você gostaria de informações sobre nosso circuito das Festas, por favor, entre em contato conosco e nós discutiremos o assunto com prazer. [\[Voltar\]](#)

## PURIM

Desde o começo até agora, nós já estudamos as Festas bíblicas do Senhor e aprendemos seu contexto histórico, como elas fazem referência a Jesus e como se aplicam ao nosso mundo e às nossas vidas hoje. Neste capítulo e no próximo, estudaremos dois feriados judaicos adicionais que não são Festas do Senhor, mas são muito importantes para o povo judeu.

São feriados nacionais os quais celebram a vitória do povo judeu sobre seus inimigos que queriam destruí-los. Sem essas vitórias, este povo teria desaparecido da face da terra. Isso significaria que o Deus da Bíblia não é o verdadeiro Deus e a Bíblia é uma mentira. Isso também significaria que Jesus Cristo (Yeshua o Messias) não teria nascido.

Além disso, como veremos, o Novo Testamento conta-nos que Jesus celebrava esses feriados. Por essas razões, os cristãos deveriam certamente querer saber sobre esses dois feriados nacionais muito importantes – Purim e Chanucá. Aprenderemos sobre Purim neste capítulo e sobre Chanucá no seguinte.

### CONTEXTO HISTÓRICO

O contexto para a festa de Purim é encontrado no livro de Ester que retrata a maravilhosa história de como a Rainha Ester, uma judia, a qual intercedeu por seu povo para salvá-los da trama de Hamã, um homem perverso o qual queria destruir os judeus. A história de Ester acontece no período do governo persa quando Assuero era o rei. Isso ocorreu aproximadamente nos anos 485 - 465 a.C. Esse rei também era conhecido como Xerxes I, o qual sucedeu Dario I. Xerxes é a forma grega de seu nome persa. Ele governou durante vinte anos sobre um vasto império que incluía 127 províncias as quais iam da Índia até a Etiópia.

O rei vivia na capital persa de Susã. Durante seu governo, havia um número de judeus que ainda viviam na Babilônia sob a soberania persa, embora Ciro houvesse permitido que retornassem a Israel aproximadamente cinquenta anos antes (veja Esdras 1:1-4). Certamente vale a pena notar que os judeus na Pérsia não teriam sofrido ameaça de aniquilação se tivessem voltado para Israel.

Os historiadores contam que Assuero governava seu império com poder absoluto. Ele tinha um temperamento violento e imprevisível e um desejo incontável por prazer. Quando a ele foi oferecida uma grande quantidade de dinheiro para as despesas de uma campanha militar, o Rei Assuero ficou tão impressionado pela lealdade do doador que devolveu os fundos juntamente com um presente expressando sua gratidão. Entretanto, quando o mesmo doador requisitou isenção do serviço militar para um de seus filhos, o rei mandou cortar o filho em dois pedaços e seu exército marchou entre as duas partes do corpo.

Quando foi derrotado em uma batalha, o próprio rei pacificou-se oferecendo um prêmio para

qualquer pessoa que pensasse em uma nova indulgência que o satisfizesse. Ele era simplesmente o tipo de homem que destronou sua rainha por ela não querer se expor perante seus convidados embriagados.

No terceiro ano de seu governo (482 a.C.), o Rei Assuero deu uma festa que durou 180 dias. Quando essa comemoração acabou, o rei deu outra festa para as pessoas que viviam no Palácio. A Rainha Vasti também deu uma festa para as mulheres no palácio real. No sétimo dia da festa, o rei ordenou aos seus sete eunucos que trouxessem a Rainha Vasti até ele para que mostrasse sua beleza às pessoas e oficiais. Para o choque de todos, a rainha recusou-se a comparecer.

O livro de Ester conta a história: “Quando, porém, os oficiais transmitiram a ordem do rei à rainha Vasti, esta se recusou a ir, e o rei ficou furioso e indignado” (Ester 1:12).

A tradução em português não transmite realmente ao leitor o que deveria ser óbvio. O rei e seus amigos estavam em uma orgia ébria e ele queria demonstrar publicamente sua virilidade com a rainha cujo nome significa “linda mulher”. Para crédito dela, se não por seu bom senso, a rainha se recusou a participar. Essa era uma infração grave da etiqueta persa exigir que a rainha se exibisse sem modéstia perante uma vasta comitiva de foliões bêbados. Arqueólogos confirmaram que esse “palácio de iniquidade” foi destruído pelo fogo no prazo de 30 anos do tempo de Ester. Arqueólogos franceses descobriram seus vestígios. [\[Nota 1\]](#)

Mas o rei não podia permitir que sua rainha escapasse da punição diante de tamanha rebelião. Isso aconteceu antes dos dias da liberação da mulher. O que seus amigos pensariam? Se a rainha não fosse punida por tamanha desobediência, então todas as mulheres no reino poderiam pensar que ela “tinha vontade própria”.

O rei chamou seus conselheiros, os quais recomendaram que ele emitisse um decreto real informando que Vasti não mais seria rainha e que o rei daria a posição dela a outra que fosse mais merecedora: “Por isso, se for do agrado do rei, que ele emita um decreto real, e que seja incluído na lei irrevogável da Pérsia e da Média, determinando que Vasti nunca mais compareça na presença do rei Xerxes. Também dê o rei a sua posição de rainha a outra que seja melhor do que ela” (Et 1:19).

Os sábios conselheiros sugeriram que uma nova rainha fosse encontrada para o rei. Lindas jovens virgens de todas as províncias do reino foram reunidas para que o rei escolhesse sua nova rainha: “Então os conselheiros do rei sugeriram que se procurassem belas virgens para o rei, e que se nomeassem comissários em cada província do império para trazerem todas essas lindas moças ao harém da cidadela de Susã. Elas estariam sob os cuidados de Hegai, oficial responsável pelo harém, e deveriam receber tratamento de beleza. A moça que mais agradasse o rei seria rainha em lugar de Vasti. Esse conselho agradou o rei, e ele o pôs em execução” (Et. 2:2-4).

Uma jovem chamada Ester foi escolhida como uma das virgens a serem levadas para o palácio. O nome hebraico de Ester é Hadassah, cujo significado é “murta”. Seu nome persa significa “estrela”. Pelos 12 meses seguintes, Ester viveu o que deve ter parecido um sonho. Ela recebia um rendimento financeiro e tinha servas para cuidar de cada necessidade que tivesse. Ela foi bem cuidada durante seis

meses com óleo de mirra e seis meses com perfumes e outros cosméticos. Mary Kay teria dado qualquer coisa pelos direitos de marketing desses produtos de beleza.

Quando seu ano de preparação terminou, Ester foi levada ao rei. Ele a escolheu dentre todas as mulheres, colocou a coroa real sobre sua cabeça e a fez rainha. O rei não sabia que Ester tinha sangue judeu correndo em suas veias. Ela foi criada por seu primo, Mardoqueu, um benjamita que temia ao Senhor. Ester 2:16-17 diz: “Ela foi levada ao rei Xerxes, à residência real, no décimo mês, o mês de tebete, no sétimo ano do seu reinado. O rei gostou mais de Ester do que de qualquer outra mulher; ela foi favorecida por ele e ganhou sua aprovação mais do que qualquer das outras virgens. Então ele lhe colocou uma coroa real e tornou-a rainha em lugar de Vasti”.

Enquanto Mardoqueu assentava-se junto ao portão do palácio, dois eunucos do rei, Bigtã e Teres, planejavam matar o rei. Mardoqueu ouviu o plano e contou-o a Ester, a qual informou tudo ao rei em nome de Mardoqueu. Ambos os conspiradores foram enforcados. Embora o episódio tenha sido escrito nos registros do rei, Mardoqueu não recebeu nenhum reconhecimento por sua intervenção.

Depois desses eventos, o Rei Assuero promoveu um homem muito perverso chamado Hamã e o exaltou sobre todos os outros em seu reino.

Ele era, basicamente, a pessoa mais importante abaixo do rei no comando. Todos os servos do rei eram obrigados a curvarem-se e prestarem homenagem a Hamã como forma de adoração. Mas Mardoqueu recusou.

Incidentalmente, Hamã era um agagita e pode ter sido um descendente dos amalequitas, inimigos dos judeus (veja Êxodo 17:8-16 e Deuteronômio 25:17-19). Ele era da província persa de Agague.

Hamã ficou tão indignado que concebeu um plano para matar todos os judeus para vingar-se de Mardoqueu. *Um Pur*, ou sorte, foi lançado para o dia da aniquilação do povo judeu. A sorte caiu no décimo terceiro dia de Adar no calendário judeu (fevereiro-março): “No primeiro mês do décimo segundo ano do reinado do rei Xerxes, no mês de Nisan, lançaram o Pur, isto é, a sorte, na presença de Hamã a fim de escolher um dia e um mês para executar o plano. E foi sorteado o décimo segundo mês, o mês de adar” (Ester 3:7).

Hamã ofereceu ao Rei Assuero dez mil talentos de prata para quem destruísse os judeus. O rei aceitou o plano de Hamã e emitiu um decreto em seu próprio nome o qual selou com seu anel com sinete. Cartas foram enviadas a todas as províncias ordenando a aniquilação de todos os judeus e o saque de seus bens.

Ester 3:10, 13 diz: “Então o rei tirou seu anel-selo do dedo, deu-o a Hamã, o inimigo dos judeus, filho de Hamedata, descendente de Agague, e lhe disse: As cartas foram enviadas por mensageiros a todas as províncias do império com a ordem de exterminar e aniquilar completamente todos os judeus, jovens e idosos, mulheres e crianças, num único dia, o décimo terceiro dia do décimo segundo mês, o mês de adar, e de saquear os seus bens”.

Quando Mardoqueu ouviu a notícia, ele rasgou suas vestes e vestiu pano de saco e cinzas, chorou

em alta voz e foi para o portão do rei. Para todo o lugar onde o decreto foi mandado, os judeus lamentaram grandemente, choraram e jejuaram. Ester ouviu que Mardoqueu estava lamentando e inquiriu a razão. Ela recebeu uma cópia do decreto do rei para destruir os judeus assim como instruções de Mardoqueu para comparecer perante o rei e interceder por seu povo.

Ester deve ter sentido medo. Ela mandou recado para Mardoqueu informando que aquele que entrasse no pátio interno do rei sem ser chamado estaria sujeito à morte, e o rei não havia convidado Ester já tinha mais de 30 dias. Mardoqueu respondeu dizendo que Ester não escaparia da morte assim como qualquer outro judeu e que talvez a mão invisível do Todo-Poderoso a tivesse colocado no reino para um momento como aquele.

Ester 4:11-14 diz: “Todos os oficiais do rei e o povo das províncias do império sabem que existe somente uma lei para qualquer homem ou mulher que se aproxime do rei no pátio interno sem por ele ser chamado: será morto, a não ser que o rei estenda o cetro de ouro para a pessoa e lhe poupe a vida. E eu não sou chamada à presença do rei há mais de trinta dias.

“Quando Mardoqueu recebeu a resposta de Ester, mandou dizer-lhe: ‘Não pense que pelo fato de estar no palácio do rei, você será a única entre os judeus que escapará, pois, se você ficar calada nesta hora, socorro e livramento surgirão de outra parte para os judeus, mas você e a família do seu pai morrerão. Quem sabe se não foi para um momento como este que você chegou à posição de rainha?’”.

Ester compreendeu o aviso e mandou recado a Mardoqueu para que reunisse todos os judeus em Susã para jejuarem com ela durante três dias e três noites. Após aquele tempo, Ester iria contra a lei e se apresentaria diante do rei. Ester 4:15-17 diz: “Então Ester mandou esta resposta a Mardoqueu: ‘Vá reunir todos os judeus que estão em Susã, e jejuem em meu favor. Não comam nem bebam durante três dias e três noites. Eu e minhas criadas jejuaremos como vocês. Depois disso irei ao rei, ainda que seja contra a lei. Se eu tiver que morrer, morreréi’. Mardoqueu retirou-se e cumpriu todas as instruções de Ester”.

No terceiro dia, Ester preparou-se e foi até o pátio interno do palácio do rei. Quando o rei viu sua linda rainha, ela achou graça diante de seus olhos. Ele estendeu seu cetro de ouro para ela, concedendo-lhe permissão para aproximar-se dele. Ester tocou a ponta do cetro para mostrar sua gratidão. Então, Ester convidou o rei e Hamã para um banquete que ela havia preparado.

Hamã tornou-se orgulhoso e arrogante, pois apenas ele havia sido convidado para esse banquete especial com Ester e o rei. Contudo, Mardoqueu estava estragando sua festa. A esposa de Hamã e seus amigos sugeriram que ele fizesse uma forca para matar Mardoqueu na manhã seguinte ao banquete. A forca deveria ter 22,5 m de altura para que todos pudessem ver.

A palavra hebraica para forca é “pedaço de madeira”. O pedaço de madeira que Hamã selecionara era em seu próprio pátio (veja Ester 7:9).

Hamã planejara enforcar Mardoqueu em um pedaço de madeira de 22,5 m de altura em seu

próprio pátio para que todos pudessem ver. Na noite anterior ao banquete, o rei não conseguiu dormir. O rei ordenou que o seu livro das crônicas fosse lido para ele. No momento em que o livro era lido, o servo leu a história de Mardoqueu revelando o plano para tirar a vida do rei. Quando o rei ouviu que não tinha recompensado Mardoqueu, ele decidiu honrá-lo.

Aproximadamente nesse hora, Hamã tinha entrado no pátio externo do palácio do rei para sugerir que o rei enforcasse Mardoqueu. O rei perguntou a Hamã o que ele poderia fazer para honrar um homem do qual se agradasse. Naturalmente, Hamã pensou que o rei estava falando sobre ele. Hamã sugeriu que o homem fosse vestido com um dos mantos do rei, montasse um cavalo com uma coroa real e desfilasse pela cidade.

O rosto de Hamã deve ter ficado desfigurado quando o rei deu-lhe instruções para proceder daquele modo com Mardoqueu (veja Ester 6:10). Seu orgulho inflado explodiu. Seu coração adoeceu. Sua frente e as palmas de suas mãos começaram a suar. Ele ficou estupefato, contudo saiu cambaleando do palácio para cumprir os desejos do rei.

De alguma forma, Hamã conseguiu controlar sua raiva enquanto conduzia Mardoqueu pela cidade sobre o cavalo do rei proclamando: “Isto é o que se faz ao homem que o rei tem o prazer de honrar!” (Et. 6:11).

Mais tarde naquele dia, a esposa de Hamã e seus amigos disseram-lhe: “Visto que Mardoqueu, diante de quem começou a sua queda, é de origem judaica, você não terá condições de enfrentá-lo. Sem dúvida, você ficará arruinado!” (Ester 6:13).

Naquela noite, o rei e Hamã foram ao banquete que Ester havia preparado para eles. O rei perguntou a Ester o que ela desejava e disse que lhe daria o que pedisse mesmo que fosse metade do seu reino. Ester revelou o plano contra seu povo, incluindo ela própria, e pediu ao rei para poupá-los do decreto de morte. O rei não sabia que o conspirador era Hamã. Quando Ester revelou a identidade dele, o rei ficou tão chateado que foi para seu jardim para refletir.

A ansiedade de Hamã fez com que ele violasse a etiqueta do palácio e viesse muito perto de onde Ester estava assentada. Quando o rei retornou, ele pensou que Hamã estivesse tentando violentar Ester. O rei ordenou que Hamã fosse enforcado no pedaço de madeira que havia preparado para Mardoqueu (veja Ester 7).

O rei deu a Ester a casa de Hamã. Quando ela disse ao rei que era judia e Mardoqueu era seu parente, o rei deu a ele seu anel de sinete. Ester então nomeou Mardoqueu administrador da casa de Hamã.

O rei deu a Mardoqueu a posição honrada de Hamã: “Mardoqueu saiu da presença do rei usando vestes reais em azul e branco, uma grande coroa de ouro e um manto púrpura de linho fino. E a cidadela de Susã exultava de alegria” (Et. 8:15).

Essa foi uma grande vitória, mas o decreto não poderia ser mudado.

Entretanto, o rei instruiu Mardoqueu e Ester a escreverem um novo decreto permitindo que os judeus se defendessem. Uma cópia do decreto foi enviada a todas as províncias para que os judeus estivessem preparados no dia do ataque. A lei de Hamã ficou em vigor por 70 dias, correspondendo aos 70 anos de cativeiro na Babilônia (veja Ester 8).

Quando os judeus ouviram a boa notícia, celebraram com uma grande festa e um feriado. E eles tiveram quase oito meses de preparo para o ataque. E quando o ataque aconteceu, no décimo terceiro dia, os judeus estavam prontos. Eles abateram seus inimigos e comemoraram esse feito, no dia seguinte, nas províncias. Em Susã, Ester recebeu permissão do rei para os judeus também lutarem no décimo quarto dia. Eles mataram os dez filhos de Hamã e os penduraram na forca. Então todos os judeus em Susã celebraram no décimo quinto dia (veja Ester 9:1-7).

Como resultado dessa grande vitória, Mardoqueu declarou Purim um feriado de festa e alegria, com troca de presentes e doações aos pobres. O povo aceitou as palavras de Mardoqueu e desde esse dia celebram Purim: “Mardoqueu registrou esses acontecimentos e enviou cartas a todos os judeus de todas as províncias do rei Xerxes, próximas e distantes, determinando que anualmente se comemorassem o décimo quarto e o décimo quinto dias do mês de adar, pois nesses dias os judeus livraram-se dos seus inimigos; nesse mês a sua tristeza tornou-se em alegria, e o seu pranto, num dia de festa. Escreveu-lhes dizendo que comemorassem aquelas datas como dias de festa e de alegria, de troca de presentes e de ofertas aos pobres. E assim os judeus adotaram como costume aquela comemoração, conforme o que Mardoqueu lhes tinha ordenado por escrito” (Ester 9:20-23).

Purim recebe esse nome do Pur (sorte) que foi lançado. Geralmente é celebrado no décimo quarto dia, porém cidades muradas como Jerusalém, celebram no décimo quinto dia. Nós notamos pelo texto de Ester que os judeus estabeleceram Purim como um dia de celebração não apenas para si mesmos, mas para todos que se unirem a eles. Isso significa que os cristãos são convidados a celebrar essa ocasião alegre com o povo judeu.

Sem essa vitória, os judeus teriam perecido e o Messias não teria nascido: “Por isso aqueles dias foram chamados Purim, da palavra Pur. Considerando tudo o que estava escrito nessa carta, o que tinham visto e o que tinha acontecido, os judeus decidiram estabelecer o costume de que eles e os seus descendentes e todos os que se tornassem judeus não deixariam de comemorar anualmente esses dois dias, na forma prescrita e na data certa. Esses dias seriam lembrados e comemorados em cada família de cada geração, em cada província e em cada cidade, e jamais deveriam deixar de ser comemorados pelos judeus. E os seus descendentes jamais deveriam esquecer-se de tais dias” (Ester 9:26-28).

## O PURIM E O NOVO TESTAMENTO

Embora o Purim não seja mencionado especificamente no Novo Testamento, é provável que seja a festa a qual João menciona quando Jesus curou o homem no tanque de Betesda. O texto diz: “Algum tempo depois, Jesus subiu a Jerusalém para uma festa dos judeus” (Jo. 5:1). Os versículos seguintes (2-15) falam de Jesus curando um homem que estava enfermo há 38 anos.

A razão pela qual entendemos que se está falando sobre Purim é porque essa festa é celebrada antes da Páscoa, a qual é mencionada no capítulo seguinte de João (veja João 6:4). Ambas são chamadas de festa dos judeus ou dos judeus do sul. O Purim é celebrado no calendário gentio em fevereiro-março, enquanto a Páscoa segue em março-abril. Embora o Purim não fosse uma das Festas bíblicas do Senhor, Jesus estava em Jerusalém a celebrando.

Se Jesus considerava esses festivais importantes a ponto de celebrá-los, e visto que não-judeus são convidados a unir-se a eles, parece que os cristãos deveriam ser capazes de aceitar o convite e encontrar maneiras de participar enquanto honram a Cristo.

Os cristãos certamente podem aprender muito com a história de Ester. Em primeiro lugar, vemos que o perverso Hamã prefigura satanás e o “homem do pecado” conhecido como o anticristo. Hamã procurou matar o povo antigo de Deus. Da mesma forma, Jesus fala de satanás como um ladrão que vem para roubar, matar e destruir (veja João 10:10).

O escritor do livro de Hebreus nos conta que satanás tem o poder da morte (veja Hebreus 2:14). Certamente, o plano de Hamã para matar os judeus foi inspirado por satanás, assim como ele inspirará e estimulará o falso Messias no final dos tempos.

Ester fala de “Hamã, o perverso”. Ele tinha grande poder e recebeu autoridade sobre todos os governantes na Pérsia. Eles deveriam curvar-se diante de Hamã como um ato de adoração. Semelhantemente, satanás dará seu poder para a besta que forçará todos a levarem sua marca como sinal de adoração (veja Daniel 7:8; Apocalipse 13).

O coração de Hamã estava cheio de orgulho. Ele vangloriava-se de sua glória e suas riquezas. Também o “homem do pecado” exaltará a si mesmo acima de tudo que se chama Deus (veja 2 Tessalonicenses 2:4).

Hamã era o inimigo dos judeus. A besta do Apocalipse também procurará destruir os judeus (veja Daniel 12; Mateus 24; Apocalipse 12).

Hamã usou seu poder político e astúcia para trair Mardoqueu e como pretexto para destruir os judeus. Da mesma maneira, o falso Messias usará seu poder político e astúcia para trair os judeus em uma vã tentativa de destruí-los.

Mas como Hamã, o falso Messias também está condenado. Um dia, ele era o “exaltado”. No dia seguinte, ele estava pendurado em sua própria força. O perverso que está em Daniel e no Apocalipse também será exaltado, mas apenas por um pouco de tempo. Ele também será destruído pela vinda do verdadeiro Messias (veja 2 Tessalonicenses 2:8; Apocalipse 19-20). Aquele que é mais perverso que Hamã não prevalecerá contra Jesus Cristo, mas certamente cairá diante dele.

Como Mardoqueu, Jesus será exaltado e honrado. Ele vestirá as roupas do rei, a coroa da realeza estará na sua cabeça e Ele montará o cavalo branco do rei, o símbolo oriental da vitória. Todos aqueles que odiaram a Deus e Seu povo proclamarão em cada praça da cidade que Jesus é o Filho e o Messias de Deus ao qual Deus se alegra. Todo joelho se dobrará e toda língua confessará que Jesus é

Senhor para a glória de Deus o Pai (veja Filipenses 2:9-11).

A Bíblia diz que todos nós estamos sob uma sentença de morte devido ao pecado (veja Romanos 6:23). Como ocorreu com os judeus da Pérsia, satanás e o pecado procuram nos destruir. Por causa da natureza moral de Deus, Seu decreto de julgamento sobre o pecado não pode ser revogado.

Mas Deus não nos deixou indefesos. Ele escreveu um novo decreto.

Esse decreto tem sido levado a todas as províncias do mundo pelos embaixadores da Nova Aliança de Deus. O decreto diz: “Porque Deus tanto amou o mundo que deu o seu Filho Unigênito, para que todo o que nele crer não pereça, mas tenha a vida eterna. Pois Deus enviou o seu Filho ao mundo, não para condenar o mundo, mas para que este fosse salvo por meio Dele” (Jo. 3:16-17).

Como Ester intercedeu por seu povo, Jesus intercede por nós. Ele poderia ter mantido sua identidade em segredo, mas revelou-Se como o Messias judeu e Salvador do mundo. Ele não apenas cumpriu o papel de Ester, mas também levou a maldição de Hamã enquanto Ele estava pendurado em um pedaço de madeira que deveria ser para nós. Aquela madeira da cruz foi erguida bem alto para que o mundo inteiro visse.

Jesus intercedeu por nós na cruz ao levar a maldição do pecado por nós. Mas, enquanto Ester apresentou-se no terceiro dia para um rei imoral e instável, Jesus ressuscitou da sepultura no final de três dias e três noites e apresentou-Se para um Deus santo como expiação pelo pecado. O escritor de Hebreus diz: “Portanto, ele é capaz de salvar definitivamente aqueles que, por meio dele, aproximam-se de Deus, pois vive sempre para interceder por eles” (Hb. 7:25).

## APLICAÇÃO PESSOAL

Como nós, cristãos, podemos aplicar a Festa de Purim às nossas vidas? Purim é apenas um velho “feriado judaico” ou há uma verdade ou lição para nós que somos não-judeus cristãos e discípulos de Jesus?

Podemos aplicar a Festa do Purim às nossas vidas em três maneiras.

### 1. JEJUE E ORE

Os cristãos deveriam ser como Mardoqueu e Ester. Nós deveríamos lamentar, jejuar e orar quando os perversos são exaltados. Deveríamos orar e trabalhar para lutar contra os poderes espirituais que visam exaltar os ímpios e destruir os justos.

A passagem frequentemente citada é: “Se o meu povo, que se chama pelo meu nome, se humilhar e orar, buscar a minha face e se afastar dos seus maus caminhos, dos céus o ouvirei, perdoarei o seu pecado e curarei a sua terra” (2 Cr. 7:14).

Isaías escreveu um importante capítulo sobre jejum. Deus falou essas palavras por meio do profeta: “O jejum que desejo não é este: soltar as correntes da injustiça, desatar as cordas do jugo, pôr em

liberdade os oprimidos e romper todo jugo?” (Is. 58:6).

## 2. INTERCEDA PELO POVO JUDEU

Assim como Ester, Mardoqueu e Jesus que intercederam pelos seus irmãos, logo os cristãos deveriam interceder pelo povo judeu. O salmista escreveu: “Orem pela paz de Jerusalém: Vivam em segurança aqueles que te amam!” (Sl. 122:6).

Isaías declarou para o Senhor: “Coloquei sentinelas em seus muros, ó Jerusalém; jamais descansarão, dia e noite. Vocês que clamam pelo Senhor, não se entreguem ao repouso, e não lhe concedam descanso até que ele estabeleça Jerusalém e faça dela o louvor da terra” (Is. 62:6-7).

## 3. INVOLVA-SE

Nossa intercessão por Israel deveria ser mais que apenas orar. A Bíblia diz que Deus usará os gentios para ajudar os judeus a retornarem à sua terra no final dos tempos.

Isaías escreveu: “Assim diz o Soberano, o Senhor: Veja, eu acenarei para os gentios, erguerei minha bandeira para os povos; eles trarão nos braços os seus filhos e carregarão nos ombros as suas filhas... Pois as ilhas esperam em mim; à frente vêm os navios de Tárzis, trazendo de longe os seus filhos, com prata e ouro, em honra ao Senhor, o seu Deus, o Santo de Israel, porque ele se revestiu de esplendor” (Is. 49:22; 60:9).

Como Ester, talvez tenhamos vindo para o Reino de Deus para um momento como esse. Deus nos encarregou a ajudar nossos irmãos mais velhos, os judeus, a retornarem para sua terra. Se nós não ajudarmos, Deus trará libertação para eles usando outra fonte. Mas não devemos nos enganar achando que, por termos nos tornado parte da comunidade de Israel, poderemos ficar à margem e observar sem sermos notados pelos modernos Hamás de nosso mundo.

## REVISÃO DE ESTUDO PESSOAL

1. Explique o contexto histórico de Purim.
2. Explique como Jesus relaciona-se com a história de Purim.
3. Como você pode aplicar o que aprendeu nessa lição à sua vida?

Notas de Purim

Nota 1 - Veja <http://formerthings.com/shushanpalace.htm>; <http://mcadams.posc.mu.edu/txt/ah/Persia/Susa.html> [\[Voltar\]](#)

# CHANUKÁ

Aprendemos no capítulo anterior que a Festa do Purim não era uma das festas originais do Senhor. Essa comemoração era um feriado menor para festejar a libertação dos judeus que saíram da Pérsia no quinto século a.C., com a ajuda de Ester e seu primo Mardoqueu.

Sendo assim, Chanuká\* (\* Pronuncia-se o “ch” em Chanuká com som de “r” gutural. ( *N.T.*)) é historicamente um festival menor para comemorar a grande vitória dos judeus sobre Antíoco Epifânio, no segundo século a.C. A palavra Chanuká significa “dedicação” e se refere ao tempo em que os judeus rededicaram seu templo após derrotarem Antíoco. Entretanto, o contexto dessa história começou várias centenas de anos antes com Alexandre o Grande.

## CONTEXTO HISTÓRICO

Nunca houve um governante como ele. Ele conquistou mais do mundo conhecido, em menos tempo, com mais impacto duradouro do que qualquer governante antes ou depois dele. O pai de Alexandre, Filipe, tornou-se rei da Grécia pela força. Os cristãos sabem sobre ele por causa da carta escrita pelo apóstolo Paulo a um grupo de cristãos em uma cidade que levava o nome dele. A cidade chamava-se Filipos.

Quando Filipe morreu, Alexandre o sucedeu e iniciou uma carreira de conquistas breve, mas espetacular, que durou não mais que uma década (336-323 a.C.). Alexandre fez o impossível. Ele conquistou o poderoso Império Persa. Em 333 a.C., Alexandre encontrou e derrotou o rei persa Dario III em uma batalha decisiva em Issus. Ele então entrou na Síria e conquistou todo o Oriente Médio, incluindo Israel e Egito, onde ele construiu a cidade de Alexandria.

Após dominar o Egito, Alexandre retornou ao Oriente e ocupou as grandes capitais persas da Babilônia e Susã. Ele forçou seus homens irem até o Rio Indus na Índia, onde suas tropas ficaram com saudades de casa e o forçaram a voltar para o Ocidente. Em 323 a.C., enquanto traçava planos para futuras batalhas, Alexandre morreu repentinamente com uma febre, na Babilônia, com trinta e três anos.

A vitória mais importante de Alexandre não era de natureza militar.

Sua maior conquista era disseminar a cultura, a língua e a visão de mundo gregas. Esse processo é chamado de “Helenismo”, baseado no nome ancestral da raça Helênica de pessoas que vieram a ser conhecidas como os gregos.

Alexandre foi educado por Aristóteles, o qual plantou o sonho na mente do jovem Alexandre de uma civilização única unida pela cultura, língua e modo de viver gregos. Esse ideal motivava Alexandre a conquistar o mundo para a Grécia. Ele procurava compartilhar sua cultura e língua

gloriosas com o resto da humanidade, independente da vontade deles.

Alexandre fez isso ao estabelecer o grego como a língua comum por todo o mundo conhecido e ao construir cidades-estados gregas onde ele incorporou a cultura, a literatura e a filosofia gregas, a religião grega com seus muitos deuses, costumes e modo de vida gregos. Mais cedo ou mais tarde, tudo isso entraria em conflito com os judeus tementes ao Deus em Israel.

Alexandre morreu sem tomar as providências necessárias para um sucessor. Após sua morte, os generais de Alexandre lutaram pelo controle do império. Mais tarde, o império foi dividido em quatro partes, cada uma governada por um de seus generais. Um general recebeu a área da Macedônia e da Grécia, outro recebeu a Trácia e a Ásia Menor, o terceiro recebeu a Síria e Babilônia e o quarto recebeu o Egito. [\[Nota 1\]](#)

O general que governava o Egito se chamava Ptolomeu. Ele estabeleceu uma dinastia poderosa que prosperou sob o seu governo e de seus sucessores. A última e mais famosa governante Ptolêmica foi Cleópatra, governante independente que tinha o apoio de Júlio César e Marco Antônio até sua morte em 30 a.C. Nessa época, a dinastia Ptolêmica chegou ao fim.

O general que governou a Síria chamava-se Selêuco. Ele também estabeleceu um império poderoso com Antioquia, sendo a cidade mais importante em seu reino. Antioquia estava destinada a tornar-se o primeiro grande centro gentio do cristianismo (veja Atos 11:19-26) e o quartel-general de onde Paulo saía rumo às suas viagens missionárias.

Como era de costume em tempos antigos, os reis selêucidas eram adorados como deuses. Eles também espalhavam o sonho Helenístico de Alexandre. O Império Selêucida diminuiu gradualmente e foi anexado por Roma em 64 a.C.

Os Selêucidas e Ptolêmicos lutavam constantemente entre si em uma tentativa de expandir seus respectivos impérios. Por mais de cem anos, a pequena terra de Israel viu-se presa em uma luta pelo poder entre ambos.

Algumas de suas batalhas estão mencionadas no livro de Daniel (veja Daniel 11), onde os selêucidas são chamados de “rei do norte” e os ptolomeus o “rei do sul”. Por vezes, os ptolomeus eram vitoriosos e governavam sobre Israel, enquanto outras vezes, os selêucidas eram os vitoriosos.

Quando Antíoco IV Epifânio (175-164 a.C.) chegou ao trono selêucida, seu império estava mais forte que o império dos ptolomeus. Ele foi o mais opressor e cruel dos reis selêucidas e estava determinado a espalhar o Helenismo por todo o seu império.

Antíoco fez uma tentativa sistemática de substituir a fé e a cultura judaicas pela cultura grega. Ele estava determinado a destruir o povo judeu através da assimilação. Antíoco proibiu os judeus de praticar sua religião.

Eles não podiam praticar a circuncisão, guardar o sábado, celebrar as festas, seguir sua dieta, estudar a Torá ou, de que jeito for, adorar ao Deus de Abraão, de Isaque e de Jacó.

Antíoco eliminou o ritual do templo e ordenou a queima da Torá. Ele ergueu uma estátua a Zeus no templo e construiu um altar novo dedicado a Zeus no qual ofereceu um porco como sacrifício. Isso foi profetizado por Daniel e está registrado em Daniel 11:31. Antíoco pensou que ele mesmo fosse a manifestação de Zeus, motivo pelo qual chamava a si mesmo de Epifânio, cujo significado é “Deus manifesto”. Antíoco então derramou o sangue do porco sobre a Torá.

Ele ergueu santuários e altares por toda a terra e o povo era forçado a oferecer sacrifícios como símbolos de sua aceitação da nova religião. Aqueles que desobedeciam eram torturados e/ou mortos. Seus corpos eram mutilados e, enquanto ainda estavam vivos e respirando, eram crucificados. As esposas e os filhos que eles haviam circuncidado eram estrangulados. Eles eram então crucificados com os cadáveres de seus filhos dependurados no pescoço de seus pais. [\[Nota 2\]](#)

Aprendemos sobre esses eventos nos 1º e 2º livros de Macabeus, os quais foram escritos durante esse período de tempo. Embora esses livros não sejam uma parte da Bíblia, eles nos ajudam muito a compreender esses eventos importantes.

Primeiro Macabeus diz: “O rei Antíoco mandou por escrito, a todo o seu reino, que todos formassem um só povo e cada um renunciasse à sua própria lei. Muitos de Israel consentiram na religião dele e começaram a sacrificar aos ídolos e a profanar o sábado. Além disso, o rei mandou decretos por meio de mensageiros, a Jerusalém e às cidades de Judá, para que adotassem as leis das nações da terra: ficavam proibidos os holocaustos e sacrifícios e expiações no templo de Deus, e deviam profanar os sábados e as festas, e macular o Santuário e as pessoas consagradas. Por outro lado, deviam levantar altares e templos e ídolos, e imolar porcos e outros animais impuros. Deviam também deixar seus filhos incircuncisos e profaná-los com todo tipo de impureza e contaminação, de modo que viessem a se esquecer da Lei e a mudar todas as observâncias. E todo aquele que não agisse de acordo com a palavra do rei, seria morto” (veja 1 Macabeus 1:41-50, Bíblia da CNBB).

Mais a frente nós lemos: “No dia quinze do mês de Casleu [quislev], do ano cento e quarenta e cinco [167 a.C.], Antíoco levantou sobre o altar dos holocaustos a abominação da desolação. Também pelas cidades de Judá ao redor ergueram-se altares, e queimavam incenso diante das portas das casas e nas ruas. Os livros da Lei que fossem descobertos, eles os rasgavam e lançavam ao fogo. Onde quer que fosse encontrado um livro da Aliança, numa casa, ou se alguém estivesse seguindo a Lei, o decreto do rei condenava-o à morte. Como tivessem o poder, infligiam isto a Israel, a todos os que fossem descobertos, mês por mês, nas várias cidades. No dia vinte e cinco de cada mês ofereciam sacrifícios no altar que fora erguido sobre o altar dos holocaustos. As mulheres que haviam circuncidado seus filhos eram punidas de morte, segundo o decreto, sendo seus filhinhos estrangulados, as casas destruídas, e mortos também os que haviam praticado a circuncisão” (veja 1 Macabeus 1:54-61, Bíblia da CNBB).

De forma lamentável, muitos dos líderes em Israel, principalmente da classe alta, adotaram o Helenismo. No entanto, logo teve início uma revolta liderada por um velho sacerdote chamado Matatias, da família de Hasmon.

Primeiro Macabeus conta a seguinte história: “Os funcionários do rei, que vinham da parte dele

para obrigar à apostasia, chegaram a Modin para os sacrifícios, e muitos de Israel aderiram a eles. Matatias e seus filhos também compareceram. Os que vieram da parte do rei disseram a Matatias: ‘Tu és um chefe ilustre e grande nesta cidade, apoiado por filhos e parentes. Toma, pois, a dianteira e cumpre a ordem do rei, como fizeram todas as nações e os cidadãos de Judá e os que permaneceram em Jerusalém. Assim sereis contados, tu e teus filhos, entre os amigos do rei, e sereis recompensados, tu e teus filhos, com ouro e prata e numerosos presentes.’ Matatias replicou, em voz alta: ‘Mesmo que todas as nações que moram nos domínios do rei obedeçam à sua ordem, afastando-se cada uma da tradição de seus antepassados para se conformarem às determinações do rei, eu, meus filhos e parentes continuaremos fiéis à aliança dos nossos pais. Que o Senhor nos seja propício, para que não abandonemos a Lei e nossas tradições. Não obedeceremos às ordens do rei, desviando-nos da nossa religião nem para a direita nem para a esquerda’. Mal acabara ele de dizer essas palavras, um judeu adiantou-se, à vista de todos, para sacrificar sobre o altar de Modin, segundo a ordem do rei.

Vendo isso, Matatias inflamou-se de zelo e tremeu de raiva: num impulso de ira santa, avançou sobre o apóstata e trucidou-o sobre o altar. Matou também o funcionário do rei, que obrigava a sacrificar, e destruiu o altar.

Imediatamente Matatias saiu gritando pela cidade: ‘Todo aquele que tem o zelo da Lei e quer permanecer na Aliança, saia daqui e me siga!’

Fugiu, então, ele e seus filhos, para as montanhas, deixando na cidade tudo o que possuíam” (leia 1 Macabeus 2:15-25, 27-28, Bíblia da CNBB).

A família que liderou a revolta recebeu o nome de “Macabeus”. Não está claro como esse nome originou-se. Alguns acreditam ser um acróstico criado pela combinação da primeira letra das palavras em hebraico que significam: “quem entre os poderosos és como Tu?”. Uma segunda visão é que a palavra “macabeus” é derivada da palavra hebraica para “martelo”, o qual é um exemplo de grande força. Judá, o líder, foi, portanto, chamado de Macabeu por causa de sua grande força. [\[Nota 3\]](#)

Matatias morreu logo após o começo da revolta, mas seus cinco filhos, dos quais Judá Macabeu era o líder, continuaram com a luta de guerrilha. A eles juntaram-se muitos, incluindo alguns dos “ortodoxos” que eram leais à religião e ao modo de vida tradicionais.

O exército de Antíoco era muito maior e mais poderoso que o remanescente justo de Israel. Encarando a situação no plano natural, não havia como Judá e seus lutadores derrotarem Antíoco. Entretanto, Deus estava com Seu povo. Judá mostrou habilidade extraordinária como líder, estrategista militar e diplomata. Com a ajuda do Todo-Poderoso, ele foi bem-sucedido em derrotar Antíoco e ganhou a luta por liberdade religiosa.

Em 164 a.C., exatamente três anos após o altar a Zeus ter sido levantado, o templo foi purificado e a oferta queimada diária e outras cerimônias religiosas retomadas. Essa dedicação do templo ainda é comemorada a cada mês de dezembro nomeada Chanuká, a Festa das Luzes. [\[Nota 4\]](#)

Mais uma vez, voltamos ao 1º Macabeus: “Antes do amanhecer, no dia vinte e cinco do nono mês,

isto é, o mês de Casleu [Quislev], do ano cento e quarenta e oito [164 a.C.], eles se levantaram para oferecerem o sacrifício, de acordo com a Lei, sobre o novo altar dos holocaustos que tinham construído. Exatamente na mesma época e no mesmo dia em que os gentios o haviam profanado, o altar foi consagrado em meio a cânticos, cítaras, liras e címbalos. Todo o povo prostrou-se por terra, em adoração, e fez subir para o céu os seus louvores, para Aquele que lhes tinha concedido o sucesso.

Durante oito dias celebraram a dedicação do altar, oferecendo holocaustos com alegria e sacrifícios de comunhão e de ação de graças. Então, Judas e seus irmãos, e toda a assembleia de Israel, determinaram que os dias da dedicação do altar seriam anualmente celebrados, no seu devido tempo, pelo espaço de oito dias, a partir do dia vinte e cinco do mês de Casleu [Quislev], com júbilo e alegria” (veja 1 Macabeus 4:52-56,59, Bíblia da CNBB).

Escritos judaicos tradicionais contam que os greco-sírios profanaram todo o óleo purificado para uso do templo. Quando o templo foi rededicado, somente um pequeno recipiente sem mácula foi encontrado com o selo ainda nele. No lugar continha apenas óleo suficiente para queimar a menorah por um dia. Mas depois que esta foi acesa, ela miraculosamente queimou durante oito dias. Uma razão mais provável para que fosse celebrada por oito dias é porque Chanuká foi originalmente chamada de “Succot do mês de Kislev [Casleu]” (como mencionado em 2 Macabeus 1:9 e 10:6-8). Succot é celebrado durante oito dias. No entanto, visto que os Macabeus estavam escondidos no Succot e não podiam celebrá-lo apropriadamente, eles celebraram o feriado mais tarde, quando foram vitoriosos.

O Chanuká e o novo testamento Embora Chanuká não fosse uma festa bíblica obrigatória, ela era celebrada como um feriado menor, no qual acabamos de ler no livro de Macabeus. Essa era a chamada Festa da Dedicação e, mais tarde Festa das Luzes. Jesus deve ter participado da celebração, como vimos no Evangelho de João: “Celebrava-se a festa da Dedicação, em Jerusalém. Era inverno, e Jesus estava no templo, caminhando pelo Pórtico de Salomão” (Jo. 10:22-23).

Jesus estava no templo durante essa festa que celebrava a vitória dos judeus sobre os inimigos de Deus, assim como a rededicação e iluminação do templo. Também foi nessa ocasião que alguns líderes religiosos judeus em Jerusalém pediram a Jesus para dizer-lhes se Ele era o Messias. Visto que isso acontecera durante a celebração de Chanuká, talvez eles tivessem em mente a vitória de seus ancestrais sobre Antíoco e estavam esperando que o Messias os conduzisse para uma batalha contra os romanos e restaurasse sua liberdade religiosa e política. Jesus respondeu sua pergunta dizendo: “...Eu já lhes disse, mas vocês não creem. As obras que eu realizo em nome de meu Pai falam por mim” (Jo. 10:25).

Em Sua primeira vinda, Jesus não veio para derrotar os romanos, mas para acabar com os inimigos de nossa alma e destruir o pecado, satanás e a morte. Ele veio estabelecer um reino espiritual nos corações da humanidade. Portanto, era uma vitória maior do que aquela que os Macabeus poderiam alcançar.

Jesus demonstrou essa vitória espiritual com Seus milagres e Sua ressurreição. Essas foram as obras que testemunhavam dele como o Messias tão aguardado. Jesus derrotará os inimigos de Deus na

esfera política em Sua segunda vinda, quando estabelecer o reino de Deus e o reino de Davi na Terra.

Pelo fato de Jesus poder nos libertar de um inimigo mais poderoso que Antíoco, Ele certamente é maior que Judá, o Macabeu. O Novo Testamento dá o seguinte testemunho de Jesus: "...como Deus ungiu a Jesus de Nazaré com o Espírito Santo e poder, e como ele andou por toda parte fazendo o bem e curando todos os oprimidos pelo Diabo, porque Deus estava com ele" (At. 10:38).

Pedro acrescenta em sua carta que "[Jesus] que subiu aos céus e está à direita de Deus; a ele estão sujeitos anjos, autoridades e poderes" (1 Pe. 3:22).

Paulo escreve: "Por isso Deus o exaltou à mais alta posição e lhe deu o nome que está acima de todo nome, para que ao nome de Jesus se dobre todo joelho, nos céus, na terra e debaixo da terra, e toda língua confesse que Jesus Cristo é o Senhor, para a glória de Deus Pai" (Fp. 2:9-11).

Jesus não é somente nosso Libertador; Ele também é nossa verdadeira Luz de Deus. João disse que Jesus era a verdadeira Luz que concedia luz a todo homem que vem ao mundo: "Surgiu um homem enviado por Deus, chamado João. Ele veio como testemunha, para testificar acerca da luz, a fim de que por meio dele todos os homens cressem. Ele próprio não era a luz, mas veio como testemunha da luz. Estava chegando ao mundo a verdadeira luz, que ilumina todos os homens" (Jo. 1:6-9).

O próprio Jesus afirmou ser essa Luz. Ele disse: "Enquanto estou no mundo, sou a luz do mundo" (Jo. 9:5).

Além disso, Jesus fez a seguinte afirmação surpreendente que desconcertou totalmente os seus ouvintes. Ele disse: "Destruam este templo, e eu o levantarei em três dias" (Jo. 2:19).

Jesus não estava falando sobre o templo literal, cuja construção levava quarenta e seis anos. Ele estava falando sobre Seu corpo. Por meio de sua ressurreição e ascensão, Ele construiria um templo espiritual feito de pessoas cujas vidas seriam dedicadas a Deus. Nós somos esse templo espiritual e recebemos Sua vida e poder para triunfar sobre o mundo Helenístico no qual vivemos.

É possível que Jesus, a verdadeira Luz de Deus, tenha sido concebido durante Chanuká, a Festa das Luzes. De acordo com Lucas 1:5, Zacarias era um sacerdote da divisão de Abias. Lucas 1:8-11 diz que Gabriel apareceu a Zacarias quando ele estava servindo como sacerdote no templo.

Conforme os escritos rabínicos, a divisão de Abias servia como sacerdotes durante a segunda metade do quarto mês no calendário religioso judaico. Era então o final de junho quando Isabel concebeu João Batista.

De acordo com Lucas 1:24-26, Maria concebeu Jesus no sexto mês da gestação de Isabel. Isso significa que Ele foi concebido durante a última parte do mês judaico de Quislev ou final de dezembro no calendário gentio. Jesus nasceu nove meses depois, mais provavelmente, durante a Festa dos Tabernáculos.

Quarenta dias depois do nascimento de Jesus, Ele foi dedicado a Seu Pai Celestial no templo. Foi

lá que Simeão disse que Jesus era a luz que traria revelação aos gentios e a glória de Israel (veja Lucas 2:32). A verdadeira luz de Deus tinha vindo ao mundo para revelar Seu Pai a nós.

## APLICAÇÃO PESSOAL

Nós cristãos podemos aplicar a Festa de Chanuká às nossas vidas?

Há verdades ou lições as quais possamos aprender? Sem dúvidas! Jesus disse a Seus seguidores: “Vocês são a luz do mundo. Não se pode esconder uma cidade construída sobre um monte. E, também, ninguém acende uma candeia e a coloca debaixo de uma vasilha. Ao contrário, coloca-a no lugar apropriado, e assim ilumina a todos os que estão na casa. Assim brilhe a luz de vocês diante dos homens, para que vejam as suas boas obras e glorifiquem ao Pai de vocês, que está nos céus” (Mt. 5:14-16). [\[Nota 5\]](#)

Nós podemos ser as luzes de Deus e aplicar a Festa de Chanuká às nossas vidas de três maneiras:

- 1) separando-nos do sistema de mundo ateu no qual vivemos (no mundo, mas não do mundo);
- 2) dedicando-nos (o templo espiritual de Deus) ao Senhor; e
- 3) confiar em Deus para nos ajudar a vencer os inimigos de nossa alma, os quais são mais poderosos do que nós no plano natural.

### 1. SEPARANDO-NOS DO MUNDO

João escreve estas palavras aos seguidores de Jesus: “Não amem o mundo nem o que nele há. Se alguém ama o mundo, o amor do Pai não está nele. Pois tudo o que há no mundo — a cobiça da carne, a cobiça dos olhos e a ostentação dos bens — não provém do Pai, mas do mundo.

O mundo e a sua cobiça passam, mas aquele que faz a vontade de Deus permanece para sempre” (1 Jo. 2:15-17). [\[Nota 6\]](#)

### 2. DEDICANDO-NOS A DEUS

Paulo escreve: “Portanto, irmãos, rogo-lhes pelas misericórdias de Deus que se ofereçam em sacrifício vivo, santo e agradável a Deus; este é o culto racional de vocês. Não se amoldem ao padrão deste mundo, mas transformem-se pela renovação da sua mente, para que sejam capazes de experimentar e comprovar a boa, agradável e perfeita vontade de Deus” (Rm. 12:1-2).

“Acaso não sabem que o corpo de vocês é santuário do Espírito Santo que habita em vocês, que lhes foi dado por Deus, e que vocês não são de si mesmos? Vocês foram comprados por alto preço. Portanto, glorifiquem a Deus com o seu próprio corpo” (1 Co. 6:19-20).

### 3. CONFIAR EM DEUS PARA NOS AJUDAR

## A VENCER NOSSOS INIMIGOS ESPIRITUAIS

João escreveu: “Filhinhos, vocês são de Deus e os venceram, porque aquele que está em vocês é maior do que aquele que está no mundo” (1 Jo. 4:4).

### REVISÃO DE ESTUDO PESSOAL

1. Explique o contexto histórico de Chanuká.
2. Explique como Jesus cumpriu Chanuká.
3. Como você pode aplicar o que aprendeu nessa lição à sua vida?

Notas de Chanuká

Nota 1 - Veja [http://en.wikipedia.org/wiki/Alexander\\_the\\_Great](http://en.wikipedia.org/wiki/Alexander_the_Great) [Voltar]

Nota 2 - Veja <http://www.jewishencyclopedi.com/view.jsp?artid=1589&letter=A> [Voltar]

Nota 3 - Veja <http://en.wikipedia.org/wiki/Maccabees> [Voltar]

Nota 4 - Veja <http://en.wikipedia.org/wiki/Hanukkah> [Voltar]

Nota 5 - Ibid. [Voltar]

Nota 6 - Veja <http://home.alphalink.com.au/~sanhub/jcbirth.htm> [Voltar]

# OS CRISTÃOS CELEBRANDO A JESUS NAS FESTAS JUDAICAS

Pessoas de todo o mundo estão em busca de suas raízes. Da mesma maneira, os cristãos estão em busca de suas raízes espirituais. É cada vez maior o número de cristãos ao redor do mundo que estão descobrindo a conexão vital entre o cristianismo e o judaísmo, cortada séculos atrás. Uma vez cortada a conexão, o judaísmo e o cristianismo bíblicos, os quais Deus planejou para serem um, seguiram caminhos separados.

Agora estamos vivendo em um novo período profético quando o Senhor está chamando os cristãos e os judeus de volta às suas raízes bíblicas. A raiz bíblica do cristianismo é judaica. Essa raiz cresceu de uma aliança eterna que Deus fez com Abraão. Os cristãos tornam-se parte dessa raiz por meio da fé em Jesus como o Messias judeu, Salvador e Senhor.

Muitos cristãos que estão descobrindo suas raízes querem celebrar as Festas bíblicas do Senhor, visto que elas remetem a Jesus. Você pode considerá-las como “Festas de Jesus”. Há muito tempo atrás, na década de 70, quando o Senhor tocou tantas vidas, queríamos sempre mais de Jesus. Estávamos tão animados com nosso relacionamento de amor com Ele que desejávamos celebrá-Lo todo o tempo. Logo, nós tínhamos concertos /festivais onde pessoas de diversas tradições cristãs reuniam-se para cantar, orar e compartilhar nossos testemunhos pessoais. Foi maravilhosamente reanimador.

De um ponto de vista cristão, as Festas do Senhor são Festas de Jesus. Eu as tenho celebrado há vários anos. Isso tem enriquecido muito tanto a minha vida quanto as de outros os quais tive a benção de ensinar.

Ao longo dos anos, pessoas têm me perguntado acerca de como celebrar as festas. Por essa razão, incluí este capítulo com algumas sugestões e diretrizes básicas. Essas são apenas algumas ideias iniciais para você começar. Se você quiser mais assistência, entre em contato com nosso escritório que ficaremos honrados em servi-lo.

## CELEBRANDO A FESTA DA PÁScoa (PESSACH)

Aprendemos que o que os cristãos tradicionalmente chamavam de “A Última Ceia” era, na verdade, Jesus celebrando a Páscoa com Seus discípulos. Também era chamada de “Refeição da Aliança” simbolizando Jesus dando Sua vida por e para os Seus discípulos. A ordenança da Igreja para “Comunhão” tem suas raízes nessa refeição. [\[Nota 1\]](#)

A igreja em Corinto consistia principalmente de cristãos não-judeus. Contudo, Paulo escreveu-lhes: “Livrem-se do fermento velho, para que sejam massa nova e sem fermento, como realmente são. Pois Cristo [Messias], nosso Cordeiro pascal, foi sacrificado. Por isso, celebremos a festa, não com o

fermento velho, nem com o fermento da maldade e da perversidade, mas com os pães sem fermento, os pães da sinceridade e da verdade” (1 Co. 5:7-8).

Paulo considerava a Páscoa a Festa do Senhor para todo o povo de Deus, não apenas os judeus. Então, como os cristãos podem celebrar Jesus na Páscoa? A maneira óbvia é ter uma ceia Pascal como uma representação que remete a Jesus, nosso Cordeiro Pascal. A ceia de Páscoa é o recurso visual que nos ajuda a “ver” a história da Páscoa no Êxodo e nos Evangelhos.

Lemos na história do Êxodo que o Senhor ordenou ao Seu povo que guardasse a Festa da Páscoa como um memorial eterno (veja Êxodo 12:14). Durante séculos, pais contaram a história para seus filhos oralmente. Porém, mais tarde, quando os judeus foram dispersos entre as nações, eles viram a necessidade de escrever a história. Com o tempo, eles acrescentaram alguns rituais ao memorial e desenvolveram uma ordem de culto uniforme chamado *Sêder*, que significa “ordem”.

O *Sêder* de Páscoa foi escrito de modo que todos os presentes pudessem acompanhar. Eu escrevi um *Sêder* de fácil entendimento para o cristão chamado “Páscoa *Sêder*: Uma Lembrança Cristã da Páscoa”. Isso servia como ferramenta de ensino mostrando como Jesus cumpriu as Festas da Páscoa, dos Pães Ázimos e das Primícias. Esse é um *Sêder* ímpar unicamente ilustrado com símbolos coloridos e uma explicação dos elementos comuns na placa memorial. É possível encomendá-lo no site do meu ministério. Usar um material como esse servirá tanto para orientar quanto para melhorar sua própria celebração da Páscoa – quer você esteja celebrando em família ou na congregação. [\[Nota 2\]](#)

## CELEBRANDO A FESTA DE PENTECOSTES

Aprendemos que Deus ordenou ao povo que trouxesse um feixe das primícias e o movesse diante dele durante 50 dias. Isso acontecia desde a Festa das Primícias até a Festa de Pentecostes. Visto que a palavra hebraica para feixe é *ômer*, o período de tempo entre essas duas festas é chamado de tempo da Contagem do *Ômer*. Como mencionado anteriormente, a contagem sempre começava no primeiro dia e continuava até o quinquagésimo dia, como segue: Hoje é o primeiro dia do *ômer*; hoje é o segundo; hoje é o terceiro dia *etc.*

Pelo fato de sermos todos facilmente distraídos, contar o *ômer* ajudava o povo a manter seu foco no Senhor e nos Seus dias festivos especiais. Era um lembrete do que o Senhor tinha feito pelo povo na Páscoa e remetia ao que Ele fez por eles no Pentecostes. Ele os redimiu na Páscoa e deu-lhes a Torá em Pentecostes. Devido ao fato do período entre essas duas festas ter ocorrido durante a época da história de Rute, Noemi e Boaz, o povo judeu tradicionalmente lê o livro de Rute quando celebra a Festa de Pentecostes.

Os cristãos também podem adotar os dias da Contagem do *Ômer*, pois nós também somos facilmente distraídos pelas coisas e cuidados do mundo e, também, necessitamos de imagens espirituais para nos mantermos conectados ao que o Senhor tem para nós. Em vez de assistir televisão, podemos fazer algo muito melhor, como contar o *ômer*. Mas, ao invés de literalmente contar o *ômer*, podemos ler passagens selecionadas para cada um dos cinquenta dias entre a Festa das

Primícias e a Festa de Pentecostes. Isso nos manterá focados e conectados ao que Jesus tem feito por nós em cumprimento dessas festas. Um possível plano de leitura da Bíblia para você seguir em cada um dos cinquenta dias foi incluído abaixo. Ele insere convenientemente a leitura do Salmo 119 e do livro de Atos. É possível observar em qualquer calendário judaico encontrado na internet ou, por outro lado, ver quando as Primícias e o Pentecostes ocorrem no calendário em qualquer ano.

## CONTANDO O ÔMER POR MEIO DA LEITURA DAS ESCRITURAS

Dia	Passagem	Dia	Passagem
1	Salmo 119:1-8	26	Atos 4
2	Salmo 119:9-16	27	Atos 5
3	Salmo 119:17-24	28	Atos 6
4	Salmo 119:25-32	29	Atos 7
5	Salmo 119:33-40	30	Atos 8
6	Salmo 119:41-48	31	Atos 9
7	Salmo 119:49-56	32	Atos 10
8	Salmo 119:57-64	33	Atos 11
9	Salmo 119:65-72	34	Atos 12
10	Salmo 119:73-80	35	Atos 13
11	Salmo 119:81-88	36	Atos 14
12	Salmo 119:89-96	37	Atos 15
13	Salmo 119:97-104	38	Atos 16
14	Salmo 119:105-112	39	Atos 17
15	Salmo 119:113-120	40	Atos 18
16	Salmo 119:121-128	41	Atos 19
17	Salmo 119:129-136	42	Atos 20
18	Salmo 119:137-144	43	Atos 21
19	Salmo 119:145-152	44	Atos 22
20	Salmo 119:153-160	45	Atos 23

21	Salmo 119:161-168	46	Atos 24
22	Salmo 119:169-176	47	Atos 25
23	Atos 1	48	Atos 26
24	Atos 2	49	Atos 27
25	Atos 3	50	Atos 28

A Festa de Pentecostes é um momento perfeito para planejarmos um Festival de Verão com Jesus. Seria apropriado para a família ou o pastor ler ou preparar um sermão baseado em Atos 2, incluindo uma explicação do contexto bíblico da festa. A isso seguiria um momento de ação de graças e louvor, invocando o Espírito Santo para que Ele preencha as pessoas presentes como O fez no Dia de Pentecostes. Três mil foram tocados pela mensagem de Pedro e também batizados naquele dia. Esse seria um momento fantástico para batizar novos convertidos.

Visto que o Pentecostes era um festival de colheita, seria apropriado trazer pão e itens de comida enlatada para doar à despensa da igreja para os necessitados como oferta movida ao Senhor. O povo poderia trazer um total de 50 bisnagas e, de fato, movê-las ao Senhor à medida que as apresentar. O livro de Rute poderia ser lido ou encenado. Um concerto ao ar livre com culto nos moldes do Tabernáculo de Davi juntamente com um piquenique da igreja poderiam ser planejados como parte do programa.

Essas são apenas algumas sugestões.

## CELEBRANDO A FESTA DAS TROMBETAS (ROSH HASHANÁ)

Aprendemos que a Festa das Trombetas era no primeiro dia do sétimo mês no calendário religioso. Lembre-se de que este é o mês hebreu de *Tishrei*, o qual corresponde aos meses de setembro/-outubro no calendário gentio. *Tishrei* também é o primeiro mês no ano civil judaico, o Ano Novo judaico. Em hebraico, a palavra *Rosh* significa cabeça ou começo e *Hashaná* significa “o ano”. Então o nome hebraico para esse começo do ano é *Rosh Hashaná*.

Devido ao fato da principal atividade nesse dia ser o toque das trombetas, ele é chamado em hebraico de *Yom Teruá*, o Dia de Soar a Trombeta. Enquanto os gentios celebram o Ano Novo com folia, na tradição judaica, a Festa das Trombetas é uma chamada a um despertar espiritual, a uma guerra espiritual e a um arrependimento que culmina dez dias depois no Dia da Expição, *Yom Kippur*.

Na prática, o povo judeu começava a preparação para o Dia da Expição um mês antes de *Tishrei*. Esse é o mês de *Elul*, que corresponde aos meses de agosto/setembro no calendário gentio. A tradição judaica ensina que Moisés subiu para encontrar-se com Deus no Monte Sinai no começo do mês de *Elul* e retornou 40 dias depois, no Dia da Expição. Em vista disso, o *shofar* é tocado na sinagoga a cada manhã dos 30 dias de *Elul* mais os dez dias, desde *Rosh Hashaná* até *Yom Kippur*. Isso dá um

total de 40 dias de preparação enquanto o som da *shofar* chama o povo ao arrependimento. A palavra hebraica para arrependimento ou retorno é *teshuvá*.<sup>[Nota 3]</sup> Também acredita-se que o som do *shofar* apavora o diabo. Então, ela é um instrumento de guerra assim como de arrependimento e revelação.

O som do *shofar* é um dos sons mais assombrosos que se pode ouvir vindo de um instrumento. Eu suponho que isso aconteça porque o *shofar* na Bíblia “é instrumento de escolha de Deus”. *The Encyclopedia of Judaism* diz que o *shofar* “chama os pecadores ao arrependimento, desperta pensamentos acerca da soberania, da justiça e do poder redentor de Deus e expressa a esperança dos judeus de que o Senhor logo dentro em pouco ‘tocará a grande trombeta’ para proclamar libertação e a reunião dos exilados na terra de Israel”.<sup>[Nota 4]</sup>

O rabino Wayne Dosick comenta que o som do *shofar*, no *Rosh Hashaná*, “serve como um aviso prévio ao povo para deixar o cansaço de lado, examinar seus feitos, melhorar sua conduta; isso serve como uma prévia do anúncio do julgamento de Deus, e como um lembrete que, um dia, o reino de Deus – tempo do Messias – será anunciado ao mundo inteiro”.<sup>[Nota 5]</sup>

Maimônides foi um dos maiores sábios judeus. Ele escreveu sobre a importância simbólica da *shofar* com essas palavras: “Despertai, ó vós que dormis! Despertai do seu sono! Examinai vossos feitos e arrependei-vos.

Ó, vós que esqueceis a verdade nas vaidades do tempo e andais perdidos o ano todo atrás da vaidade e da insensatez as quais não trazem proveito nem salvam – lembrai-vos de vosso Criador! Olhai para vossas almas e endireitai vossos caminhos e ações. Abandonai cada um de vós os caminhos maus e os pensamentos perversos e retornai a Deus para que Ele tenha misericórdia de vós”.<sup>[Nota 6]</sup>

No Novo Testamento, o apóstolo Paulo escreveu de forma semelhante: “Desperta, ó tu que dormes, levanta-te dentre os mortos e Cristo resplandecerá sobre ti” (Ef. 5:14).

O *shofar* é tão importante que a Bíblia diz que o próprio Senhor o tocará quando vier redimir Seu povo: “Então o Senhor aparecerá sobre eles; sua flecha brilhará como o relâmpago. O Soberano, o Senhor, tocará a trombeta [*shofar*] e marchará em meio às tempestades do sul” (Zc. 9:14). É possível ver por essas afirmações o quão importante o *shofar* é para o Senhor.<sup>[Nota 7]</sup>

Pelo fato do Senhor ter providenciado um carneiro como substituto para Isaque na história de Gênesis, o povo judeu costuma ler Gênesis 22 no *Rosh Hashaná*. Em hebraico, a história de Isaque é chamada de *akedá*.<sup>[Nota 8]</sup> A tradição judaica ensina que Deus preservou os dois chifres do carneiro que tomou o lugar de Isaque. Ele tocou o chifre menor no Monte Sinai quando deu-lhes a Torá e tocará o maior para proclamar redenção na vinda do Messias.<sup>[Nota 9]</sup> Nossa! Qualquer cristão deveria ser capaz de ver a conexão entre o sacrifício de Isaque e o sacrifício de Jesus, Aquele que tocará o grande *shofar* em Sua vinda.

Em conexão com o arrependimento e a busca a Deus para receber perdão, o povo judeu tem uma tradição de recursos visuais muito poderosa chamada *Tashlich*. Essa palavra hebraica significa “lançar

ou jogar”.

A cerimônia envolve reunir-se perto de águas correntes e simbolicamente “lançar” seus pecados dentro da água para serem levados pela correnteza.

O adorador faz isso ao jogar migalhas de pão ou pequena pedras dentro da água.<sup>[Nota 10]</sup> Esse ato comovente foi inspirado na passagem de Miquéias 7:19 que diz: “De novo terás compaixão de nós; pisarás as nossas maldade se atirará todos os nossos pecados nas profundezas do mar”.

A tradição judaica ensina que Deus sela os nomes dos justos no *Rosh Hashaná* e revela seu destino dez dias depois no *Yom Kippur*. Não é de se admirar que eles se cumprimentem com a expressão *shaná tová*, cujo significado é “Que seja um bom ano”, ou com um cumprimento mais espiritual *L’shaná tová tikatevu*, cujo significado é “Que você esteja inscrito (no Livro da Vida) para um bom ano”.<sup>[Nota 11]</sup> Para o povo judeu, o período de dez dias entre o *Rosh Hashaná* e o *Yom Kippur* é o tempo de fazer muitas boas obras ( *mitzvot*) com esperanças de que Deus verá seus esforços e os incluirá no Livro da Vida.<sup>[Nota 12]</sup>

De acordo com esse mesmo tema, o povo judeu celebra *Rosh Hashaná* comendo maçãs mergulhadas no mel. Esse é um outro recurso visual que simboliza sua esperança de um doce ano novo. Uma oração típica dessa época é: “Que seja da Tua vontade, ó Senhor nosso Deus, que sejamos renovados para esse bom e doce ano novo”.<sup>[Nota 13]</sup>

Deveria ser óbvio, após lermos isso, como os cristãos podem celebrar esse maravilhoso dia festivo. Se você tiver condições financeiras, pode comprar um *shofar* e tocá-lo em casa. Tem de diversos tamanhos e preços e a família vai amar. Você não precisa saber como tocar o *shofar*, apenas toque-o como uma lembrança de tudo o que ele significa.

Você também pode ler as passagens apropriadas, tal como o uso de trombetas em Números 10, a história de Josué e a batalha em Jericó. É possível ter sua própria cerimônia de *Tashlich* enquanto lê Miquéias 7:19 e Salmos 103:12. Você pode ler passagens do Novo Testamento acerca da vitória de Jesus sobre as tentações malignas em Mateus 4 e outras passagens, tais como as instruções de Paulo acerca da armadura de Deus em Efésios 6. Você pode preparar maçãs do amor, bolos de mel, etc, e cumprimentar ao seu próximo com as saudações apropriadas. Seu único limite é sua própria criatividade e imaginação. Você pode ler Apocalipse 4 e 5 e agradecer a Deus porque seu nome está escrito no Livro da Vida do Cordeiro. Aleluia!

## CELEBRANDO O DIA DA EXPIAÇÃO (YOM KIPPUR)

Lembre-se que em Levítico 16 lemos que o Dia da Expição era o dia em que o Sumo Sacerdote entrava no interior do Templo Sagrado e oferecia o sangue na Arca da Aliança como expiação pelos pecados do povo. Por causa da séria natureza desse evento, o Dia da Expição é considerado o dia mais solene no calendário bíblico. Na verdade, é o único dia de jejum obrigatório na Bíblia.

O Dia da Expição é o dia de “afligir nossas almas”, linguagem bíblica para ilustrar a humilhação diante de Deus. Tiago referia-se a isso quando escreveu: “Aproximem-se de Deus, e ele se aproximará de vocês!

Pecadores, limpem as mãos, e vocês, que têm a mente dividida, purifiquem o coração. Entristecem-se, lamentem-se e chorem. Troquem o riso por lamento e a alegria por tristeza. Humilhem-se diante do Senhor, e ele os exaltará” (Tg. 4:8-10).

Isso certamente esclarece o propósito do *Yom Kippur*. Como a Bíblia explica, esse é um dia de “pano de saco e cinzas”, para ir até Deus com espírito quebrantado e coração contrito. É um dia de buscar a graça e a misericórdia de Deus para o perdão dos pecados e buscar a capacidade de suportar as nossas provações e sofrimentos.

Devido à séria natureza desse período do calendário, os dez dias desde o *Rosh Hashaná* até o *Yom Kippur* são conhecidos como os Dias de Arrependimento, *Yamim Nora'im* em hebraico. De todas as festas, esses santos dias religiosos são chamados de Grandes Festas ou Grandes Dias Santos. Mais judeus comparecem à sinagoga durante essas práticas religiosas do que durante as outras festas ao longo do ano. Esse é o único período do ano em que os judeus levam Deus a sério, mesmo que possivelmente não Lhe tenham dado muita atenção. [\[Nota 14\]](#)

O povo judeu tem um livro de orações poderoso chamado de *Sidur*.

Encorajo todos os cristãos a comprarem um exemplar. Obviamente, essas orações não fazem referência a Jesus, mas estão contidas na Bíblia hebraica, sendo a mais conhecida delas como *Kol Nidrei*, cujo significado é “todos os votos”. É uma oração insistente a Deus na qual os adoradores pedem ao Pai que lhes mostre misericórdia cancelando todos os votos que eles não conseguiram cumprir durante o ano.

O *Sidur* também contém uma oração longa que inclui as “falhas”

humanas para as quais o adorador busca perdão. O judaísmo entende que o Todo-poderoso não perdoará os pecados do povo a menos que eles sejam justos uns com os outros. Então, esse é o momento de perdoar nossos irmãos por ofensas sofridas.

Há um antigo costume judaico no *Yom Kippur* chamado *Kapará*, cujo significado é expiação. Nesse ritual, o adorador pega um galo branco para os homens e uma galinha branca para as mulheres e gira a ave acima da cabeça três vezes enquanto recita a seguinte oração: “Essa é minha troca, esse é meu substituto, essa é minha expiação. Esse galo (para os homens) ou essa galinha (para as mulheres) morrerá enquanto eu viverei uma vida boa e longa e terei paz”. [\[Nota 15\]](#)

Essa oração foi retirada diretamente do *Sidur*. Para os cristãos, a conexão com Jesus é óbvia. Seu sangue fez expiação por nossos pecados.

Sua morte foi o sacrifício definitivo em nosso favor. Não precisamos do sangue de um frango ou

qualquer outro animal para cobrir nossos pecados, porque pecamos e precisamos buscar a Deus para receber perdão tendo como base o sangue de Jesus.

João faz uma afirmação que os cristãos podem usar como sua oração de *Yom Kippur*: “Se afirmarmos que temos comunhão com ele, mas andamos nas trevas, mentimos e não praticamos a verdade. Se, porém, andarmos na luz, como ele está na luz, temos comunhão uns com os outros, e o sangue de Jesus [Yeshua], seu Filho, nos purifica de todo pecado.

Se afirmarmos que estamos sem pecado, enganamos a nós mesmos, e a verdade não está em nós. Se confessarmos os nossos pecados, ele é fiel e justo para perdoar os nossos pecados e nos purificar de toda injustiça” (1 Jo. 1:6-9).

Além de buscar o perdão de Deus, esse é um bom momento para perdoar aqueles que o machucaram e buscar o perdão daqueles que você possa ter magoado. Obviamente, devemos fazer isso sempre que temos consciência dessa necessidade. Mas, para o caso de termos negligenciado essa importante ordem do Senhor, o *Yom Kippur* é um bom momento para fazer as coisas da maneira certa.

Jesus falou claramente sobre a necessidade do perdão. Ele disse: “Pois se perdoarem as ofensas uns dos outros, o Pai celestial também lhes perdoará. Mas se não perdoarem uns aos outros, o Pai celestial não lhes perdoará as ofensas” (Mt. 6:14-15). Deus perdoou a grande dívida do pecado. Visto que Ele perdoou-nos com tão grande débito, certamente deveríamos perdoar uns aos outros pela pequena dívida que eles têm conosco.

O *Yom Kippur* é um bom momento para os cristãos lerem Levítico 16 e 17 e o relato da crucificação de Jesus nos Evangelhos. Esse é um bom momento para confessarmos os pecados ao Senhor e um ao outro. É um bom momento para nos arrependermos, aceitarmos o sangue de Jesus como nossa base para o perdão e começarmos um doce ano novo com o Senhor e nossos amados.

## CELEBRANDO A FESTA DOS TABERNÁCULOS (SUCCOT)

A Festa dos Tabernáculos tem uma importância universal tão grande no programa redentor de Deus que Ele exige que todas as nações venham a Jerusalém para celebrar essa festa durante o Milênio (veja Zacarias 14:16). Milhares de cristãos estão agindo assim hoje como sinal do período profético no qual estamos vivendo. [\[Nota 16\]](#)

Se você não tem condições de ir a Jerusalém, pode celebrar a festa de *Succot* em sua própria casa. Para isso, construa uma cabana e a deixe disponível durante as cerimônias ou em casa. Esse é um projeto familiar maravilhoso que se denomina *sucá* (cabana). O pai ou os homens da congregação poderiam construir a estrutura (três lados e o teto). Lembre-se de construir o teto com abertura suficiente para ter uma visão do céu. Um telhado de treliça funciona bem. O quarto lado é a porta. A mãe ou as mulheres da congregação podem trazer colchas ou lençóis coloridos para os lados. As crianças podem participar decorando a cabana com bandeirolas, frutas, luzes, *etc.* Você pode cobrir o teto com ramos frondosos, galhos de pinheiro ou ramos de palma, *etc.* Certifique-se e arme a cabana

em um lugar acessível durante toda a semana dos Tabernáculos. Passe algum tempo na *sucá*, faça uma refeição e tenha comunhão com orações, leitura da Palavra, brincadeiras, *etc.*

A Festa dos Tabernáculos é um momento de grande alegria e esplendor. Essa é uma grande oportunidade para ler o contexto da Festa dos Tabernáculos em Levítico e João 7:37-39. Juntamente com um ensino apropriado e leitura bíblica, os membros da família ou da igreja podem se envolver fazendo estandartes (veja Salmos 20:5). Pode-se ter um desfile de estandartes acompanhado por adoração e louvores alegres nos moldes do Tabernáculo de Davi. Os estandartes podem ser exibidos a semana inteira.

Visto que a Festa dos Tabernáculos representa o reinado milenar, seria apropriado aprender sobre como será a vida durante esse período na terra. Um desfile municipal poderia ser planejado para a tarde com muitas igrejas participando. Isso poderia culminar em um culto de louvor e adoração em um local de encontro central, tal como um parque ou um estádio.

Celebrando a Festa de Purim Purim é um dia de alegria e celebração. Literalmente, é uma festa.

Sendo Purim uma história registrada no livro de Ester, o povo judeu lê este livro bíblico durante a festa.

Quando leem Ester, nossos amigos judeus se divertem bastante. Visto que Hamã representa seu arqui-inimigo, sempre que seu nome é lido, eles vãoam, e o assobiam, batem os pés e tocam cornetas barulhentas chamadas *groggers* para abafar a menção de seu nome. Eles vibram à menção de Mardoqueu. Em nossa própria celebração cristã de Purim, acrescentei as interjeições “uh e ah” à menção de Ester. Trazemos cornetas barulhentas para abafar a referência a Hamã e depois para vibrar com Mardoqueu. Deu para notar que Purim pode ser muito divertido!

O povo judeu envia presentes a seus amigos e faz caridade para com os pobres, como está registrado no livro de Ester. Um doce especial chamado “orelhas de Hamã” é preparado. Ele tem três ângulos e geralmente é recheado com sementes de papoula ou outros recheios. É possível comprá-lo em qualquer padaria judaica durante a festa. Então Purim é celebrado em uma atmosfera de carnaval com bailes de máscaras, fantasias e muita celebração. Todos divertem-se muito.

As crianças amam essa celebração porque podem jogar, comer muitas guloseimas e fantasiarem-se como os personagens bíblicos do livro de Ester. Cestas de comida podem ser preparadas e presentes podem ser trocados como uma maneira de celebrar.

Além do que foi citado antes, pode-se fazer uma encenação do livro de Ester. Como cristãos, nós também podemos ler a história de Jesus em Jerusalém curando o homem na Piscina de Betesda como foi registrado em João 5. As possibilidades são limitadas somente pela sua imaginação.

## CELEBRANDO O CHANUKÁ

Embora Chanuká venha sendo celebrado há séculos, somente em tempos recentes que ganhou

importância. Isso provavelmente aconteceu por causa da necessidade do povo judeu ter uma alternativa para o Natal, visto que ambos são celebrados em dezembro.

O foco central da celebração dos oito dias de Chanuká é acender a menorá de oito hastes chamada *Chanukiá*. As *chanukiás* estão disponíveis em qualquer loja de presentes judaica. A *chanukiá* tem uma nona vela chamada *shamash*. Essa palavra significa “servo”. A vela auxiliar é usada para acender as outras oito. As velas são colocadas na *chanukiá* a cada noite durante os oito dias de celebração e são acesas da esquerda para a direita. Então a *shamash* é acesa primeiro e depois as outras.

De uma perspectiva cristã, Jesus é a Luz do serviço que ilumina nossas vidas com o fogo de Deus quando recebemos Seu Espírito em nós. Jesus disse: “Enquanto estou no mundo, sou a luz do mundo” (Jo. 9:5). Quando Sua vida está brilhando em nós, somos *chanukiás* humanas trazendo glória e honra para nosso Senhor.

Lembremos do que Jesus disse aos Seus seguidores: “Vocês são a luz do mundo. Não se pode esconder uma cidade construída sobre um monte.

E, também, ninguém acende uma candeia e a coloca debaixo de uma vasilha. Ao contrário, coloca-a no lugar apropriado, e assim ilumina a todos os que estão na casa. Assim brilhe a luz de vocês diante dos homens, para que vejam as suas boas obras e glorifiquem ao Pai de vocês, que está nos céus” (Mt. 5:14-16).

Certamente seria aceitável para os cristãos comprar uma *chanukiá* e acendê-la durante Chanuká como uma representação do Senhor. Sendo assim, esse é um modo visual de manter-nos conectados com nosso Senhor.

Três bênçãos especiais são pronunciadas na primeira noite antes da *shamash* ser acendida. Após as bênçãos serem pronunciadas, acendem-se as velas e a celebração começa. Assim, as duas primeiras bênçãos são pronunciadas a cada noite. Um cristão desejoso de celebrar Chanuká pode bendizer da seguinte maneira: “Bendito sejas Tu, ó Senhor nosso Deus, Rei do universo, tu que nos santificaste por meio do Messias Jesus, nossa verdadeira Luz”.

“Bendito sejas Tu, ó Senhor nosso Deus, Rei do Universo, tu que operaste milagres para salvar o povo judeu de modo a nos dar o Messias”.

“Bendito sejas Tu, ó Senhor nosso Deus, Rei do universo, tu que nos mantiveste vivos, sustentaste-nos e trouxeste-nos a este momento”.

Chanuká pode ser um momento muito emocionante para os cristãos.

Pode-se ler a história de Jesus celebrando a festa, como está registrado em João 10. Você pode celebrar com canções, comidas e brincadeiras especiais. Acontece muitas festas e muitos presentes são trocados. Esse é o momento de relembrar a história dos Macabeus e o milagre que Deus operou conforme a tradição. Também é outra oportunidade de produzir uma peça seguida de uma festa e de um momento de ação de graças ao Senhor. Os membros da família podem brincar com jogos de

Chanuká.

Uma brincadeira especial desta festa é chamada de *dreidel*, ou seja, um pião de quatro lados que gira. Cada lado da peça possui uma letra do alfabeto hebraico. As quatro letras formam um acróstico que significa “Um grande milagre aconteceu lá”. Em Israel, a última palavra é mudada para aqui. O ganhador do *dreidel* ganha o maior número de *gelt* (dinheiro de chocolate) e, à medida que giramos o brinquedo, somos lembrados dos grandes milagres que aconteceram em Jerusalém há 2.000 anos quando Jesus andou sobre a terra.

Em Chanuká, as comidas são preparadas em óleo como um lembrete do milagre do óleo quando o Templo foi rededicado. Para comemorar a ocasião, muitos lares alimentam-se de panquecas de batata chamadas de *latkes* e de *donuts* recheados com geleia e fritos em óleo. Até mesmo isso pode ser um lembrete visual de que nós devemos ser cheios do “óleo do Espírito Santo”.

## CELEBRANDO O SHABAT

O propósito desse livro é ensinar como as sete Festas bíblicas do Senhor são representações visuais que remetem imagens apontando para Jesus. Muitos cristãos também têm descoberto isso sobre o Shabat.

Um dos meus livros, *Shabat Shalom*, explica de uma maneira “fácil de entender para o cristão” o que a Bíblia hebraica diz sobre o Shabat, o Shabat entre os Testamentos, Jesus, Paulo e o Shabat, o Shabat e a Igreja do Novo Testamento e o Shabat para os cristãos no mundo de hoje. Na última parte desse livro prático, eu explico com passos claros e fáceis de seguir como os cristãos podem honrar ao Senhor e celebrar o Shabat em suas casas.

Milhares de cristãos tiveram suas vidas mudadas e suas famílias fortalecidas pela leitura desse livro e pela prática do que aprenderam. É um grande recurso, pois você aprenderá como fazer refeições em família, ter um momento de adoração e abençoar sua família. Ao celebrar Jesus no Shabat, seu lar pode ser um templo de Deus, sua mesa um altar ao Senhor e sua vida uma canção a Deus. [\[Nota 17\]](#)

## Revisão de estudo Pessoal

O fato de você ter lido este livro significa que o Senhor o está movendo a aprender sobre as raízes bíblico-hebraicas de nossa fé cristã.

À medida que Ele opera o querer em seu coração, você desejará celebrar Jesus nas Festas do Senhor assim como em Purim e em Chanuká. Embora isso signifique alguns ajustes em seu calendário e na vida da família, as bênçãos e recompensas são ótimas. Comece agora a planejar e organizar-se para a próxima festa do calendário. E, por favor, entre em contato conosco para que possamos ajudá-lo nessa emocionante jornada.

## Notas de Os Cristãos Celebrando A Jesus Nas Festas Judaicas

Nota 1 - Há mais de 30 anos, eu escrevi um livro sobre a aliança. O Milagre do Fio Escarlate tornou-se um clássico sobre esse assunto dos mais vendidos mundialmente. Eu sou eternamente grato a Deus por me escolher para escrever esse livro. [\[Voltar\]](#)

Nota 2 - Juntamente com a publicação impressa, eu fiz uma gravação de uma apresentação ao vivo em CD de áudio. Há várias maneiras de usar esse material como guia para ter sua própria celebração de Páscoa. Em primeiro lugar, você pode pedir o CD e imprimir o Sêder, ouvir e ler. Em segundo lugar, você pode pedir o CD e um exemplar do Sêder para cada membro da família. Se você escolher essa opção, todos poderão ouvir juntos ao CD enquanto seguem a leitura com seu Sêder impresso. Por exemplo, se você tiver cinco pessoas na família, você precisaria de um CD e cinco exemplares do Sêder. Finalmente, eu tenho o Sêder completo em uma apresentação de PowerPoint profissional, o qual eu posso disponibilizar em sua igreja. Se você estiver interessado, é possível adquirir o CD e o Sêder impresso em minha loja virtual. [\[Voltar\]](#)

Nota 3 - Veja [www.jewishencyclopedia.com/viewjsp?artid=216&letter=R](http://www.jewishencyclopedia.com/viewjsp?artid=216&letter=R). [\[Voltar\]](#)

Nota 4 - Geoffrey Wigoder, Ed., The Encyclopedia of Judaism (New York: MacMillan Publishing Company, 1989), 653. [\[Voltar\]](#)

Nota 5 - Wayne Dosick, Living Judaism (New York: Harper Collins, 1995), 133. [\[Voltar\]](#)

Nota 6 - Yechiel Eckstein, What Christians Should Know about Jews and Judaism (Waco, TX: Word, Inc., 1984), 119. [\[Voltar\]](#)

Nota 7 - Se você quiser saber mais sobre o shofar, você pode adquirir meu livro intitulado The Shofar: Ancient Sounds of the Messiah. [\[Voltar\]](#)

Nota 8 - Veja [www.ou.org/about/judaism/a.htm](http://www.ou.org/about/judaism/a.htm) [\[Voltar\]](#)

Nota 9 - Veja [www.rabbiyeshua.com/articles/2001/akeidah.htm](http://www.rabbiyeshua.com/articles/2001/akeidah.htm) [\[Voltar\]](#)

Nota 10 - Veja [http://judaism.about.com/od/roshhashana/a/shana\\_tashlich.htm](http://judaism.about.com/od/roshhashana/a/shana_tashlich.htm) [\[Voltar\]](#)

Nota 11 - Veja [www.hebrew4christians.com/Holidays/Fall\\_Holidays/Rosh\\_Hashannah/rosh\\_hashannah.html](http://www.hebrew4christians.com/Holidays/Fall_Holidays/Rosh_Hashannah/rosh_hashannah.html) [\[Voltar\]](#)

Nota 12 - Veja <http://en.wikipedia.org/wiki/Mitzvah>; <http://rabbi.bendory.com/audio/teshuva/teshuva12.php> [\[Voltar\]](#)

Nota 13 - Veja [www.hebrew4christians.com/Holidays/Fall\\_Holidays/Rosh\\_Hashannah/rosh\\_hashannah.html](http://www.hebrew4christians.com/Holidays/Fall_Holidays/Rosh_Hashannah/rosh_hashannah.html) [\[Voltar\]](#)

Nota 14 - Veja <http://articles.latimes.com/1998/sep/19/local/me-24322> [\[Voltar\]](#)

Nota 15 - Veja [www.joi.org/celebrate/yomkippur/kaparos.shtml](http://www.joi.org/celebrate/yomkippur/kaparos.shtml) [\[Voltar\]](#)

Nota 16 - Se você deseja ir a Jerusalém para celebrar a Festa dos Tabernáculos, por favor, entre em contato conosco para saber sobre nossas excursões ou veja nosso site. [\[Voltar\]](#)

Nota 17 - Para informações acerca de como cristãos podem celebrar Jesus no Sabbath, por favor, adquira meu livro, Shabbat Shalom, disponível na loja virtual no site [www.rbooker.com](http://www.rbooker.com) [\[Voltar\]](#)

## SOBRE O AUTOR

Richard Booker, MBA, PhD, é um pastor cristão ordenado, Presidente da Sounds of the Trumpet, Inc., e o Fundador/Diretor do Institute for Hebraic-Christian Studies. Antes de entrar para o ministério, Richard tinha uma carreira bem-sucedida nos negócios.

Ele é autor de trinta livros e numerosos seminários que são usados por igrejas e escolas Bíblicas ao redor do mundo.

Richard tem viajado bastante por mais de trinta anos, ensinando em igrejas e em conferências acerca de vários aspectos da vida cristã, assim como sobre Israel e as raízes hebraicas do cristianismo. Ele e sua esposa, Peggy, tem liderado excursões anuais a Israel onde, durante dezoito anos, foi orador na International Christian Celebration of the Feast of Tabernacles em Jerusalém. Desse encontro participam 5.000 cristãos de 100 nações.

Richard e Peggy co-fundaram o Institute for Hebraic-Christian Studies (IHCS) em 1997 como um ministério para educar cristãos na cultura hebraica e no contexto bíblico, para construir relacionamentos entre cristãos e judeus e para dar consolo e apoio ao povo de Israel. Seu trabalho incansável em favor dos cristãos e judeus tem sido reconhecido em todo o mundo e também está sendo representado na Knesset Christian Allies Caucus.

Richard é considerado um pioneiro e pai espiritual no ensino sobre Israel, relações judaico-cristãs e raízes bíblico-hebraicas do cristianismo.

Para saber mais sobre seu ministério, visite seu Website e sua loja virtual em [www.rbooker.com](http://www.rbooker.com) ou [www.soundsofthetrumpet.com](http://www.soundsofthetrumpet.com). Se você quiser uma palestra do Dr. Booker em sua igreja ou congregação, entre em contato com ele pelo seu e-mail [shofarprb@aol.com](mailto:shofarprb@aol.com)